

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP**

DENIS CANAL MENDES

O LIVRO VERMELHO DE C. G. JUNG NO TRABALHO CLÍNICO DO
ANALISTA JUNGUIANO NA AMÉRICA LATINA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo
2019

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP**

DENIS CANAL MENDES

O LIVRO VERMELHO DE C. G. JUNG NO TRABALHO CLÍNICO DO
ANALISTA JUNGUIANO NA AMÉRICA LATINA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

São Paulo
2019

BANCA EXAMINADORA

Nós não somos os criadores de nossas ideias,
mas apenas seus porta-vozes; são elas que nos
dão a forma... e cada um de nós carrega a
tocha que no fim do caminho outro levará.
(JUNG, [1961] 1975, p.8)

In memoriam:

dos ilustríssimos junguianos brasileiros que conheci e que deixaram suas sementes em mim; Rosa Farah (1949-2016), Priscilla Caviglia (1958-2017), Jette Bonaventure (1938-2018) e Carlos Byington (1933-2019).

Aos meus pais: Degas e Céu.
Gratidão Eterna!

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial ao CAPES: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil) – Código de Financiamento 001.

Primeiramente à الله pela possibilidade *itinerante* de estar vivo e lúcido.

Gratidão! Agradecer é um ato que recupera a humildade, valoriza aquilo que muitas vezes esquecemos, sejam eles: indivíduos, grupos ou entidades. Nesse sentido, gostaria de dar voz a todos os anônimos e valorizar todos aqueles que participaram direta ou indiretamente dessa empreitada, semeando e regando desde o início este projeto.

A todos os analistas latino-americanos: da AJB e SBPA (Brasil), SCAJ (Colômbia), SUPA (Uruguai), SOMEJ (México), AVPA e SVAJ (Venezuela); como aos analistas nômades da Argentina, Chile, Equador, México, Panamá, Peru, entre tantos outros filiados à IAAP, que contribuíram para ampliação e o *opus* junguiano, dedicando o tempo e a paciência para esta pesquisa.

Em especial à Lisímaco Henao (SCAJ) pelo olhar sensível, ampliações e novas perspectivas e ao Dr. León Bonaventure pelo *éter* junguiano.

Ao Departamento de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP, em especial ao Núcleo de Estudos Junguianos - NEJ, por acreditar nesse projeto.

À Associação Junguiana do Brasil - AJB, por ser um lugar de “incubação e pertencimento” o *modus operandi* da Psicologia Junguiana contemporânea: Gratidão!

Aos inspiradores desse projeto: Sonu Shamdasani, pela sincronicidade do encontro e Walter Boechat, pelo processo transformador e contribuição ímpar à comunidade junguiana.

A Durval Luiz de Faria, por legitimar a minha trajetória como pesquisador e analista junguiano, concedendo pertencimento à academia: *Eros*.

À Denise G. Ramos, pela acolhida, sugestões e abertura, ao presentear-me com os trabalhos de Murray Stein, uma contribuição construtiva e reflexiva nesta jornada junguiana.

À Carla Renata Peres Pina, pelo amor paciente, delicadeza e carinho: uma jornada de encontros e convergências; rosa vermelha sem espinhos: eterna paixão!

À Martha Virginia e Cristiane Adamo, companheiras da jornada noturna junguiana e do mergulho no estudo do *Liber Novus*: minha eterna gratidão.

À Irene Gaeta, pelo amor e afetividade: eterna interlocução junguiana criativa de vanguarda.

A Rubens Braganich, pela inspiração junguiana de vanguarda: Gratidão!

À Laura Villares de Freitas, pela compreensão da importância desse trabalho, por conceder seu precioso tempo para a ampliação da perspectiva junguiana sobre o *Liber Novus*.

À Marcella Caroline pela sua trajetória de vida e luta, por abraçar a causa junguiana ajudando na tradução dos textos mais “robustos” da língua inglesa.

À Paty Haldich, pela gentileza, disponibilidade e ajuda: *Namastê!*

A Marcos Polcino, pela ajuda elucidativa do programa “*surveymonkey.com*”: Gratidão!

À Simone Heitor, pela colaboração impecável nas transcrições em espanhol: Gratidão!

A Leonardo Tondato, pela abertura, apoio, simplicidade, impermanência e fé.

À Ana Rios, pelo olhar do “menino grande” e do trabalho sutil junguiano.

À Ida Kublikowski, pela afetividade, coerência e consistência: um lindo presente.

À Liliana Wahba, pela seriedade e enriquecimento teórico, singeleza e afeto: outro presente.

À Silvia Conti, por presentear-me com o seu encontro e seu trabalho peculiar.

À Eliane Rosa, por cortejar a liberdade: Gratidão!

Aos amigos(as) adquiridos nesse período: Letícia, Vivi, Tiago, Marina, Amanda, Clarissa, Beth, Ezequiel, Jefferson, Camila, Patrícia, Luna, Bárbara, Julieta, Fabio, Michel, Isis e Sonia, pela crítica criativa, troca, paciência, inquietação e perspectivas junguianas.

Em especial aos queridos(as): Luciana Romano, Raul A. Barreto, Carlos Bichuetti, Fabio Rezek, Ana Navarro e Sofia Marques, pela parceria: simplicidade, humildade e generosidade; pessoas excepcionais de coração gigante, meu eterno reconhecimento.

A meu *brother* Dani, aquele que me ensinou a enxergar vida nas rochas, paradoxalmente a minha experiência como analista: obrigado pela paciência e apoio ao nossos pais: *Namastê!*

A Airton Castanha, pela inteireza e olhar crítico: integração e história de vida: eterno desbravador.

A Roberto Mello, camarada das diversas jornadas “noturnas”, grato pela sua generosidade ímpar, lapidação e revisão crítica dos textos e trabalhos nas suas diversas etapas.

À Laura, pelo acolhimento em seu *Ethos Humano* nos momentos dispares de 2018.

À Silvana Parisi, pelo olhar sensível, gratidão!

À Luciana Helena Mussi, por novamente contribuir com a finalização de um projeto: Gratidão!

Ao meu analista e colega de percurso, José Márcio Luvisotto, por acreditar e inspirar à essência junguiana, não deixando *Cronos* decepar à *Eros*.

À PUC/SP, pela missão e excelência, incentivo e investimento em pesquisa, um lugar mais à “ESQUERDA”; agradecido pela possibilidade de fazer parte dessa história como aluno, após esses meus longínquos 20 anos distantes da academia.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente participaram na elaboração desse trabalho, jogaram sementes; cultivando, regando, transpondo limites, mas que não foram citados e agora também colhem os frutos simbolicamente desse empenho, meu eterno agradecimento.

MENDES, D. C. O Livro Vermelho de C. G. Jung no trabalho clínico do analista junguiano na América Latina. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.

RESUMO

O presente trabalho é uma *pesquisa de mestrado* realizada na PUC/SP, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, no Núcleo de Estudos Junguianos-NEJ, dentro do campo da Psicologia Junguiana, com analistas membros das sociedades junguianas oficiais da América Latina (IAAP). Esta pesquisa está estruturada de maneira a revelar o que é o Livro Vermelho (L.V.) apresentando uma *revisão* das publicações do período de 2009 a 2018, dando ênfase para a relevância deste estudo. Apresentamos o *objetivo*, que é estudar o papel do L.V. na prática clínica dos analistas junguianos e o *método*, que está caracterizado por uma metodologia mista: tanto quantitativa, como qualitativa. A pesquisa foi realizada em duas etapas: entender quantitativamente o papel do L.V. e, posteriormente, entender qualitativamente o sentido do L.V. no trabalho clínico do analista junguiano. Na 1ª fase quantitativa foi encaminhado um questionário, via e-mail, utilizando a plataforma *surveymonkey.com* para todos os 378 analistas junguianos latino-americanos. Nesta etapa, apenas 91 analistas se dispuseram a responder as 12 perguntas do questionário de pesquisa. Observou-se na fase quantitativa que todos os analistas achavam importante estudar o L.V. e que 65 % deles mudaram sua percepção, tanto em relação à teoria, como em relação à prática clínica após a leitura do L.V. Na 2ª fase da pesquisa qualitativa foram realizadas 9 entrevistas semidirigidas com os analistas selecionados a partir da fase quantitativa (CRESWELL, 2007). Na fase *resultados e análise*, a partir das narrativas desses analistas, criamos 4 grupos temáticos: I-Prática clínica, II-Jung, III-Teoria viva e IV-Profundidade. Na etapa seguinte, foram analisados os temas dos grupos temáticos, a partir das narrativas dos analistas, adotando a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1975/2016), adaptada por Faria (2003), temas correspondentes que emergiram e foram analisados à luz da abordagem junguiana no contexto de pesquisa (PENNA, 2013). *O estudo* mostra que o L.V. descreve o testemunho vivo do processo de elaboração dos conceitos junguianos, em especial as técnicas expressivas e da imaginação ativa, além do relato vivo da construção da obra junguiana.

Palavras-chave: Livro Vermelho. Analista Junguiano. Prática Clínica.

MENDES, D. C. The Red Book of C. G. Jung in the clinical work of the jungian analyst in Latin American. Dissertation (Master in Clinical Psychology). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.

ABSTRACT

The present work is a master's research carried out in PUC/SP, in the Program of Postgraduate Studies in Clinical Psychology, in the Núcleo de Estudos Junguianos-NEJ, within the field of Jungian Psychology, with analysts members of the official Jungian societies of Latin America (IAAP). This research is structured in such a way as to reveal what is the Red Book (L.V.) presenting a review of publications from the period 2009 to 2018, emphasizing the relevance of this study. We present the objective, which is to study the role of L.V. in the clinical practice of the Jungian analysts and the method, which is characterized by a mixed methodology: both quantitative and qualitative. The research was carried out in two stages: to quantitatively understand the role of L.V. and later, qualitatively understand the meaning of L.V. in the clinical work of the Jungian analyst. In the first quantitative phase, a questionnaire was sent, via email, using the surveymonkey.com platform to all 378 Latin American Jungian analysts. At this stage, only 91 analysts were willing to answer the 12 questions in the research questionnaire. It was observed in the quantitative phase that all the analysts considered important to study the L.V. and that 65% of them changed their perception, both in relation to theory and in relation to clinical practice after the reading of L.V. In the second phase of the qualitative research were conducted 9 semi-directed interviews with the selected analysts from the quantitative phase (CRESWELL, 2007). In the results and analysis phase, from the narratives of these analysts, we created four thematic groups: I-Clinical Practice, II-Jung, III-Living Theory and IV-Depth. In the next stage, the themes of the thematic groups were analyzed from the analysts' narratives, adopting Bardin's content analysis technique (1975/2016), adapted by Faria (2003), corresponding themes that emerged and were analyzed in the light of approach in the context of research (PENNA, 2013). The study shows that the L.V. describes the living testimony of the process of elaboration of Jungian concepts, especially the expressive techniques and the active imagination, as well as the living account of the construction of the Jungian work.

Keywords: Red Book. Analyst Junguiano. Clinical practice.

LISTA DE GRÁFICOS

I	Convidados	51
II	Participantes	52
III	Concordância com TCLE	52
IV	Idade	53
V	Gênero	53
VI	Tempo de prática clínica	54
VII	Contato com o Livro Vermelho	54
VIII	Leitura do Livro Vermelho	55
IX	Modo de Leitura I	55
X	Modo de Leitura II	56
XI	Importância do estudo do Livro Vermelho	56
XII	Mudança da percepção da teoria	57
XIII	Mudança da prática clínica	57
XIV	Significado do Livro Vermelho	58

LISTA DE SÍMBOLOS

I	I Ching	80
II	Mandala	81
III	A Serpente	82
IV	O Barqueiro	53
V	O Livro Sagrado	84
VI	Mandala	84
VII	Orquídea	85
VIII	Fellini	86
IX	Buñuel	86
X	Bergman	86

SUMÁRIO

PREÂMBULO	15
1 INTRODUÇÃO	17
2 O LIVRO VERMELHO OU <i>LIBER NOVUS</i>	23
3 REVISÃO DA LITERATURA DO LIVRO VERMELHO	28
4 OBJETIVOS	43
5 MÉTODO	44
5.1 Característica de estudo.....	44
5.2 Participantes	44
5.3 Instrumentos	45
5.4 Procedimentos	46
5.5 Análise de dados	48
5.6 Procedimentos éticos	49
6 RESULTADOS E ANÁLISE	50
6.1 Resultados e análise quantitativa	50
6.2 Resultados e análise qualitativa	58
6.2.1 Caracterização dos entrevistados	59
6.2.2 Grupos temáticos e temas	60
I – Prática Clínica	62
II – Jung	66
III – Teoria Viva	71
IV – Profundidade	74
6.3 Símbolos	79
6.3.1 Breves considerações sobre os símbolos	87
7 DISCUSSÃO	89
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE A – CARTA AOS ANALISTAS	107
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO (FASE QUANTITATIVA)	109
APÊNDICE C – TCLE (FASE QUALITATIVA)	115
APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA	121
ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	123

PREÂMBULO

O caminho daquele que virá...
(JUNG, [1913] 2010, p. 229)

Desde muito cedo estive envolvido com os mistérios da psique humana e o tema da loucura. Meu interesse pela música, arte, educação e atividades esportivas estabeleceram os pilares da minha construção pessoal, como também se tornaram os alicerces da minha formação profissional, fomentando o meu caminho como psicólogo e analista.

Aproximei-me da psicologia junguiana por conta do conceito de individuação, ao final dos anos 80, quando tive acesso ao livro *Memórias, Sonhos e Reflexões* (JUNG, 1975). O interesse investigativo levou-me aos trabalhos de Carl Gustav Jung (1875-1961) e, posteriormente, aos de Nise da Silveira (1905-1999). Foi na busca e compreensão desses autores que me deparei com o tema deste estudo. Na individuação ocorreria um processo interior de integração dos conteúdos inconscientes à consciência e, isto, provocaria o encontro com o nosso ser mais criativo. Esta imagem me suscitava uma possibilidade ímpar no desenvolvimento humano e é, nesse instante, que a janela da alma se abre.

Sabe-se que a graduação em psicologia é um corredor inquietante para estudar o mundo psíquico e para emergir um bom psicoterapeuta. A formação clínica exige um constante aperfeiçoamento e, como Freud e Jung citam ao longo de suas obras, uma adequada formação clínica é concebida através do tripé analítico: formação teórica (grupos de estudo, seminários), análise pessoal (equação pessoal) e supervisão clínica (orientação sobre os casos em atendimento).

Assim, no desejo de tornar-me analista junguiano, fui em busca de uma formação séria, sólida e que seguisse os critérios exigidos pela *International Association for Analytical Psychology* – IAAP. Desta maneira, ingressei nos quadros da AJB, no Instituto Junguiano de São Paulo em 2003. É de conhecimento de todos que o percurso de formação compreende um processo árduo, custoso e profundo, com duração de, no mínimo, sete anos, ou seja, um trabalho marcado pela metáfora do sacrifício: sacro ofício em prol da transformação psicológica.

Ao longo desses anos de formação, muitos temas tiveram protagonismo, mas o advento do Livro Vermelho (L.V.) tornou-se um marco. A ideia inicial de estudar e vivenciar o L.V. surgiu da percepção de que algo diferente aconteceu na experiência de Jung na construção dessa obra.

A memória é um arquipélago de reedições e, nela, chego à um momento singular em 2011. Após o congresso nacional de psicologia junguiana da AJB com o tema “O Lado Maldito de Jung”, em que o L.V. foi retratado em algumas conferências, senti-me tocado por aquela experiência, dela resultando a imagem enriquecedora da presença de Shandasani (2010), da experiência viva dos analistas envolvidos no processo de edição e tradução do livro.

Como numa picada de um inseto venenoso, fui *infectado* pela experiência vivida e compartilhada por aqueles conferencistas, vi-me mobilizado por tais impressões, o que aflorou em mim o sentimento e um desejo profundo, mais que contagioso, de entrar em contato com a experiência do L.V. de Carl Gustav Jung.

Retornando a São Paulo, procurei pessoas que afetivamente tivessem algum tipo de ligação e que se propusessem a auxiliar-me no aprofundamento do estudo do livro L.V. É importante sinalizar que houve uma sincronicidade entre a criação do grupo, o contato com o L.V. e os momentos de vida de cada integrante. Iniciamos o grupo em 2012, mergulhando no seu conteúdo de maneira não convencional, o que chamamos de ExperiVivência com o L.V.; um processo intenso, profundo, numa tentativa de aproximação da trajetória que Jung fez quando iniciou o trabalho de escrita do livro (ADAMO; MENDES; SOARES E SOUSA, 2015).

Sincronicidades ou epifania? Em 2016 tive um sonho onde fui totalmente inspirado e mobilizado para esta pesquisa. No sonho, eu estava à frente de um portal e este me transportava para um “outro” campo de trabalho onde aprenderia uma “nova” linguagem. Ao acordar, compreendi o sonho como se ele me convidasse a esse novo campo desconhecido e me levasse na direção e descoberta de uma nova linguagem: a acadêmica. A imagem onírica foi tão impactante que dela eclodiu um material inspirador, que o traduzi, produzindo um texto. Na manhã seguinte, nascia o “rascunho” do projeto inicial que se tornaria a semente dessa pesquisa com o *Liber Novus* de C. G. Jung.

1.INTRODUÇÃO

O indivíduo deve entregar-se ao caminho com toda a sua energia, pois só mediante sua integridade poderá prosseguir e só ela será uma garantia de que tal caminho não se torne uma aventura absurda. (JUNG, [1959] 1975, p.75)

A história do surgimento da psicanálise e da psicologia analítica é marcada por momentos significativos, encontros e desencontros. Nesta trajetória apontaremos uma passagem importante, na qual destacamos aqui como significativa e provocadora para o início deste trabalho.

Foi na viagem realizada por Jung com Freud (1856-1939), em 1909, rumo a Universidade de Clark nos EUA, em que pensadores europeus viajavam de navio em direção ao “novo mundo”, com o objetivo de apresentar as suas mais novas ideias e descobertas. Freud, num comentário jocoso à Jung, disse a ele que estavam “levando a peste à América”, referindo-se, metaforicamente, ao impacto que a psicanálise poderia causar aos norte-americanos, após o contato com todo esse arcabouço teórico provindo do estudo e minudência do advento do desconhecido: o inconsciente (GAY, 1989).

A psicanálise¹, que naquela época surgia como uma teoria voltada para o estudo e o trabalho com o material inconsciente, vinha sendo desenvolvida em prol da busca de um maior conhecimento sobre o mundo interior do homem moderno. Assim, a teoria em questão, apareceu ao público provocando curiosidade e perplexidade. Freud e Jung, colaboradores até 1912, estimularam e contribuíram muito para a propagação do estudo da psique humana. Cada um à sua maneira, desenvolveu reflexões importantes sobre esse mundo psíquico. Após a separação de Freud, Jung continuou se dedicando com afinco ao estudo e mergulho no material inconsciente, desenvolvendo e ampliando a sua teoria, revendo ideias e enriquecendo, ainda mais, uma obra vasta construída ao longo da vida até pouco antes de sua morte em 1961 (BAIR, 2006).

Destacamos aqui o momento histórico de 1909: a viagem de Freud e Jung aos EUA para a Universidade de Clark, arriscando considerar que cem anos mais tarde, o Livro Vermelho ou *Liber Novus* (2009), elaborado entre o período de 1913 a 1930 por Jung, provocou a mesma curiosidade quando veio a público para o universo da comunidade junguiana.

¹ Nessa época Jung ainda não havia definido um “nome” para a sua psicologia, mas se referia a ela como psicologia profunda, termo proposto por Eugen Bleuler para todas as disciplinas que consideravam a existência do inconsciente, inclusive a psicanálise de Freud, como fator etiológico.

O lançamento do Livro Vermelho (L.V.)² apresenta uma nova perspectiva para a psicologia em geral e em especial para a psicologia junguiana (analistas, psicólogos e psicoterapeutas) tornando-se um marco histórico e causando um impacto significativo de repercussão internacional e nacional.

Cabe recordar que os anos posteriores foram marcantes para a psicologia junguiana³ no Brasil, pois a editora detentora dos direitos da publicação das Obras Completas (OC) de Jung⁴ estava realizando o relançamento de toda a sua obra revisada e completa⁵ em brochura, como também do lançamento do próprio L.V. em seu tamanho e layout originais, nos mesmos moldes do L.V. do lançamento mundial (2009).

O anos de 2010 e 2011 foram importantes, pois foram caracterizados pela ebulição de diversas publicações no universo junguiano, destaque especialmente o lançamento dos livros: “Raízes da Psicologia Analítica: Pessoas e Contexto”⁶ e a publicação dos seminários (traduzidos e revisados)⁷ que Jung realizou para analistas e que não estavam incluídos nas OC⁸: o “Seminários sobre Análise dos Sonhos 1928-1930”, “Seminários sobre Sonhos de Crianças” e “Seminários sobre Psicologia Analítica 1925”, palestras que haviam sido proferidos por ele e, que na maioria dos casos, registrados por seus colaboradores, simpatizantes e afins, textos inéditos e restritos ao pequeno público de analistas.

Foi um momento marcante precedido de acontecimentos e eventos da psicologia junguiana, com um olhar especial para o seu surgimento há mais de cem anos, através do seu precursor. Jung foi, desde o início, um amante da alma humana, contribuiu para o

² Por mais de 50 anos os herdeiros de Jung protegeram e impediram o acesso a esse material. Embora conhecido por seu título “*Liber Novus*”; “The Red Book”; o “O Livro Vermelho”, até 2009, permaneceu escondido do público em geral, dos analistas e psicoterapeutas. Foi um projeto desenvolvido por anos a fio e que Shamdasani o trouxe à luz mundialmente. Em 2009 foi publicado em cinco línguas e em 2010 publicado na versão brasileira. Esse livro é considerado uma obra fundamental para o universo da psicologia junguiana.

³ Inicialmente Jung nomeou a sua teoria como Psicologia Analítica e posteriormente Psicologia Complexa.

⁴ Editora Vozes, Petrópolis-RJ, detêm os direitos da publicação das obras completas de Carl Gustav Jung.

⁵ As Obras Completas foram relançadas em 2011 totalmente em brochura, com uma nova revisão de bastante primazia e um novo designer. Nesse relançamento houve a inclusão do volume 19: “Índices gerais: onomástico e analítico”, livro que não constava nas edições brasileiras anteriores.

⁶ Arnaldo Alves da Motta, membro analista da SBPA, em seu livro, trata das raízes históricas do surgimento da Psicologia Junguiana no Brasil e seus (três) principais pioneiros no desenvolvimento dessas ideias de C. G. Jung no Brasil.

⁷ Ainda existem pendentes alguns seminários como o “Das Visões”, “Zaratustra”, “Kundalini Yoga”, entre outros, que estão no prelo aguardando a autorização dos herdeiros para a publicação.

⁸ A Editora Vozes publicou os volumes em separado, pois não faziam parte das obras completas OC e foram traduzidos tardiamente.

aprofundamento teórico e prático, através de estudos e pesquisas voltadas para a compreensão e funcionamento da psique em prol do mergulho e aprofundamento do conhecimento interior.

É interessante reavivar o surgimento da psicologia junguiana no Brasil, destacando a trajetória histórica do movimento junguiano, tecendo assim um olhar crítico que nos permite delinear uma linha do tempo, em que diversas transformações e apropriações foram acontecendo e que se destacam ao longo de todos esses anos.

Nessa perspectiva cabe enfatizar o primeiro Grupo de Estudos C. G. Jung (1955) e o contato entre Nise e Jung (1957) que constituíram o marco inicial para o desenvolvimento das ideias iniciais de C. G. Jung entre nós (MOTTA, 2010). As primeiras publicações pela editora Vozes, sob o acompanhamento de Bonaventure (1972) e sua equipe, o desenvolvimento das ideias de Jung correlatas a técnicas corporais com Sándor (1975); e o surgimento da primeira sociedade junguiana a Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica-SBPA (1978), que contribuíram para a vasta disseminação deste campo e somam como sendo as primeiras sementes junguianas em terras brasileiras (JUNGUIANA, 1983).

A formação junguiana na SBPA, e sua expansão através de eventos, palestras, conferências, simpósios, trazem um vasto caminho de possibilidades que levam da psicologia analítica inicial a uma visão mais contemporânea, uma psicologia junguiana que se propaga em território nacional num campo que se amplia de maneira continental e internacional, além das fronteiras nacionais. Assim, corroborando para a disseminação do pensamento junguiano, já em 1991, surge a segunda sociedade junguiana: a Associação Junguiana no Brasil-AJB, com seus diversos institutos pelo Brasil, proliferando a psicologia junguiana para além do eixo Rio-São Paulo (CADERNOS JUNGUIANOS, 2005).

Outro movimento que aparece em consequência desses analistas estarem inseridos em pesquisas e na ampliação do pensamento junguiano, é o caminho em direção à academia. Percebe-se o surgimento de cursos de pós-graduação, *latu* e *stricto* senso, núcleos e laboratórios construídos nas Universidades, como: IBMR (1993)⁹ SEDES (2000), COGEA-PUC (2002), NEJ-PUC (2003), LEP-USP (2005), UNIP (2008), UNICAMP (2010), entre outros.

Soma-se a esses marcos, talvez o principal, o lançamento da reedição revisada do alemão das Obras Completas de C. G. Jung (2011) e a própria publicação do Livro Vermelho (2010). Percebe-se aqui uma trajetória do movimento junguiano, uma história marcada pela

⁹ Curso de pós-graduação em Psicologia Junguiana do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR), fundado por Heloisa Cardoso e Walter Boechat em 1993, e que atualmente é oferecido pela Universidade Estácio de Sá no Rio de Janeiro.

busca de conhecimento, aprofundamento, expansão, energia e transformação dentro do pensamento de C. G. Jung no Brasil, através, também, da inserção de pensadores pós-junguianos (SAMUELS, 1985).

Também destacamos que os pilares dessa trajetória do movimento junguiano passam pelas mãos, olhares e experiências analíticas dos seus três principais pioneiros: Nise da Silveira (1905-1999)¹⁰, Petrö Sándor (1916-1992)¹¹ e Léon Bonaventure¹². Esses pensadores, segundo Motta (2010), são referências importantes para o desenvolvimento das ideias e do pensamento junguiano no Brasil, ressaltando que nesse percurso, porém, apenas Bonaventure teve acesso ao conteúdo do L.V. que só veio a público em 2009 por ainda estar vivo.

A geração seguinte de analistas, posterior a esses pioneiros, trabalharam na sedimentação e proliferação das ideias fundamentais de Jung, tendo a peculiaridade de comporem a 1ª, 2ª e 3ª gerações de analistas junguianos brasileiros que acabaram adquirindo um corpo autêntico, embasados de experiências clínicas significativas (JUNGUIANA, 1983). Contribuíram para além do continente nacional, no desenvolvimento do conhecimento e interlocuções entre outros países latino americanos, que já possuíam sua trajetória própria no movimento junguiano, como Uruguai, Venezuela e outros que necessitavam de interlocutores, como Chile, Colômbia e Argentina (KIRSH, 2000).

As gerações seguintes de analistas junguianos brasileiros, historicamente, não testemunharam a implantação das ideias iniciais de Jung, nem estavam presentes na formação das duas principais sociedades junguianas filiadas à IAAP, instituições preocupadas com a formação de profissionais aptos e capacitados para o trabalho clínico e do desenvolvimento das suas ideias, contendo uma boa formação prática e teórica. Naquele início, havia uma preocupação pela sedimentação, sustentação e seriedade em relação aos conceitos, pela concepção, termos e noções da psicologia junguiana, visando a sua fundamentação e seu alicerce conceitual.

¹⁰ Nise, Psiquiatra, conheceu Jung no II Congresso de Psiquiatria em Zurique (1957). Pioneira no trabalho da psicologia analítica e com pacientes graves. Fundou o Museu do Inconsciente (1952) Clínica Casa das Palmeiras (1956) formou o 1º Grupo de Estudos Carl Jung (1955).

¹¹ Médico, especialista em Ginecologia e Obstetrícia, trabalhou em 1945 nos campos de refugiados onde era chamado do “doutor que sabe tirar a dor com as mãos”. Chegou ao Brasil em 1949, autodidata, desenvolveu trabalhos de integração física, psíquica e cinesiologia concomitante ao pensamento junguiano. Fez diversos grupos de estudo, traduziu o “Seminários das Visões” de Jung.

¹² Analista Junguiano IAAP (Zurich) chegou ao Brasil em 1967. Conheceu Nise. Foi responsável a partir de 1972 juntamente com Dora Maria Ribeiro Ferreira da Silva, Leonardo Boff e Jette Bonaventure pela organização, edição e publicação das obras completas (OC) de Carl G. Jung. Em 1978 protagonizou a fundação SBPA a 1ª Sociedade Junguiana vinculada a IAAP.

Hoje, com o advento do L.V., os analistas são convidados a lançar luz sobre o trabalho junguiano, olhando para a experiência de Jung descrita no próprio livro.

O acesso ao conteúdo do L.V. traz um componente novo e suscita uma reflexão sobre a nova geração de analistas e psicoterapeutas “pós 2009”, o que os responsabilizam pelo desafio de aprofundar, ampliar os estudos e debates sobre a teoria e técnica junguiana, sugeridas, explicitadas e vivenciadas no L.V.

Um novo ciclo de possibilidades, a partir da leitura do L.V., se faz necessário e, nesse contexto, é fundamental a pesquisa, o trabalho e o aprofundamento que Dr. Sonu Shamdasani¹³, organizador, fez ao longo dos anos que antecederam a publicação da obra, desde a sua autorização pelos herdeiros de Jung. Segundo Shamdasani, em uma das suas conferências¹⁴, existem considerações importantes e significativas na concepção dessa pesquisa para elaboração do livro, pois é um período marcante na vida de Jung, que contribui para a concepção da obra e a sua colaboração para o desenvolvimento da teoria e em especial das técnicas expressivas e da imaginação ativa. É no desenvolvimento desse trabalho que se faz perceber o forte efeito que o L.V. retrata e representa ao longo das 371 páginas, com textos, diálogos, poesia, pintura, tudo na forma de relato vivencial (SHAMDASANI, 2011).

Para Boechat (2010), o mergulho no L.V. apresenta um olhar sobre essas imagens, referendando a técnica junguiana da imaginação ativa. Também observa as sementes dos principais conceitos junguianos descritos no livro. Assim, quando paramos para observar tais processos, percebemos um registro simbólico, o nascimento de novas perspectivas sobre a experiência viva de Jung, e reflexões sobre temas que o livro sugere, como a sua história e o seu processo de sua criação. (BOECHAT, 2014)

O L.V. tornou-se algo debatido e discutido. Ao longo do período de 2009-2018, percebe-se que muitos analistas e psicólogos se ocuparam em estudar e aprofundar nas imagens e nos textos o conteúdo que o livro se propõe a apresentar, observando ali algo que pudesse remeter tanto à construção teórica, quanto ao desenvolvimento das técnicas junguianas, principalmente quando olhamos com mais afinco os diálogos entre os personagens, cabendo aqui confirmar o processo vivo da técnica junguiana da imaginação ativa (JUNG, 2010).

¹³ Nascido em 1962, é escritor, editor e professor da University College London. Com mestrado em história da ciência, seus estudos e escritos centram-se em Carl Gustav Jung (1875-1961), e cobrem a história da psiquiatria e psicologia desde meados do século XIX até os tempos atuais. Shamdasani, foi premiado com o título de PhD. em História da Medicina pelo Instituto Wellcome na University College de Londres.

¹⁴ Congresso de Psicologia Junguiana da AJB novembro de 2011 – Gramado-RS.

Tendo em vista isso, o interesse do pesquisador passou por entender o que é o L.V., o que ele representa para a comunidade junguiana. Além disso, pessoalmente, passou a estudar em grupo esta dimensão com mais afinco.

Em vista disso e como foi dito anteriormente, o projeto de pesquisa nasce de um desejo espontâneo em estudar o L.V., porém pelo viés acadêmico.

Esta pesquisa tem como *objetivo* compreender o papel do L.V. para prática clínica do analista junguiano na América Latina. Inicialmente foi considerada a possibilidade de ser um estudo de caráter nacional, mas, em vista do VII Congresso Latino Americano de Psicologia Junguiana realizado em Buenos Aires, Argentina no ano de 2015, com os diversos trabalhos apresentados em âmbito continental (ABALOS; ADAMO, MENDES, SOARES e SOUZA; BYINGTON, GUERRA e SAIZ; MORGAN, OLIVEIRA, MARTIN, VERA e BANDEIRA; NANTE, 2015)¹⁵, surgiu a ideia de dimensionar a pesquisa em âmbito continental, da qual o orientador reforçou a proposta.

A pesquisa foi estruturada, inicialmente, a partir de uma revisão bibliográfica dos principais estudos e publicações do período de 2009 a 2018, percebendo a relevância em estudar o tema. Apresentamos o *objetivo* e o *método*, que está caracterizado por uma metodologia mista: tanto quantitativa como qualitativa (CRESWIL & CLARK, 2014).

Posteriormente, os *resultados e análise* da fase quantitativa foram organizados e analisados, sendo apresentados em gráficos. Para a fase qualitativa utilizamos a Técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1975/2016), adaptada por Faria (2003). Elaboramos grupo temáticos e temas que foram analisados a luz da psicologia analítica para pesquisa (PENNA, 2001).

Após as análises, observamos a oportunidade de aprofundar as questões que emergiram, abrindo espaço para a *discussão* e, finalmente, tecendo nossas *considerações finais*.

¹⁵ Todos os trabalhos publicados na versão estendida nos Anais.

2.O LIVRO VERMELHO OU *LIBER NOVUS*

Os anos durante os quais me detive nessas imagens interiores constituíram a época mais importante da minha vida. Neles todas as coisas essenciais se decidiram. Foi então que tudo teve início e os detalhes posteriores foram apenas complementos e elucidações. Toda a minha atividade ulterior consistiu em elaborar o que jorrava do inconsciente naqueles anos e que inicialmente me inundara: era a matéria-prima para a obra de uma vida inteira. (JUNG, [1957] 1975, p.176)

O Livro Vermelho (L.V.) ou *Liber Novus* é fruto da experiência que C. G. Jung teve entre os anos de 1913 e 1930, principalmente quando entrou em contato com as suas emoções e imagens que emergiam do inconsciente. Naquela época, Jung aos seus 37 anos, não conseguia se identificar com o espírito da época, neste sentido deixou-se guiar pela demanda interior e, a partir dela, iniciou, o que ele mesmo nominou como “seu confronto com o inconsciente” (JUNG, [1913] 2010).

Quando falo em espírito dessa época, preciso dizer: ninguém e nada pode justificar o que vos devo anunciar. Justificação para mim é algo supérfluo, pois não tenho escolha, mas eu devo. Eu aprendi que, além do espírito dessa época, ainda está em ação outro espírito, isto é, aquele que governa a profundidade do todo o presente. O espírito dessa época gostaria de ouvir sobre lucros e valor [...]. Mas não me dei conta de que o espírito da profundidade possui, desde sempre e pelo futuro afora, maior poder do que o espírito dessa época que muda com as gerações. O espírito da profundidade submeteu toda vaidade e todo orgulho à força do juízo. Ele tirou de mim a fé na ciência, ele me roubou a alegria de explicação e do ordenamento, e fez com que extinguisse em mim a dedicação aos ideais dessa época. Forçou-me a descer às coisas mais simples e que estão em último lugar. O espírito da profundidade tomou minha razão e todos os meus conhecimentos e os colocou a serviço do inexplicável e do absurdo [...]. (JUNG, [1913] 2013, p.109)

O L.V., conhecido também como *Liber Novus* (O Novo Livro) é um manuscrito original de 191 páginas que contém nele o *Liber Primus*, *Liber Secundus* e *Liber Tertius* (Aprofundamentos), que foi compilado e editado totalizando 371 páginas. Escrito¹⁶ e ilustrado, o L.V. retrata a experiência viva de Jung no trato em lidar com as emoções. Esse material elaborado ao longo de muitos anos, teve seu ápice entre 1913/1918, por conta de toda uma mudança de paradigma, nele percebe-se o mergulho e existe um relato vivencial de muitos anos que implicaram num processo de autoexperimento, aprofundamento, tradução e elaboração de toda essa experiência interior singular.

¹⁶ Livro original escrito em alemão gótico.

O ano de 1913 foi decisivo na vida de Jung. Ele começou um autoexperimento que veio a ser conhecido como seu “confronto com o inconsciente” e durou até 1930. Durante esse experimento, Jung desenvolveu uma técnica para “chegar ao fundo do (seu) processo interior”, “traduzir as emoções em imagens” e “compreender as fantasias que estavam se agitando subterraneamente”. (SHAMDASANI, 2010, p.xi)

Foi nesse período que Jung elaborou intuitivamente as técnicas expressivas e da imaginação ativa que fariam parte do repertório de técnicas utilizadas na abordagem junguiana e que, ao longo da sua obra, iria desenvolver e aprimorar tal empreendimento.

No livro, Jung vivenciou através das fantasias e do diálogo com as imagens personificadas, um mergulho em direção de seu processo interior, vivenciando com intensidade suas emoções, transformando as fantasias em imagens (JUNG, 2010). Sabe-se que Jung criou o método da imaginação ativa e do uso das técnicas expressivas, principalmente na construção e elaboração do livro que, conjuntamente com a abordagem dos sonhos e o trabalho com a tipologia psicológica, constituem os pilares dos aspectos técnicos da abordagem teórica e da clínica junguiana. Percebe-se aqui a apresentação do método junguiano; encontramos nessa etapa uma situação nova em que Jung “é o paciente, é o terapeuta e é também o tratamento” (BOECHAT, 2014).

O L.V. permaneceu por muitos anos com os seus herdeiros e, a pedido do próprio Jung, que só fosse revelado após 50 anos da sua morte, prevendo que neste período a sua teoria já teria sido divulgada, sedimentada e compreendida no universo da psicologia (HILLMAN & SHANDASANI, 2015). Imaginamos que a partir da compreensão desse material poderíamos configurar uma nova etapa do alicerce teórico junguiano.

Com o lançamento do livro mundialmente em 2009 e no Brasil em 2010, observa-se que, quando do aparecimento ao público, lança-se mão de um material diferenciado, cheio de símbolos, com um conteúdo ímpar, apresentando a experiência pessoal do autor com as imagens do inconsciente em textos, diálogos ou através de imagens pictóricas. Feito à mão, em letras góticas, como num “livro de magia”, Jung trouxe um repertório pleno de metáforas, com temas e conteúdo míticos e parcialmente religiosos (BOECHAT, 2014).

Um livro feito com alma, composto de beleza e densidade, uma obra de arte para alguns (GIONI, 2013), causando curiosidade em todas as comunidades de psicologia e, em especial, da psicologia junguiana.

Esta publicação inédita despertou interesse em analistas e psicólogos que começaram a se aventurar no contato com esse material, numa tentativa de aprofundamento dos

conhecimentos expressos, compreendendo e percorrendo o caminho que Jung descreveu através dessa experiência viva ao longo desses 16 anos.

Segundo afirmações do próprio Jung¹⁷, o L.V. tornou-se a base de todo seu processo criativo posterior. O envolvimento com o seu conteúdo, o estudo e o contato com as imagens que surgiam da própria experiência e proximidade com o seu inconsciente são um convite ao mergulho em nossas próprias histórias; possibilitando o aprofundamento em nossas experiências/vivências, tanto individuais quanto coletivas (SHAMDASANI, 2010).

Com o aparecimento do livro surge o interesse em estudar e mergulhar nesse material inquietante, fazendo com que diversos analistas e grupos¹⁸ se dedicassem ao estudo das imagens que o L.V. proporcionava, individualmente e com colegas, sempre na busca da compreensão do material relatado em suas páginas.

Essas experiências mostram a repercussão que essa obra de Jung causou em relação ao desenvolvimento de sua teoria, na sua produção textual e como material crucial para o despertar dessa pesquisa.

O L.V. é um desafio, deixar-se conduzir pelos mistérios do inconsciente não é uma tarefa fácil. Nessa experiência, Jung mostra que a entrega é total, a chama interior é o guia que forma e sugere o caminho a ser seguido, um processo de construção, imaginação e assimilação das imagens internas.

Celebrar o caminho e o ritual que Jung fez é dar voz aos conteúdos autônomos, num exercício de paciência e sabedoria, percebendo o valor autorregulador que o inconsciente, na perspectiva junguiana, possui. Além disso, é considerar a excelência do processo de individuação e valorizar o diálogo contínuo com as imagens pictóricas representadas no livro.

Aqui, em especial, cabe uma observação, pois o processo de transformação só acontece quando a alma é tocada, no sentido maior da nossa interioridade. A experiência viva é a natureza curadora da psique, em sua função teleológica, por isso, para Jung, no diálogo com as imagens personificadas, essa interlocução se torna elemento criativo e transcende os aspectos do conflito. É assim, na tensão dos opostos, na perda de sentido, como é citado ao longo do LV. Em uma dessas passagens, Jung novamente pergunta à “sua alma”, ele questiona simplesmente a repetição adaptativa de ter que cumprir papéis sociais e diz como é difícil estar na solidão:

¹⁷ Shamdasani, 2010.

¹⁸ Vide anais do congresso VI Congresso Latino-americano em Buenos Aires, realizado em 2015.

Minha alma leva-me ao deserto, ao deserto de meu próprio si-mesmo. Não pensava que meu si-mesmo fosse um deserto, um deserto seco e quente, poeirento e sem bebida. A viagem conduz através da areia quente, vadeando lentamente, sem objetivo visível de esperança. Como é horrível este deserto! Parece-me que o caminho leva bem longe das pessoas. Ando meu caminho passo a passo e não sei quando vai durar minha viagem [...]. Por que é o deserto meu si-mesmo? Será que vivi por demais fora de mim, nas pessoas e nas coisas? Por que evitei meu si-mesmo? Eu não era tão caro? Mas eu evitei o lugar de minha alma. Eu era meus pensamentos, depois que não era mais as coisas e as outras pessoas. (JUNG, [1916] 2010, p.235)

Jung, no L.V., evoca aspectos da personalidade e convida aqueles que desejam engajar-se nessa jornada para irem muito além da racionalização do processo, deixando a função pensamento. O L.V. debate a inserção e a participação das funções inferiores da consciência, evidencia o conflito entre os opostos, tão desenvolvido nas obras completas, e sugere, através do diálogo interior, do confronto e da dificuldade conflituosa entre o espírito do tempo (época) o de “*zeitgeist*” com o espírito das profundezas. Jung cita:

O espírito dessa época condenou-nos a precipitação. Não tem mais futuro nem passado, se servires ao espírito dessa época. Precisamos da vida, da eternidade. Na profundidade guardamos futuro e passado. O futuro é velho e o passado é jovem. Tu serves ao espírito dessa época e pensas que podes fugir do espírito da profundidade. Mas na profundidade não demora muito e vai forçá-lo para dentro [...]. (JUNG, [1916] 2010, p.253)

É possível observar no livro o desenvolvimento da teoria, o surgimento das técnicas expressivas e da imaginação ativa além do processo de individuação na construção de conversas cheias de fantasias e personificações. Os recursos da elaboração descritos no LV servem de eixo importante para a experiência de assimilação, transformação e reelaboração da personalidade que está em conflito, como uma abertura para resoluções possíveis. Quando as imagens no processo de individuação se tornam vivas, um diálogo eloquente se manifesta:

Quem vai ao encontro de si mesmo desce. Ao grande profeta, que precedeu esta nossa época, aparecem figuras lamentáveis e ridículas, elas eram as figuras de seu próprio ser. Ele não as aceitou, e remeteu-as a outro. Mas finalmente viu-se obrigado a fazer uma ceia com sua própria pobreza e aceitar por compaixão aquelas figuras de seu próprio ser [...]. (JUNG, [1917] 2013, p.344)

E continua...

Ninguém sobe acima de si mesmo que não tenha empregado as armas mais perigosas contra si mesmo. Alguém que precisa subir acima de si mesmo

desça, carregue-se com o peso de si mesmo e arraste a si mesmo para o lugar do sacrifício. Mas quanta coisa precisa acontecer à pessoa até perceber que o êxito externo e visível, que se deixa pegar com as mãos, é um caminho errado. Por sofrimento deve passar a humanidade até que o ser humano pare de saciar sua ambição de poder em seus semelhantes e de querê-lo impor aos outros. (JUNG, [1917] 2013, p.345)

Enfim, “o trabalho no *Liber Novus* esteve no centro da autoexperimentação de Jung” (SHAMDASANI, 2010, p.86) e é nesta experiência que desejamos explorar e refletir através do diálogo vivo do trabalho com os colegas analistas junguianos sobre o impacto desta obra na experiência clínica.

3. REVISÃO DA LITERATURA DO LIVRO VERMELHO

Jung e Freud são os nomes que aparecem em primeiro lugar, e suas ideias foram amplamente disseminadas nas artes, nas humanidades, no cinema e na cultura popular (...), contudo, é espantoso perceber que o livro que está no centro de sua obra, no qual trabalhou por mais de dezesseis anos, só agora seja publicado. (SHAMDASANI, 2010, p.193)

Desde a publicação do Livro Vermelho (L.V.) em 2009¹⁹, mundialmente, produziu-se vasta literatura sobre esse material vivo e histórico. Artigos em periódicos, resenhas de jornais, livros, dissertações e teses, entre tantos outros trabalhos, suscitaram reflexões entre os analistas, psicólogos, psicoterapeutas e interessados na Psicologia Junguiana.

Esta pesquisa iniciou sua base de dados a partir do ano de 2009²⁰, focando nas palavras-chave: “O Livro Vermelho”; *The Red Book*, *Libro Rojo*. Utilizou-se como parâmetro as fontes: Google, Google Acadêmico, Bvs, Bireme, Portais Acadêmicos, Portais de Psicologia, Portais de Psicologia Analítica e Junguiana, como: Cgjungpage, Pacifica Graduet e as bibliotecas físicas PucSP, Sbpa e Ajb/Ijusp. A pesquisa se estendeu, também, em revistas e periódicos junguianos, como: *Journal of Analytical Psychology*; *Cahiers Jungiens de Psychanalyse*; *La Pratica Analítica*; Quadrante, *Journal of Jungian Theory and Praticce*, *Spring*, Revista de Psicologia Analítica, Phanês, entre outras. Buscamos, inclusive, os eventos continentais importantes, como os anais dos últimos congressos latino-americanos: Santiago-Chile 2009; Florianópolis-Brasil 2012 e Buenos Aires-Argentina 2015 e Bogotá-Colombia 2018, além dos principais seminários específicos sobre L.V., como : *The Red Book Seminar* realizados na Europa por Shamdasani (2010) e dos diversos seminários ministrados e disponíveis no *YouTube* do Dr. Murray Stein (2018), entre outros analistas junguianos sobre o tema *The Red Book* (2019).

É importante destacar que o principal envolvido a dar luz a esse material foi o historiador da ciência, o indiano Dr. Sonu Shamdasani, por eleger a psicologia analítica como tema de estudo e pesquisa. Shamdasani foi autorizado pelos herdeiros da família de Jung a organizar todo material histórico, seminários, estudos e pesquisas ainda não publicadas. Teve papel fundamental na pesquisa, como a organização e publicação do L.V., num mergulho profundo e interessante da obra, história e biblioteca de Jung, o que se tornou marcante (SHAMDASANI, 2014). No Brasil, Dr. Walter Boechat, médico psiquiatra e analista junguiano, é um dos percussores e reveladores da importância do L.V., realizando uma análise

¹⁹2009 By the Foudation of the Works of C.G.Jung – W.W.Norton & Company, New York & London.

²⁰Data original do livro vindo a público. Lançamento mundial do Livro Vermelho.

deste material simbólico, conjuntamente com os tradutores Edgar Orth, Gentil A. Titton e Gustavo Barcellos (2010). A edição da versão em língua espanhola²¹ ficou sob responsabilidade do Dr. Bernard Nante, tanto a tradução como os comentários, conjuntamente com uma equipe de estudiosos da *Fundacion Vocacion Humana* de Buenos Aires. *El Libro Rojo* teve sua apresentação mundial também em 2010, em 10 de novembro em Madri/Barcelona e em 5 dezembro no Malba²² em Buenos Aires.

Ressaltamos que esse pesquisador, ao assistir o seminário *C. G. Jung, individuation and the Red Book* (STEIN, 2018), percebe a força e influência imagética que o conteúdo desta obra exerce sob aqueles que ouvem e observam o material presente. Stein fala da importância do percurso de Jung, o quanto que o L.V. explicita a descrição de um processo profundo de autoexperimentação e conhecimento, o que sugere a possibilidade daqueles que se aventuram nesta empreitada em re-imaginar a experiência com a própria psicologia junguiana, sugerindo assim, essa questão, também, para esse trabalho de pesquisa. Consideramos essa reflexão sobre o L.V., um desafio sobre o que poderia estar por vir a partir do contato, leitura e a interpretação que o L.V. poderá suscitar nos analistas. Teríamos então, algo novo e revelador que pudesse despertar um novo modo de ver, pensar e trabalhar com a psicologia junguiana contemporânea?

No início dessa revisão, deparamo-nos com importantes aspectos que chamaram a atenção: a questão midiática sobre o tema Jung e o Livro Vermelho; toda expectativa e repercussão desse lançamento. Uma obra que vai para além de um simples livro, com as letras desenhadas em estilo gótico e suas respectivas pinturas, intensas e coloridas, escritas em nanquim e apresentadas com suas gravuras originais no ano de 2009 no *Rubin Museum of Arts* – Nova York²³.

No ano seguinte, foi realizada em Washington a exposição dos originais do livro na Livraria do Congresso²⁴, no Edifício Thomas Jefferson da biblioteca do congresso americano. “Será essa exposição um símbolo de uma maior aceitação das propostas junguianas [...]. Haverá agora uma maior abertura para o universo do simbólico e do intuitivo?” (BOECHAT, 2014, p.17).

Nos eventos em 2011, o museu escolhido para exposição do L.V. foi o Museu *Rietberg* na Suíça que, além do livro, continha pinturas, desenhos e esculturas feitas pelo próprio Jung.

²¹ Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (FUNDAÇÃO CONSTANTINI, 2001).

²² Fonte Phimemon Foundation.

²³ Fonte: Fundação *Philemon*.

²⁴ Library of the Congress.

Em 2013, foi a Bienal de Veneza²⁵ que colocou em destaque o *Liber Novus* no seu Palácio Enciclopédico; o Museu Imaginário, cuja proposta era acolher todo conhecimento da humanidade. Seu curador Massimiliano Gione²⁶, cita a importância histórica desse material em um artigo na abertura da Bienal, destacando que a ênfase central da mostra da 55ª Bienal era a representação do invisível e a reflexão sobre o espaço de nossas imagens internas no mundo atual. O L.V. de Jung foi eleito como uma das grandes descobertas da humanidade²⁷. E continua, foi examinando através das cosmologias pessoais, “[...] o papel das imagens, as funções da imaginação e os reinos do imaginário, procurando questionar que espaço é deixado para os sonhos, visões e alucinações numa época assediada por imagens externas.” (GIONE, 2013, p.3), enfim, este é o lugar em que o livro deve se encarregar de ocupar.

No Brasil, a partir de 2010, a disponibilidade da obra para os analistas junguianos em parceria com os institutos de formação foi excepcional. A Editora Vozes, sabendo da sua importância, viabilizou a venda do livro para as sociedades junguianas com valores especiais. Destacamos as instituições de formação e ensino por reverberarem a importância nessa trajetória do livro, sendo coadjuvantes nos grandes centros junguianos: AJB (com seus Institutos) e SBPA (sede SP e RJ), NEJ-PUCSP, LEP-USP incentivando eventos, simpósios e congressos, ressaltando o congresso nacional de psicologia junguiana da AJB em 2011, Gramado-RS, com a presença inédita do próprio Shamdasani que proferiu duas conferências narrando sua experiência na organização e preparação do L.V., conferências que chamam à atenção pelo relato da sua experiência sobre o impacto e a importância do L.V. (ANAIS, 2011).

Observamos, ainda, uma parceria inédita entre a Editora Vozes²⁸, que doou um exemplar que percorreu 28 Bibliotecas das Universidades por todo o Brasil, com a iniciativa da Biblioteca Dante Moreira Leite do Instituto de Psicologia da USP – IPUSP, chamada de *A Exposição itinerante do Livro Vermelho de Jung* nas Bibliotecas Cooperantes da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia (ReBAP) organizadas pela IPUSP, e que está disponível no site da BVS-PSI ULAPSI Brasil (FRASCARELI, 2012). Importante lembrar o evento inaugural da Dra. Laura Villares, onde ela apresenta e explica o L.V. e suas

²⁵ Foto Livro Vermelho – Jung: The Red Book. Divulgação do site oficial da 55ª Bienal de Veneza. Disponível em: www.labiennale.org/en/mediacenter/photo/55-f1.html. [Jung 815x543.jpg](http://www.labiennale.org/en/mediacenter/photo/55-f1.html). Acesso em: mai. 2017.

²⁶ Graduado em História da Arte (Bologna-ITA) é atualmente crítico da arte contemporânea e curador em diversas exposições.

²⁷ O tema da Bienal refere-se as grandes obras da humanidade e o L.V. foi incluído, cita seu curador Gione (2013).

²⁸ Editora Vozes é editora responsável pelas publicações de C. G. Jung no Brasil: tanto o Livro Vermelho, quanto pelas Obras Completas OC e Seminários.

vicissitudes; verbalizando principalmente a importância de contextualizar esse material historicamente dentro do próprio movimento junguiano.

Por mais citações que existam acerca das produções do L.V., nos porões da psicologia analítica²⁹, julgamos relevante essa revisão a partir do surgimento do livro para o público, considerando inicialmente o ano de 2009 até o ano de 2018 para o fechamento deste trabalho, considerando *The Red Book* ou *Liber Novus* (2009), à edição brasileira (2010) e a sua edição extra não ilustrada (2013). Importante salientar que esta revisão tem o intuito de trazer à luz as publicações pertinentes, apontando pontos e ampliações feitas pelos autores, ilustrando a pesquisa em questão, cujo objetivo é estudar o papel do L.V. na prática clínica do analista junguiano.

Notamos que os principais expoentes junguianos da atualidade, tratam de retratar suas reflexões pessoais sobre o L.V. Nota-se que, em muitos casos, tecem o próprio olhar sobre a teoria junguiana e, assim, também o fazem com relação ao L.V., propondo ampliações, associações e justificativas históricas para um papel e lugar de destaque do livro.

Uma das primeiras publicações é fruto das diversas conversas durante mais seis meses entre Sonu Shamdasani e James Hillman³⁰, iniciadas em outubro de 2009³¹, que acabaram resultando no lançamento do livro *O Lamento dos Mortos: A psicologia depois de Livro Vermelho de Jung*³² que antecedeu a morte de Hillman³³. Esses momentos de reflexão foram capazes de promover um importante questionamento sobre o L.V.: o que vem depois? Esse diálogo entre os dois autores traz uma reflexão importante sobre o que Jung estaria se propondo a relatar sobre sua experiência com o material inconsciente, e o que haveria de subliminar no conteúdo do L.V. para que após 50 anos de silêncio viesse à tona. É que ele estaria falando para os mortos; é como se ele estivesse escrevendo, conversando com seus ancestrais, ou seja, um material que não viria a público.

Os autores reiteram a ideia que o L.V. se baseia na experiência “viva de Jung”, que integrou as imagens que eclodiam do inconsciente, transformando-as num processo criativo

²⁹ Sabemos que ainda existem manuscritos inéditos que datam anterior a esse período, que analistas próximos a Jung sabiam da existência deste material, e também outras produções que podem vir à público, como o *Liber Negro*, seminários, entre outros textos, que dependem da autorização dos herdeiros de Jung e estão sob supervisão de Shamdasani (2013).

³⁰ HILLMAN, James (1926-2011) analista junguiano, fundador da psicologia arquetípica. Vem a falecer em outubro de 2011 após a finalização dos manuscritos que se tornaram livro. Essa publicação é lançada no Brasil pela Editora Vozes em 2015, em evento no Rio de Janeiro organizado pelo IJRJ e no Rio Grande do Sul pelo IJRS.

³¹ Publicação pela WW Norton & Company em inglês em 2013.

³² Publicação pela Ed. Vozes em 2015.

³³ Shamdasani e Hillman finalizaram os manuscritos (projeto do livro) antes de sua morte em outono de 2011.

de integração. Por outro lado, questionam o conceito de *self*, integração dos opostos, e, também, postulam se essa é uma nova literatura que surge a partir de um olhar crítico. Existe um tormento de não compreender o próprio L.V., é como se descêssemos a uma segunda camada, e lá houvesse uma elaboração lírica, uma tentativa de traduzir tudo isso dentro de uma linguagem conceitual, dar forma (HILLMAN & SHAMDASANI, 2015).

Hillman e Shamdasani (2015), no livro, aprofundam questões abordadas no L.V. Na visão deles, Jung dialoga com os espíritos dos ancestrais, os mortos do passado e, todavia, presentes no inconsciente coletivo e cultural da civilização. A metáfora com relação ao tema dos mortos se faz pertinente, sendo que a pergunta suscitada por eles: o que se espera incluir, resgatar ou se manter vivo no pós L.V.?

Em nossa pesquisa, destacamos, também, os artigos publicados no *Journal of Analytical Psychology* em 2010, 2011 e 2012 sobre o tema do L.V., o número *Two Years The Red Book* série de artigos, por conta da efervescência da produção intelectual dos analistas que, nesta, trazem o tema, retratando o quanto o livro se fez presente para a comunidade junguiana.

No artigo *Depois do Liber Novus*³⁴ (2011), Shandasani sugere, após dois anos dessa publicação, o que podemos esperar em relação a clínica junguiana, fazendo uma provocação de qual seria o significado clínico e teórico do *Liber Novus* após a publicação inicial. Faz uma investigação de como o próprio Jung refletiu sobre isso posteriormente e como trabalhou a partir de temas da alquimia, em particular a atenção dada ao tema dos opostos e sua reconciliação e, posteriormente, sua retomada em *Mysterium Coniunctios*. Seu trabalho enquanto historiador da psicologia analítica traz paralelos sobre as mais de duas mil citações de leituras de Jung de textos alquímicos e herméticos que fazem paralelo com as imagens enigmáticas existentes no livro, um estudo de mais de 12 anos de trabalho de pesquisa e organização dos textos.

Cabe destaque especial a 4 artigos publicados no *Journal of Analytical Psychology* nesse período, pois retratam especificamente as implicações clínicas do *The Red Book* e como esses analistas, a partir do L.V., puderam refletir sob o trabalho em suas clínicas.

Para Bygott (2012), o trabalho de Jung é fundamentalmente uma experiência, não uma ideia. E nessa perspectiva, tenta fazer uma ponte entre dois momentos do analista: o primeiro, quando faz conferências, seminários, cursos etc. e o segundo, no trabalho do consultório, aqui a psique é viva, considerando a influência do L.V. na prática clínica através do sutil e

³⁴ *After Liber Novus* (2011).

imaginal. Ela trabalha as questões dos opostos da psicologia do Jung, e faz uma ampliação citando “quando o analista vai fazer conferências o seu ato é extrovertido, mais racional e apolíneo, quando está no consultório, na clínica seu trabalho é mais introvertido, aspecto menos racional é o lugar do mais profundo”. Segundo a autora, o L.V. é o lugar da profundidade, como é no trabalho clínico e propõe isto no seu modo de trabalhar, valorizando muito esse mundo psíquico, esse interno, o que é para Jung ir em direção a alma. Através da imaginação ativa, a pessoa pode atingir níveis deferentes de profundidade, no nível de arqueologia da psique. No paralelo teórico, estudar o L.V. enriquece muito quem está estudando as obras completa (OC). Há algo de um pensamento imaginal. Lendo o L.V., você pode rastrear o que Jung estava vivendo naquela época, seus escritos estão embasados (imaginizado) na experiência pessoal dele. É isso que o L.V. causa, um impacto na clínica indiretamente porque mobiliza a nossa arqueologia. Ela enfatiza que o trabalho de Jung é uma experiência e nunca uma ideia.

Culliford (2012) destaca a singularidade da experiência pessoal do terapeuta e do paciente no trabalho clínico e relaciona isso com o significado do L.V. como “Odisseia Pessoal” de Jung, como também a do analista. Considera a relevância duradoura do L.V. ao lado de teorias psicológicas recentes, neurociência e escritos místicos precoces, e finaliza com uma vinheta clínica da resposta de um paciente a um pedaço de música coral e subsequente uso da imaginação ativa. O autor enfatiza a experiência da imaginação ativa experienciada no L.V. e fala da sua experiência clínica, dando foco à imaginação ativa na experiência clínica. Lembra de quando tinha lido no MSR³⁵ e depois o L.V., como marcos paradoxais para sua prática clínica. Cita a trajetória de Thomas Merthon³⁶, apresentando sua história pessoal e fazendo um paralelo com a sua própria vida como analista, amplia e faz apontamentos sobre os aspectos do mundo arquetípico, como o descer as profundezas e voltar. A ideia principal está no renascimento. Ressalta que para atingir o trabalho clínico profundo, o analista/analizando deve alcançar o numinoso e que, para o autor, esse processo é descrito no L.V. na sua descida de Jung aos inferos e no seu retorno, e finaliza que tudo deve estar engajado nisso.

Bright (2012) sugere que o L.V. poderia ser lido como registro da autoanálise de Jung. Lembra que a ênfase do L.V. é um relato experiencial, o que viria a ser a descrição e conceituação empírica do termo individuação. O autor destaca os efeitos sincrônicos que a

³⁵ Livro Memórias, Sonhos e Reflexões de C. G Jung editado e organizado pela Aniela Jaffé (1975).

³⁶ Thomas Merthon (1915/1968): monge católico e escritor do século XX.

leitura profunda do L.V. pode trazer para a psique do analista contemporâneo e os efeitos com relação a percepção do campo mais profundo da psique, em sua perspectiva arquetípica.

Para Mackenna (2012) o L.V. mostra a longa busca de Jung pela sua alma, um sofrimento e a disposição em entrar em contato com os aspectos mais profundos da psique. Destaca que ao nos conhecermos melhor e mais profundamente, essa jornada torna-se altamente transformadora para a personalidade. O L.V. seria o manifesto de uma nova época, um novo tempo, um livro de revelações do mundo do espírito e do mundo das profundezas. Trata da questão da Psicologia e do encontro com o numinoso. O que repousa em camadas profundas da psique seria o divino, o numinoso. Assim, há uma raiz religiosa na obra psicológica de Jung, descrita nas etapas do L.V. O autor conclui que o L.V. oferece numa tentativa de resolução do conflito dos opostos numa perspectiva psicológica-teológica que forma um todo unificado.

Kawai (2012), em seu artigo, tenta investigar o L.V. de um ponto de vista pré-moderno, especialmente com referência a uma perspectiva cultural e da clínica japonesa. O autor, quando se refere ao L.V., escreve que apesar da força dos conteúdos avassaladores do inconsciente, a posição do ego é notável, como um aspecto formal em todo o Livro Vermelho. Sugere a importância do ego que, na visão dele, se manifesta como uma agência de observação estável que resulta na produção de imagens claras. No caso do Japão, as visões são historicamente raras por causa da posição muito mais vaga do ego. Enquanto em *Liber Primus* o ego se manifesta através do sofrimento e da tragédia, no *Liber Secundus* tem mais distância e humor, e assume a forma de comédia. Imagens mitológicas são internalizadas como fantasia em *Liber Secundus*. Portanto, o renascimento de Deus não precisa ser realizado literalmente, mas por meio da internalização, que é a origem da psicologia junguiana. Em seu aspecto substancial, as referências no L.V. das imagens culturais pré-modernas de sacrifício e redenção dos mortos são impressionantes. Na visão do autor, o sacrifício pode sugerir que o numinoso não deve ser experimentado como ritual e símbolo, mas requer violência e sexualidade diretas, constatações que nos inquietam e perturbam: será a literalização do processo?

A publicação “O Livro Vermelho de C. G. Jung: Jornada para profundidades desconhecidas” Boechat (2014), com prefácio de Shamdasani, narra a trajetória e importância do livro para comunidade junguiana. O autor traz um olhar sobre as etapas de elaboração do L.V.; *Liber Primus*, *Liber Secundus* e o *Liber Tertius*, acrescentando que teria uma quarta etapa do livro, mas que estaria diretamente ligada a construção da Torre, o que seria, na sua opinião, quando Jung abandona o livro em 1930 e inicia sua construção, como também

comparando com a formulação e constituição teórica das Obras Completas. Sugere que a psicologia junguiana deve ser revista, propondo reflexões sobre a prática junguiana, deixando-a de ser mecanicista, explorando a técnica da imaginação ativa e, também, as ampliações no campo das técnicas expressivas, no campo da arte e no trabalho com os sonhos. Essa publicação de Boechat (2014) reverbera, na opinião do autor, a importância do LV como uma publicação relevante para o universo da psicologia analítica.

Nessa obra, Boechat (2014) percebeu o quanto no L.V. está o relato individual e profundo dos aspectos do processo de individuação que Jung se propõe a desenvolver: o desafio do mergulho. No L.V. alguns conceitos são esmorecidos e outros se apresentam de forma metafórica, como na figura de Elias, Salomé e Filemon. Outros autores, como Capriles (2011) e Sanford (2012) corroboram com ele, mas enfatizam o quanto o L.V. fala do “relato pessoal e autêntico” de Jung, exemplificada na descrição fidedigna desse processo de renovação e renascimento.

Para eles, Jung mergulhou numa profunda e imagética falácia conflituosa e teve coragem de trazer à luz as imagens mais perturbadoras que habitavam a sua psique. Esses autores significam o relato como o sofrimento necessário para o processo de transformação.

Em sua pesquisa sobre L.V., Guerra (2010/2014), faz um paralelo entre os conflitos internos vividos por Jung, como a dimensão amorosa conflituosa que ele estaria experienciando naquele momento de vida. No L.V., através de seus personagens, há uma tentativa de enfrentar os conflitos dos opostos, onde Guerra (2010) discorre sobre quais dificuldades Jung estava passando, do ponto de vista amoroso, e que seriam geradores e produtores desses conflitos para encontrar uma solução cabível para os sentimentos que o inundavam. Podemos perceber paradoxalmente esses conflitos retratados no diálogo entre o espírito do tempo e o espírito das profundezas. E mais adiante quando verbaliza “Minha alma, onde estás? Tu me escutas?” (JUNG, 2010 p.232). Na hipótese levantada pela autora, Jung enfrentava um conflito inconciliável e tão perturbador que acabou por afastá-lo da vida pública que, na tentativa de atenuá-los, levaram-no ao enfrentamento das razões mais profundas da sua alma.

Na visão de Corbert (2014) e Souza (2015), o L.V. traz uma elaboração dos processos vividos por Jung naquele momento histórico e que, no livro, estariam sendo descritos e assimilados os aspectos psíquicos para serem integrados a consciência em prol do desenvolvimento pessoal, dando uma nova visão e concepção de Deus; um desejo de formular um tipo de cristianismo sofisticado, de reviver o espírito *privero*, numa forma de renascimento. Esse processo evocaria, na opinião dos autores, a dimensão organizadora do si-

mesmo, descrita no L.V.. Para Corbert, consiste na compreensão das polaridades da psique e, concomitantemente, na elaboração de concepções a respeito de Deus. No L.V., aparecem concepções de Deus que não se limitam às concepções cristãs dogmáticas, sendo muitas vezes totalmente inusuais e até blasfemas. Ao final, apresenta a ideia do Deus Abraxas, o Deus acima das polaridades, e defende que o homem possui dignidade suficiente para não ter que se submeter aos desígnios divinos. Ao mesmo tempo, ao longo da tese (SOUZA, 2015), discorreremos sobre a correlação entre o L.V. e as ideias que serão reunidas nas Obras Completas, como os tipos psicológicos, a anima, o Self, a diferença entre a religião oriental e ocidental e a individuação.

Alguns autores como Souza (2015), fazem paralelo dessa concepção com o conceito de Self, proposto por Jung, numa tentativa de aprofundar sobre o tema do si-mesmo, dizendo que no L.V. os conflitos gerados se fazem presentes para que essa tensão entre os opostos possa permitir o surgimento do novo que emerge das profundezas da psique. Esse conceito central da obra de Jung daria ao parecer teleológico, um sentido maior, a ideia da morte e do renascimento como o processo de transformação psicológica. Corbert (2014) vai mais longe, afirma que o L.V. confirma que a psicologia analítica é uma forma emergente de uma prática espiritual.

Giegerich (2010/2012) é mais conciso e literal: o L.V. é uma nova bíblia. Na opinião do autor, o que é apresentado no L.V. vai além dos processos empíricos descritos no próprio livro. É no “caminho daquele que virá” que realmente se é capaz de demonstrar o conteúdo concreto da noção de superestimação. O achar esse significado é um ato de fé, em vez de simplesmente absurdo e hipertrofia. Seja como for, vemos mais uma vez que o L.V, longe de ser uma “Proposta Modesta”, estende-se hiperbolicamente ao excesso absoluto. Tem que ser isso para permitir que “o que está por vir” seja uma ruptura absoluta com o presente e deixe que o L.V. seja verdadeiramente o *Liber Novus*, a Nova Bíblia.

A familiar ideia junguiana da união em Deus do bem e do mal, de Cristo e de Satanás, também discutida no L.V., deve ser entendida nesse sentido maior. Mas quando o bem e o mal são personificados e mitificados como Cristo e Satanás, estamos de volta ao pensamento imaginário ou ontológico inocente dos opostos construídos como entidades ou princípios. Então, essa ideia de união pode ser chocante para nossas convicções morais costumeiras, mas não alucinante. O autor faz autocrítica, com essa concepção, pois nunca chegamos à ideia radical pretendida da superestimação e *OverGod*, porém os junguianos podem adotá-la como sendo algo além, sendo o L.V. santificado e revelador, por outro lado devemos aproveitá-lo até o final.

Outros autores (BISCHOP, 2012; GAILLARD, 2012; NANTE, 2015 e SOUZA, 2015) se debruçam sobre o conceito de sagrado que supõem aparecer no L.V., ficam reticentes sobre o que revela o seu conteúdo, mas são unânimes em afirmar que retrata a camada mais profunda do inconsciente, fazendo paralelos com experiência peculiar do próprio Jung. Nesse sentido, o foco do livro é o processo de individuação, na experiência do si-mesmo que é relatada por Jung durante os diálogos, episódios e pinturas descritos nos capítulos do livro.

O artigo de Lupo (2016) faz paralelo entre o L.V. e Zaratustra de Nietzsche que, na opinião desse autor, revelam as possíveis leituras que Jung fez de Nietzsche, elevando o seu horizonte temático e teórico. Postula que existem traços da influência deste trabalho que estão presentes na estrutura, linguagem, temas e na atmosfera do L.V., bem como referências explícitas ao próprio Nietzsche. São comuns os vestígios de suas reflexões filosóficas, suscitadas a partir de diálogos de Jung, relacionando a questão da verdade em *Ecce homo* e Zaratustra. Aqui, segundo o autor, é possível estabelecer como a “revelação da verdade” expressa por símbolos, uma “investigação da alma”, uma obra em que “o que está mais próximo, é o que realmente fala das coisas inéditas”. O personagem Zaratustra como um homem que se “sente a mais elevada espécie de existência” (LUPO, 2016), sem sucumbir a mais profunda e conciliadora alma, capaz de experimentar o tempo de maneira mais abissal e imanente do eterno retorno, como no conflito da perda da alma do L.V. e seus diálogos com o espírito do tempo e o espírito das profundezas proferido no L.V. (JUNG, 2010).

Ainda sobre o tema Zaratustra de Nietzsche, Dominici (2018) enriquece a discussão, pois cita analogias em relação aos animais. Lembra que a interpretação psicológica de “Assim Falou Zaratustra”, feita por Jung³⁷, surge um tanto obscura, como algo misterioso e filosoficamente distante da obra de Nietzsche, mas que com o L.V. se vê contextualizada. Um dos aspectos marcantes nessa interpretação de Zaratustra diz respeito aos animais: na maioria dos casos, Jung dá longas e detalhadas explicações, baseando-se em material mitológico, bem como material alquímico, para analisar algumas figuras de animais que não desempenham qualquer papel relevante no texto de Nietzsche. Isto é particularmente notável no caso da serpente pendurada na boca do pastor no capítulo intitulado ‘Da visão e enigma’, intimamente relacionado por Jung ao morder a garganta de Zaratustra em ‘Da picada da víbora’. Curiosamente, a maior parte dessa interpretação posterior pode ser recontextualizada e

³⁷ A interpretação psicológica de *Assim Falou Zaratustra* um seminário especificamente dedicado a Nietzsche nos anos 1934-1939.

entendida se comparada com o próprio *Liber Novus*, servindo como uma lente apropriada para observar e analisar a evolução do confronto de Jung com Nietzsche. Lendo as anotações de margens de Jung, em sua própria cópia de *Zaratustra*, fica claro que ele interpretou o trabalho como uma espécie de *Liber Novus Nietzscheano*, por assim dizer - ambos sendo entendidos por Jung como obras 'visionárias'. Dominici (2018) explora o entendimento de Jung sobre os capítulos de *Zaratustra*, 'Da visão e enigma' e 'Da picada da víbora' nos anos 30 e 50 e, em seguida, reconstrói tal entendimento com base no *Liber Novus*.

Para autores como Bauer (2014), Freitas e Richards (2014), Laughlin (2016), Fischer (2014) e Forlotti (2017), entre outros, é possível fazer paralelos entre aspectos do L.V. com o campo da arte. Há na imensidão de imagens e pinturas que o livro possui e, a partir daí, fazer analogias com a arte e, principalmente, com a arte contemporânea, trazendo à tona uma possibilidade de compreensão do conceito de criativo. O livro trata da questão do acolher, transforma e expressa a criatividade que se apresenta autonomamente, e que podemos traçar paralelos com autores e artistas contemporâneos. Nesse sentido, Freitas e Richards (2014) exploram o conceito do criativo e comparam a experiência de Jung no L.V. com Diane Arbus, uma fotógrafa da natureza com sua atitude frente ao inesperado e que se apresenta de maneira diferente frente ao óbvio, com olhar afetivo e profundo e, do músico brasileiro Itamar Assunção, cuja criatividade era simultaneamente rigorosa, irreverente, inovadora e sempre enraizada na realidade brasileira, centro de suas preocupações.

Assim, como Bauer (2014) que trata da interação criativa do L.V. com o conteúdo das mandalas, usando como método a pesquisa heurística, hermenêutica e artística-criativa para explorar o L.V., sua intenção e significado estão relacionados ao acesso ao inconsciente. Alguns temas principais do L.V. são apresentados juntamente com mandalas e o autor conta da experiência criativa e espontânea no seu uso. O conteúdo dessas imagens que o livro apresenta, dirigem-se a um campo inexplorado do livro e que dá margem a conjecturas, paralelos e ampliações, de acordo com a ótica de quem o escolhe como tema. Essa possibilidade já fala em si, do processo de individuação e dos aspectos criativos da psique e seus componentes arquetípicos.

É riquíssimo perceber a dimensão ampliada de todo esse material expressivo e artístico que o L.V. revela para esses autores. Todo esse conteúdo que o livro nos apresenta torna-se atual e renovado, a partir do olhar do pesquisador contemporâneo que, com essa diversidade de olhares, faz com que esse material deixe de ser um dado histórico para se tornar um conteúdo vivo e atual.

Nante (2015), outro estudioso do L.V., vê no livro uma obra inacabada, como o próprio Shamdasani sugere, quando Jung deixa de trabalhar nele pela última vez em 1930. Essa ideia visionária, contemporânea, de algo híbrido, que inclui um projeto inacabado, sustenta as visões de Cirlot (2012), Picon Bruno (2016) e do próprio Nante (2018) que, a parte, faz uma pesquisa importante sobre o projeto L.V. e é responsável pela tradução desta obra para a língua espanhola (JUNG, 2010)

Nante (2018), em seus artigos e em especial no livro, tenta contextualizar o L.V. assim como Stein (2012) dentro da construção e a concepção das OC, aproveitando o material empírico vivido por Jung, para acenar em prol da construção conceitual, elaboração e fundamentação teórica. Nesse trabalho, que cita como legado de uma obra inacabada, aponta para a compreensão do texto alguns princípios fundamentais: o da realidade psíquica, da totalidade, da polaridade e o acontecer do processo de individuação que guiam, de modo mais ou menos implícito, o trajeto simbólico do texto. Cita uma cronologia datando o início das produções do material simbólico do *Liber Novus* realizando assim uma linha do tempo, de novembro 1913 até 1930 onde estuda paralelamente as obras publicadas nestes períodos. Nesse trabalho belíssimo, monta um diagrama para fácil visualização dos temas imbuídos no L.V., também destacando a sequência: *Liber Primus*, *Liber Secundus* e *Liber Tertius* ou Aprofundamentos. Para Nante (2018), o L.V. fala ao nosso tempo, como uma voz atemporal de um saber que renasce do fundo da alma, não sendo uma obra científica ou especulativa, embora contenha reflexões que a aproximam do antigo conceito de teoria e que consistem em uma contemplação ou meditação dos mistérios vividos nas imagens que Jung vivenciou. Por outro lado, como podemos ver, muitas passagens “teóricas” são inspirações e posteriormente são retomadas na concepção das OC ao longo da trajetória de vida de Jung

O *Liber Novus* é a luz da própria cosmovisão junguiana, na visão do autor. Quem ingressa só com a razão crítica, o texto se mostra inexplicável. Porém, quando se deixa a razão de lado, sua letra fascina e espanta, e tal imersão em seu mar simbólico, inspira, e sua abrangência faz uma ampliação numa perspectiva de um olhar visionário. Jung concebe estas experiências como fundamento inspirador de toda sua obra, o L.V. convida ressignificar as aproximações esquemáticas, que se realizam nos processos inconscientes. Conceitos como sombra, anima, animus, etc, quando se aplicam mecanicamente, perdem sua qualidade evocativa, se transformam em meras explicações e não incentivam a compreensão. Nesse sentido, o L.V. tenta enaltecer a construção empírica e fortalecer os aspectos intuitivos e prospectivos ali iluminados que descrevem o acontecer do processo de individuação.

Stein³⁸ (2018) se propõe nesses seminários, discussões e conversas que passam por dar voz ao projeto L.V. de Jung. Retrata uma elaboração profunda sobre o processo de Jung, fazendo diversos paralelos que ele faz sobre o conceito de individuação e na constituição das suas obras completas e os fatores constituintes da explicitação do método de imaginação ativa. Estudar as OC, concomitantemente ao estudo do L.V., segundo o autor, deve ser muito importante para aqueles que desejam entender e aprofundar a teoria junguiana. Stein (2018) enfatiza, que há no livro a descrição do processo de individuação, suas interfaces poéticas e plásticas (pintura) de um homem da nossa época.

Como um estudioso com mais de 60 anos de aprofundamento na teoria junguiana, cita alguns pilares da análise junguiana que observa no L.V.: conceito de individuação, o que acontece no relacional e no invisível, o autor cita “você não acontece, algo acontece”. Utiliza-se do ato de imaginação, se apropriando do método de imaginação ativa, que é descrito no L.V. Ele, ainda lembra a analista Dra. Barbara Hannah, a forma como ela trabalhava, e o próprio Jung, a noção de passar por ele mesmo apresentado, demonstrado e que consegue enxergar subliminarmente no L.V.

Em outros seminários (STEIN, 2017/2018), cita a contextualização, pois o L.V. é o registro altamente estilizado do homem da meia idade, vivendo uma crise no diálogo com a sua alma. Esse diálogo contém o que era jovem com esse compromisso, com essa vida interior. Philemon, e os sete seres para os mortos estão na mulher. Utiliza metáforas, como “a beleza do sofrimento no final”. No livro, a primeira parte, ilustra o caminho; a segunda apresenta os sete sermões, um tipo de cosmogonia, uma visão de mundo meramente visionária. O L.V. evidencia o contraste entre o espírito dos dois espíritos; o do tempo com o das profundezas; o espírito do tempo que é o horizonte que o envia para fora e o espírito das profundezas que vai para baixo, o individual e o solitário. A confissão da crise da meia idade está no meio da vida: o recuperar a sua alma. Stein termina que o caminho que ele encontrou é o caminho solitário, onde a discussão sobre a fé e o conhecimento representam o caminho do simbólico.

Arzt e Stein (2018) convidaram³⁹ analistas pelo mundo a fora para compor esses ensaios, que estão divididos em três volumes. Este é o primeiro volume de uma série de três volumes montada em um nível global e multicultural, compilando ensaios de analistas e acadêmicos junguianos distintos. Atualmente, temos apenas um volume lançado, os outros

³⁸ Youtube seminar.

³⁹ Segundo um dos autores, foram convidados 50 analistas que enviaram artigos para fazerem parte desta obra.

estão em compilação. Esses ensaios são reflexões, críticas e inquietações sobre o *Liber Novus*. Segundo os organizadores, é o reconhecimento de que a publicação póstuma de O Livro Vermelho: *Liber Novus*, por C. G. Jung em 2009, foi um presente significativo para o nosso mundo contemporâneo. Os organizadores entendem que, semelhante aos tempos voláteis em que Jung se viu quando criou este trabalho há um século, também hoje nos confrontamos com condições altamente turbulentas e incertas de assuntos mundiais que ameaçam qualquer sentido de significado coerente, pessoal ou coletivamente. O L.V. promete tornar-se uma obra épica para o século XXI, pois nos oferece orientação para irmos ao encontro dos aspectos mais profundos da nossa psique, ir em direção a nossa alma, frente as adversidades de condições que se apresentam em nossa sociedade pós-moderna.

Sanford (2019) em seu seminário *The Red Book: An Encounter with Jung's words and imagens* propõe um mergulho profundo nos aspectos constituintes da construção e elaboração do L.V. de C. G. Jung. Sugere uma preparação especial, com intuito de constelar um "têmenos sagrado" como experiência ritual para o contato com o *Liber Novus*. É interessante que o objetivo desse seminário é entender a relevância do L.V. para o crescimento pessoal, do processo psicoterapêutico e a busca de sentido da vida. Sanford, ao examinar o L.V. convida o leitor a lembrar do contexto das obras anteriores e posteriores de Jung, retomando o momento da sua crise pessoal em relação a Freud, do afastamento da Universidade da Basileia e do seu rompimento com a Sociedade de Psicanálise, quando deixa o cargo de presidente. Propondo um lugar para a obra, tanto nas histórias, como nas fantasias e nas pinturas de Jung, o objetivo do seminário foi alcançar, entre os tópicos a serem considerados: significado e absurdo, caos e ordem, a morte do herói interior, masculino e feminino, sombra e persona, bem e mal, razão e desrazão, sanidade e loucura – a compreensão dos opostos e a ideia da orientação de sua alma.

Descrever a relevância de tais noções como o "espírito das profundezas", sentido e absurdo, e explicação *versus* compreensão, a alma, o deserto (psicológico), a morte do herói, o processo psicoterapêutico, explicando a importância que Jung coloca na integração do masculino e feminino e do bem e do mal no processo de individuação e trabalho clínico, enfim demonstrar uma compreensão das noções junguianas de descida espiritual e sua importância para a psicoterapia.

Podemos observar e refletir que neste seminário, Sanford (2019) proporcionou uma compreensão do desenvolvimento do L.V. de Jung e o desenvolvimento das OC, além de dar um lugar do L.V. para a psicologia do século XX, descrevendo a relevância clínica da narrativa para o processo de individuação e a prática da psicoterapia. O autor se aprofundou em questões como: o "espírito das profundezas", sentido e absurdo, e explicação *versus*

compreensão, a alma, o deserto (psicológico), a morte do herói, o processo psicoterapêutico, explicando a importância que Jung coloca na integração do masculino e feminino e do bem e do mal no processo de individuação e no trabalho clínico. Na verdade, Sanford tentou demonstrar uma compreensão das noções junguianas da descida espiritual e sua importância para a psicoterapia e o processo de transformação psicológica.

Enfim, descrevendo esse processo de levantamento bibliográfico como exploratório, pudemos traçar uma linha do tempo de 2009-2018 na tentativa de apresentar trabalhos que pudessem abranger a multiplicidade de olhares sobre o tema do L.V. É importante destacar a nossa preocupação em abrirmos um terreno que fosse fértil corroborando para viabilização dessa pesquisa.

4.OBJETIVOS

4.1. Objetivo Geral

Compreender o papel do Livro Vermelho (L.V.) na prática dos analistas junguianos na América Latina.

4.2. Objetivos Específicos

Identificar os aspectos que o Livro Vermelho (L.V.) suscitou sobre a psicologia junguiana na reflexão dos analistas.

Identificar os efeitos da leitura do Livro Vermelho (L.V.) na prática clínica dos analistas junguianos.

5.MÉTODO

A perspectiva metodológica de um paradigma concentra-se no modo como o conhecimento pode ser adquirido e nos meios pelos quais as premissas epistemológicas propostas pelo paradigma podem ser concretizadas na forma de produção de conhecimento novo e significativo. (PENNA, 2013, p.183)

5.1. Características do estudo

Tendo em vista o objetivo do projeto de pesquisa, resolvemos organizá-la metodologicamente em algumas etapas:

Na primeira etapa, iniciamos um levantamento bibliográfico sobre o tema do L.V., a partir da data do seu lançamento mundial (2009), como já descrito anteriormente no capítulo 3, página 28.

Numa segunda etapa, trabalhamos com uma metodologia mista que reunisse a produção, a descrição e a análise de dados, tanto quantitativos como qualitativos (CRESWELL & CLARK, 2013).

5.2. Participantes

Critérios de inclusão

Ser analista junguiano devidamente credenciado à *International Association for Analytical Psychology*–IAAP. No Brasil, consideramos os membros da AJB⁴⁰, SBrPA⁴¹. Para os analistas de outros países da América Latina seguimos os mesmos critérios; analistas credenciados nas sociedades junguianas: Associação Uruguaia de Psicologia Analítica-AUPA, Sociedade Colombiana de Analistas Junguianos-SCJA, Sociedade Venezuelana de Psicologia Analítica-AVPA, Sociedade Venezuelana de Analistas Junguianos-SVAJ, Sociedade Uruguai/Argentina de Psicologia Analítica-SUAPA e Sociedade Mexicana de Analistas Junguianos-SOMEJ e os membros independentes credenciados à IAAP.

⁴⁰ Associação Junguiana do Brasil com seus 9 institutos: IJUSP, IJURJ, ICGJMG, IPAC, IJUPR, IJURS, IPABA, IJBsB e IJSC.

⁴¹ Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, com 2 sedes: São Paulo e Rio de Janeiro.

Crêterios de Exclusão

Analistas em treinamento vinculados   IAAP, psicólogos e psicoterapeutas junguianos não pertencentes   IAAP, psicólogos e psicoterapeutas de outras abordagens.

5.2.1. Sele o dos Participantes

A amostra não   aleatória, pois o critério de escolha dos participantes considera todos já pré-selecionados antecipadamente (CRESWELL, 2007) por serem analistas junguianos credenciados   IAAP.

Na fase quantitativa, convidamos todos os 347 analistas latino-americanos para participar desta pesquisa. Consideramos como fonte, a lista atualizada dos membros analistas; *The Members List – IAAP*, em sua última versão 2016⁴².

Na fase qualitativa, foram convidados todos os analistas que responderam por completo as 12 questões do questionário, totalizando 85 membros analistas. Desse total, 20 analistas se dispuseram a participar das entrevistas tendo como tema compreender o papel do Livro Vermelho (L.V.) na prática dos analistas junguianos na América Latina. Do total de 20 analistas, apenas 9 se dispuseram a participar das entrevistas, de acordo com a disponibilidade e as circunstâncias de encontro com cada membro analista. Importante destacar que os dados da fase quantitativa servem como critério de inclusão para fase posterior: a qualitativa (CRESWELL, 2007).

5.3. Instrumentos

5.3.1. Questionário da fase quantitativa

O questionário na fase quantitativa foi elaborado baseado na proposta de organiza o das informa es e perguntas propostas por Gunther (2003), sendo que este questionário foi acoplado a base de dados da plataforma *SurveyMonkey.com*. Posteriormente, foi enviada um e-mail com uma carta de apresenta o (APÊNDICE B.1) contendo uma folha de rosto com uma apresenta o que incluía o Termo Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICE B.2), onde continha um link da plataforma com o acesso ao questionário (APÊNDICE B.2.1) das 12 perguntas fechadas. Esse questionário foi enviado por e-mail, em

⁴² Publication of the International Association for Analytical Psychology - publica o tri-anual.

duas versões: uma em língua espanhola (APÊNDICE A) e outra em língua portuguesa (APÊNDICE B).

5.3.2. Entrevista semiestruturada

As entrevistas para a fase qualitativa foram elaboradas pelo pesquisador e seu orientador (APÊNDICE D), a partir dos objetivos da pesquisa. Foram elaborados um roteiro com 6 (seis) perguntas semiestruturadas que continham o TCLE (APÊNDICE C) assinado com as versões em língua espanhola (APÊNDICE C.1) e em língua portuguesa (APÊNDICE C.2). As entrevistas foram realizadas pessoalmente e por *Skype* de acordo com a disponibilidade dos membros analistas.

5.4. Procedimentos

5.4.1. Fase Quantitativa

Foram encaminhados, por e-mail, para todos os membros analistas, um questionário baseado no programa *SurveyMonkey.com* contendo 12 perguntas fechadas. Esse questionário foi organizado seguindo uma ordem de procedimentos sequenciais com 3 questões excludentes: a primeira que se referia ao TCLE; a quinta pergunta (contato com o L.V.) e a sexta pergunta (leu o L.V.).

Ao receber o e-mail, lida a apresentação (APÊNDICE A), o analista acessava o link do programa constante no corpo do e-mail. Feito isso, o programa emitia uma nota, perguntando qual idioma do questionário o analista desejava responder. Após a escolha, o analista era direcionado para o questionário, onde aparecia a primeira pergunta sobre os termos do TCLE (APÊNDICE B) com o item de concordância. Caso o analista discordasse do TCLE, o programa emitiria uma nota de agradecimento e excluiria o analista da continuidade do processo. Caso o analista concordasse com os termos, o programa o direcionaria para a continuidade do questionário, ou seja, o preenchimento dos dados de identificação: idade, gênero, tempo de prática clínica.

Na sequência da quinta pergunta, considerava-se excludente “teve contato com L.V.”; caso o analista respondesse negativamente, o programa emitiria uma nota de agradecimento e o direcionaria para o final da pesquisa; caso o analista respondesse afirmativamente, ele continuaria o questionário.

Na sequência da sexta pergunta, considerava-se excludente “leu o L.V.”; caso o analista respondesse negativamente, o programa emitiria uma nota de agradecimento e o direcionaria para o final da pesquisa; caso o analista respondesse afirmativamente, o programa o direcionaria para a próxima pergunta, dando sequência no questionário até o seu final. Ao completar todas as perguntas o programa emitia uma nota de agradecimento, fechava a página do questionário e coletava os dados na base do programa.

Essa plataforma coletou os dados durante 3 meses, entre setembro a novembro de 2018. Nesse período, o questionário foi encaminhado 3 vezes. Após 25 dias do primeiro envio, reenviamos novamente, enfatizando a importância da participação dos membros analistas. Após 2 meses, reenviamos o questionário pela terceira e última vez, onde foi reiterada a relevância da participação dos analistas, dando ênfase na importância de responderem as perguntas para a viabilidade da pesquisa sobre o L.V.

Decorridos 3, meses encerramos a coleta de dados. O programa *SurveyMonkey.com*, a partir das respostas dos analistas no questionário, organizou estatisticamente os dados em gráficos e tabelas.

5.4.2. Fase Qualitativa

Após o término da coleta de dados da fase quantitativa, contactamos 9 analistas para as entrevistas, realizadas após a aprovação no CONEP (COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA) da PUCSP (ANEXO 1), durante um período de 4 meses, entre dezembro de 2018 a abril de 2019.

Iniciamos nossos contatos para agendamento das entrevistas com 5 analistas estrangeiros. Primeiramente foi enviada uma mensagem por e-mail ou *whatsapp*, na tentativa de agendarmos as entrevistas por *Skype*. Muitos já haviam sido contactados no Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana, realizado na Colômbia em julho de 2018, e estavam cientes que futuramente os contactaríamos para as entrevistas, o que facilitou todo o procedimento. Assim, após esse primeiro contato, copiamos o TCLE (APÊNDICE C.1), salvamos o material em arquivo PDF, geramos duas cópias, assinamos e encaminhamos por e-mail para que os entrevistados tivessem ciência da pesquisa. Agendamos as entrevistas por *Skype*, com data e horário. Recebemos por e-mail a cópia do TCLE assinada. Realizamos as entrevistas que tiveram duração de 30 minutos. Ao final, o pesquisador colocou-se à disposição sobre qualquer outra informação sobre a pesquisa.

No segundo momento realizamos as entrevistas com 4 analistas brasileiros. Estabelecemos o contato, pessoalmente ou por telefone, e agendamos os encontros no consultório ou residência dos membros analistas. No primeiro contato esclarecíamos o motivo da pesquisa e, também, confirmávamos se o analista havia respondido o questionário eletrônico até o final. Em seguida, combinávamos o dia e o horário para que pudessemos realizar o encontro para a entrevista. Com os analistas brasileiros, tivemos algumas dificuldades por conta do período de férias e a disponibilidade da agenda de cada um, o que dificultou na organização das datas para as a realização das entrevistas. Foram agendados data e horário e, no dia das entrevistas, apresentamos o TCLE (APÊNDICE C.2) com duas cópias. A entrevista só teve início após a confirmação e a assinatura do termo, ficando uma cópia para o entrevistado e outra para o entrevistador. Os encontros aconteceram individualmente durante 50 minutos. Ao final, o pesquisador se colocou à disposição para informações futuras sobre a pesquisa.

5.5. Análise dos dados

5.5.1. Fase Quantitativa

Na primeira fase dessa pesquisa, após os 91 participantes terem respondido o questionário seguindo as questões organizadas no inquérito, os dados coletados foram separados, organizados e analisados estatisticamente pelo sistema *SurveyMonkey.com*. Tendo em vista a análise dos dados coletados, os resultados foram apresentados em 3 subitens com 14 gráficos respectivamente:

- Gráfico geral: I- Convidados, II- Participantes e III- Concordância;
- Gráficos dos dados dos participantes: IV- Idade, V- Gênero e VI-Tempo de prática clínica;
- Gráficos Livro Vermelho: VII- Contato com o L.V., VIII- Leitura do L.V., IX- Modo de leitura I, X- Modo de leitura II, XI- Importância do L.V, XII- Mudança de percepção da teoria, XIII- Mudança da prática clínica e XIV- Significado do L.V.

5.5.2. Fase Qualitativa

A partir dos dados da fase quantitativa foram escolhidos (9) nove participantes para a fase qualitativa.

Os dados da fase qualitativa foram analisados segundo a Técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (1975/2016), adaptada por Faria (2003).

Iniciamos ouvindo todo material das entrevistas e posteriormente fizemos a transcrição. Cumprida essa etapa, realizamos uma leitura intuitiva do conteúdo das transcrições, apontando os aspectos mais interessantes, separando e detectando os temas que apareceram para elaboração dos grupos temáticos. A partir dos temas que emergiram, construímos 4 grupos temáticos: I- Prática clínica, II- Jung, III- Teoria viva e IV- Profundidade, sendo que cada grupo temático surgiu a partir dos seus respectivos temas:

- Grupo temático I: a) Imaginação ativa, b) Esclarecimento da teoria em termos práticos;
- Grupo temático II: a) A experiência com inconsciente, b) Testemunho vivo, c) Transformação vivida;
- Grupo temático III: a) Conexão e aproximação com a teoria;
- Grupo temático IV: a) Profundidade do inconsciente, b) Diálogo com o inconsciente e c) Sincronicidade;

Após a análise de conteúdo, conjuntamente com os símbolos que solicitamos dos analistas para espelhar a sua experiência com o L.V., fizemos uma leitura baseada na psicologia analítica no contexto de pesquisa (PENNA, 2013).

5.6. Procedimentos éticos

Esta pesquisa seguiu os critérios e determinações da Resolução 466/2012 e 510/2016 da CONEP (COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA), sendo que a coleta de dados foi precedida pelo TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tanto para a fase quantitativa quanto para a qualitativa, o que garantiu e protegeu o sigilo dos nomes, material, dados e todo o conteúdo existente e analisado.

A pesquisa foi submetida à Comissão de Ética-CEP da PUCSP e aprovada com o parecer de número 2.916.533 (ver ANEXO 1). Do ponto de vista ético esta pesquisa não oferece risco à saúde dos participantes.

6.RESULTADOS E ANÁLISE

6.1. Resultados e análise quantitativa

Foram convidados, 347 membros analistas de institutos e associações junguianas latino-americanas, via e-mail, para participar da pesquisa pelo questionário (ver APÊNDICE B), sendo que dessa lista, 77 são membros analistas de língua espanhola e os 270 restantes de língua portuguesa.

Destacamos que esses analistas estão divididos em 7 países: 10 na Argentina; 270 no Brasil, 9 do Chile, 6 da Colômbia, 15 do México, 1 do Panamá, 5 do Uruguai e 31 da Venezuela, sendo que alguns desses analistas não atuavam em seus países formadores ou de origem.

A coleta de dados foi realizada em aproximadamente 3 meses, iniciando em setembro e encerrando em novembro de 2018. Durante esse período, 91 membros analistas responderam o questionário (26,22%), 3 membros não concordaram em responder (0,86%), além do que 10 membros analistas (2,88%) tiveram o questionário devolvido (erro de sistema⁴³ ou problemas na caixa de e-mail) e 6 membros analistas receberam o e-mail, mas cancelaram sua participação (1,72%) da amostra geral dos 347 membros analistas latino-americanos convidados a participar da pesquisa.

Nesse período de setembro a novembro de 2018, o questionário foi encaminhado três vezes. Na primeira etapa, apenas 15% dos membros analistas responderam o questionário. Após 25 dias, reenviamos o questionário enfatizando a importância da participação e, dos 85% membros pendentes, obtivemos 5 % de respostas. Após 2 meses, enviamos o questionário pela terceira e última vez, onde foi reiterada a importância da participação dos analistas na pesquisa, dando destaque na importância de responderem as perguntas para a viabilidade e o sucesso da pesquisa sobre o Livro Vermelho (L.V.). Deixamos o questionário aberto durante um mês e após 3 meses o encerramos, sendo que 94 membros analistas (27,09%) aceitaram o convite de participação.

Dos 94 membros analistas, apenas 91 concordaram em participar (26,22%), 85 membros analistas (82,41%) responderam todas as 12 questões do questionário, isto é, leram o livro todo ou parcialmente e consideraram importante estudá-lo. Os outros 6 membros

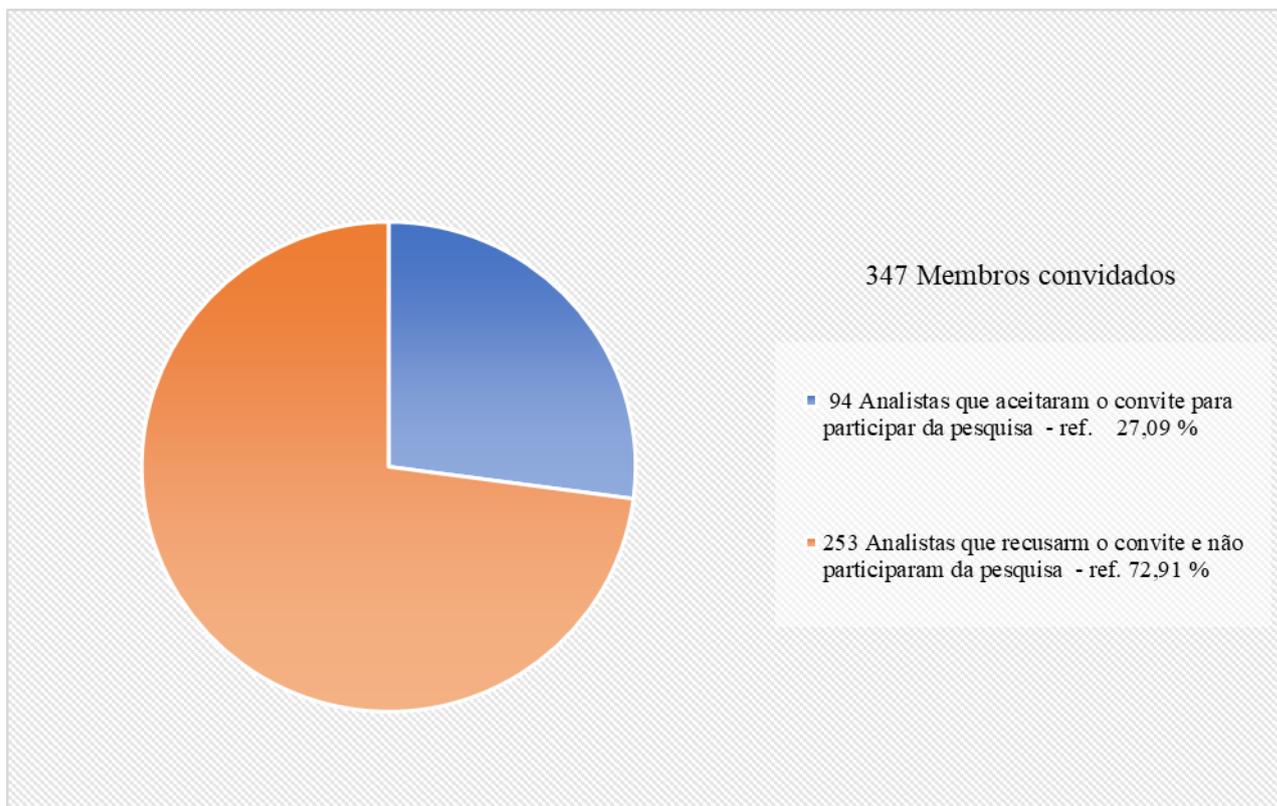
⁴³ Em outubro ocorreu um problema no sistema *surveymonkey.com*, onde os dados não foram registrados por 2 dias.

analistas (17,59%) responderam parcialmente o questionário, ou seja, 2 deles não tiveram contato com o livro e os outros 4 tiveram contato, porém não leram o L.V. Cabe ressaltar que a maioria dos analistas tiveram contato e leram parcialmente ou totalmente o L.V., independentemente da forma, grupo ou individualmente.

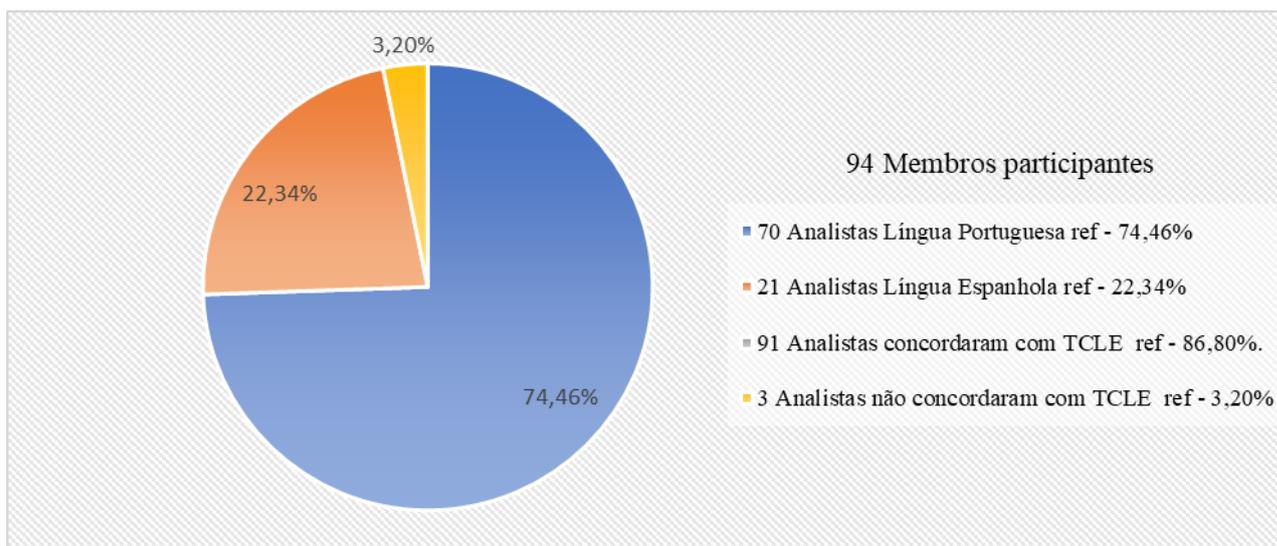
Outra questão, é que do total de 347 membros analistas latino-americanos, apenas 94 decidiram se manifestar sobre a pesquisa eletrônica. Mesmo que existissem falhas no sistema de coleta de dados ou no envio de e-mails, questionamos quais os motivos da não participação desses analistas nessa pesquisa.

6.1.2. Gráfico Geral

Gráfico I – Convidados

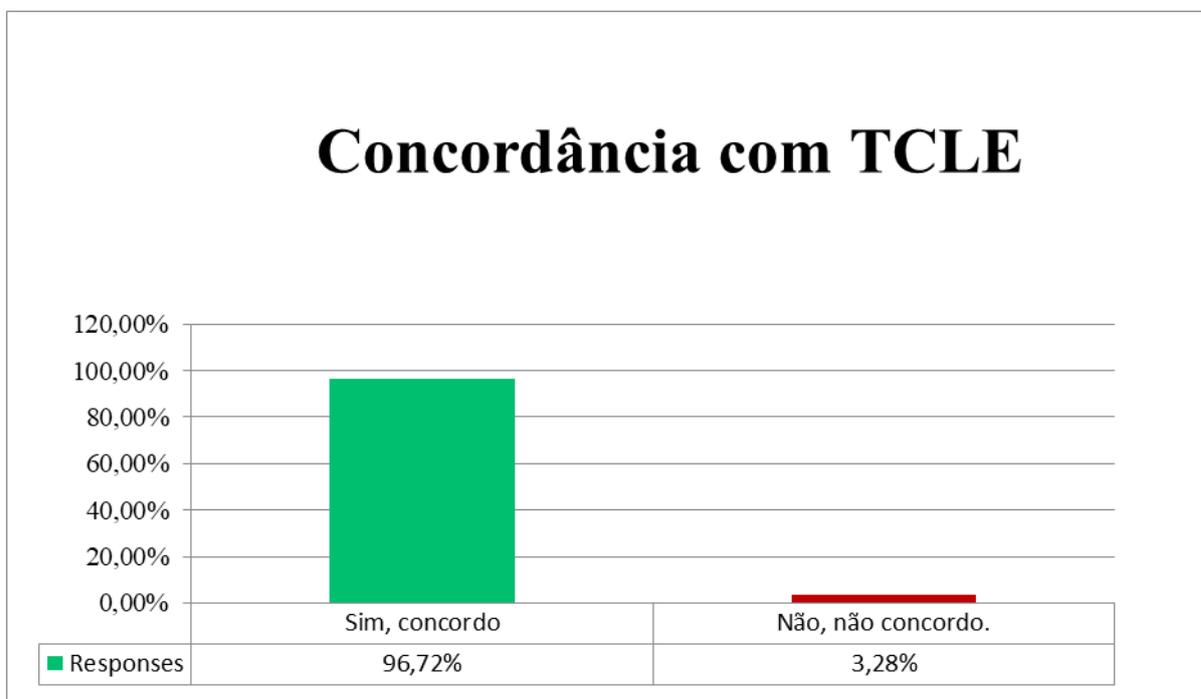


Fonte: O autor (2019)

Gráfico II – Participantes

Fonte: O autor (2019)

Dos 94 membros analistas, sendo 73 de língua portuguesa (77,66%) e 21 de língua espanhola (22,34%), desse total 3 membros analistas brasileiros não concordaram com TCLE e não quiseram responder o questionário da pesquisa. Assim, nossa pesquisa estava embasada, inicialmente, num total de 91 membros analistas latino-americanos (86,80%).

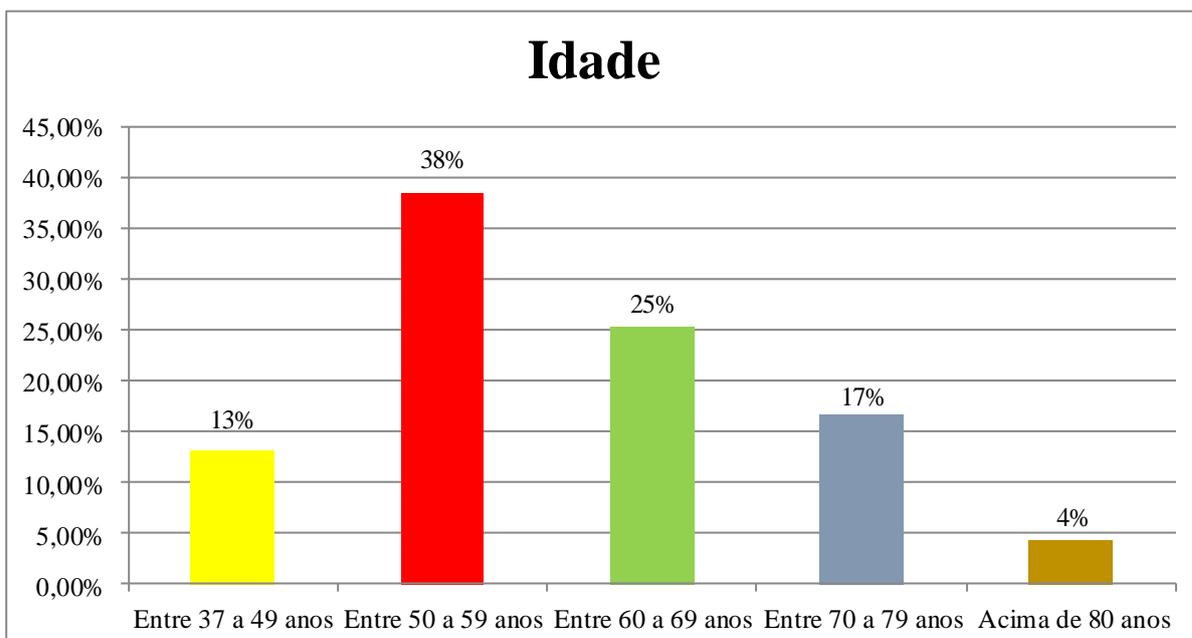
Gráfico III – Concordância com TCLE

Fonte: O autor (2019)

6.1.3. Gráficos dados dos participantes

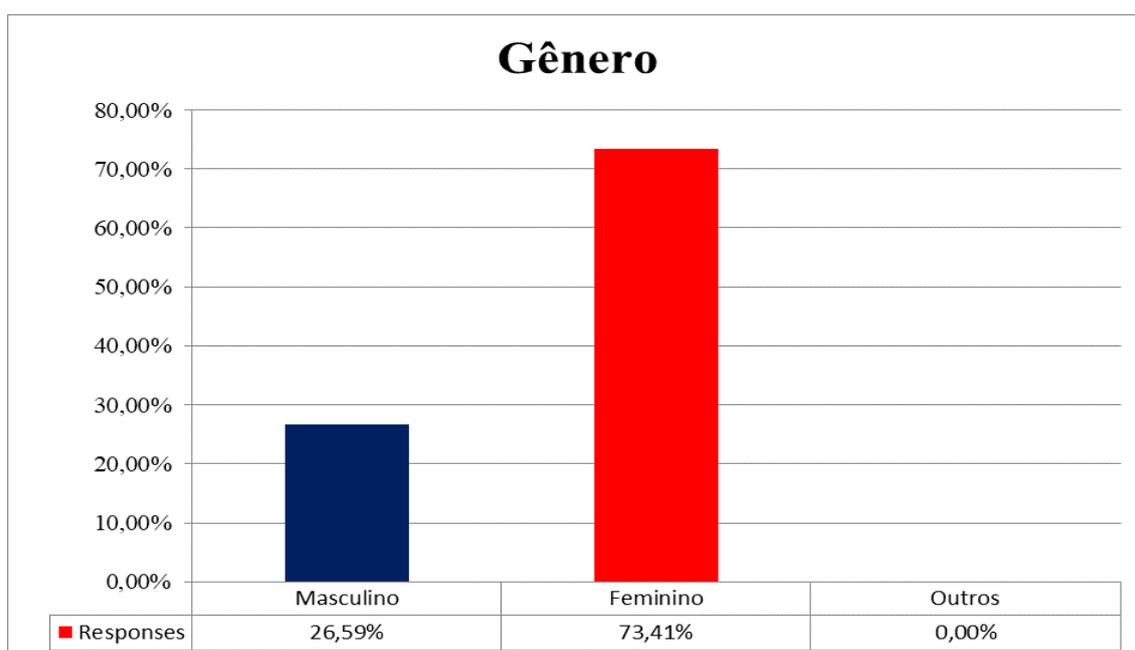
Do total de 91 analistas que participaram dessa pesquisa, temos um número significativo de pessoas acima de 49 anos.

Gráfico IV - Idade



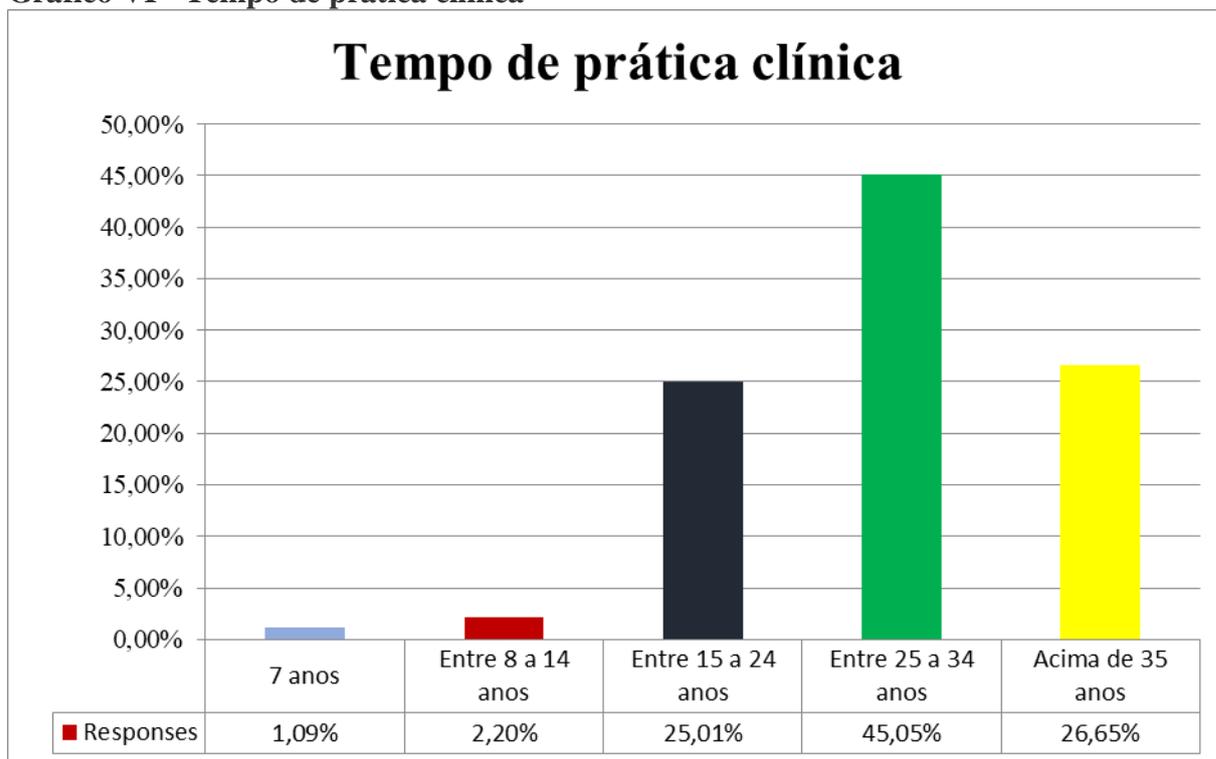
Fonte: O autor (2019)

Gráfico V – Gênero



Fonte: O autor (2019)

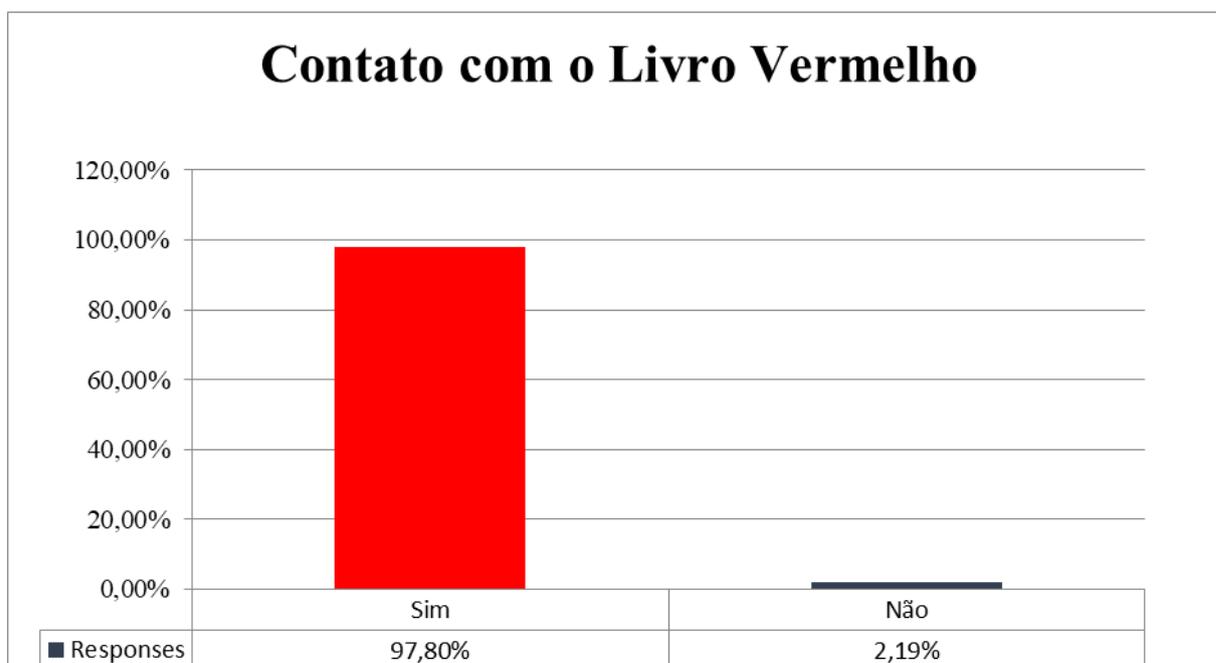
Gráfico VI - Tempo de prática clínica



Fonte: O autor (2019)

6.1.4. Gráficos – Livro Vermelho

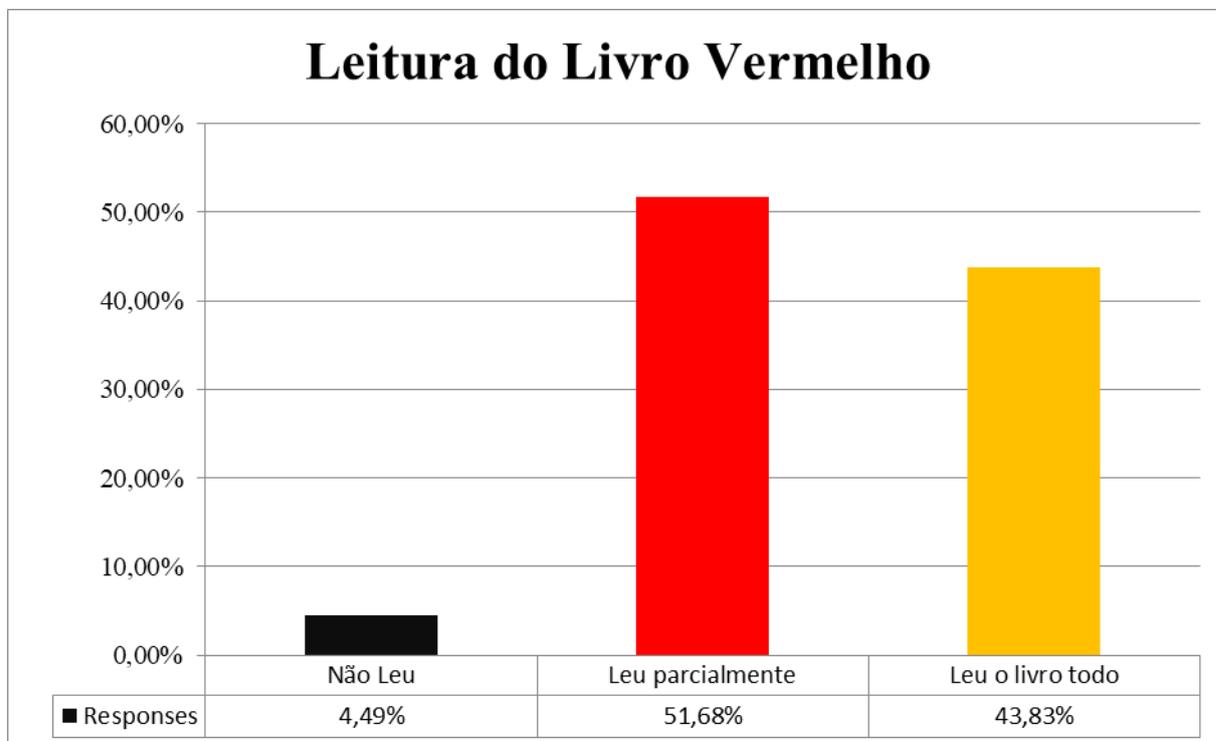
Gráfico VII – Contato com o Livro Vermelho



Fonte: O autor (2019)

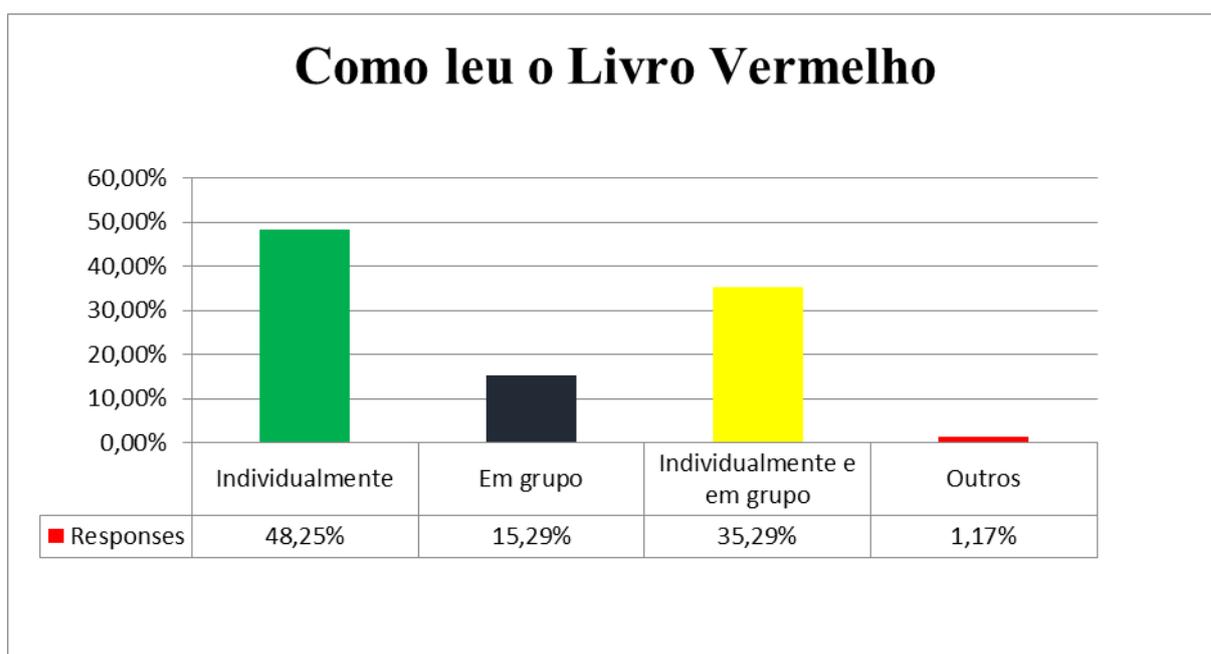
Entende-se contato com o L.V., tudo e qualquer tipo de contato: físico, visual, aquisição e consignação.

Gráfico VIII – Leitura do Livro Vermelho



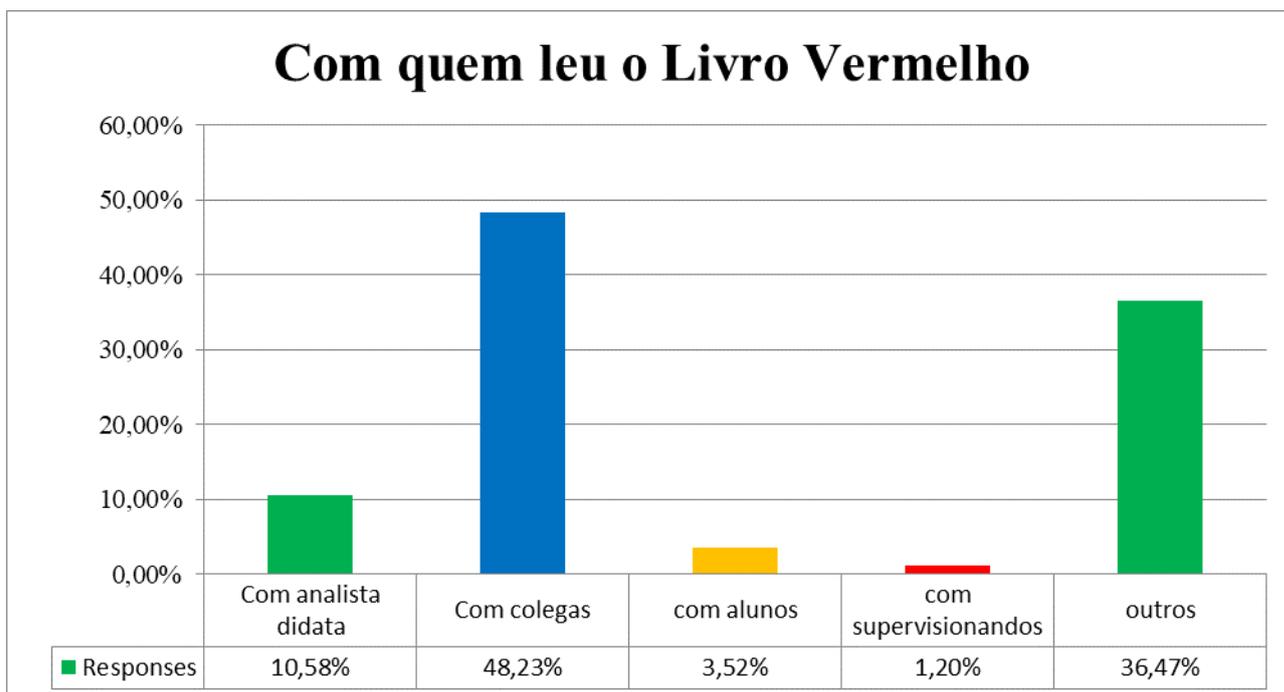
Fonte: O autor (2019)

Gráfico IX – Modo de leitura I



Fonte: O autor (2019)

Gráfico X – Modo de leitura II



Fonte: O autor (2019)

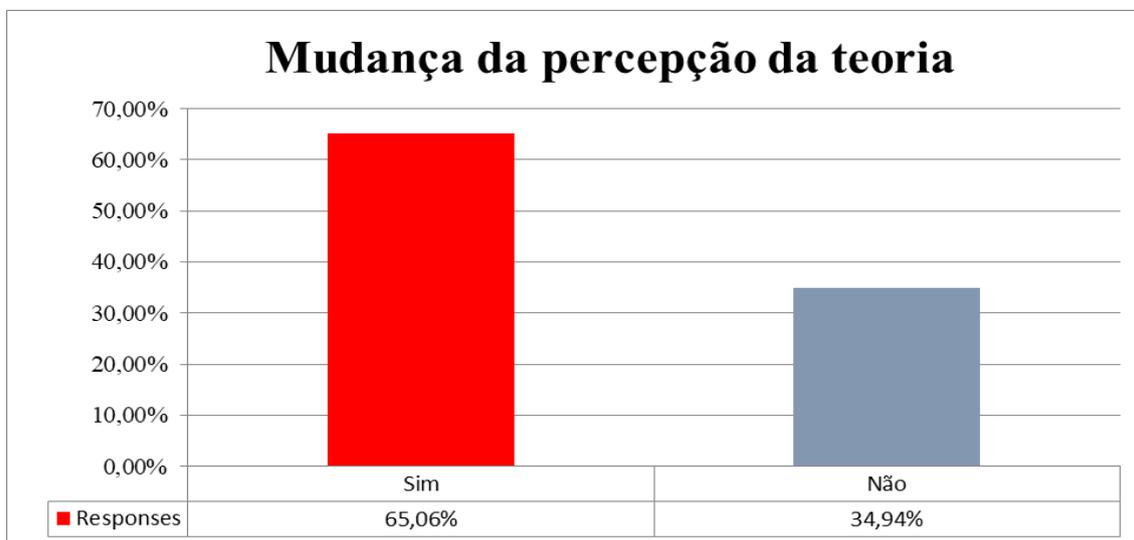
Gráfico XI – Importância do estudo do Livro Vermelho



Fonte: O autor (2019)

Na opinião da maioria dos analistas que responderam o questionário, 97,64 % consideraram importante estudar o Livro Vermelho.

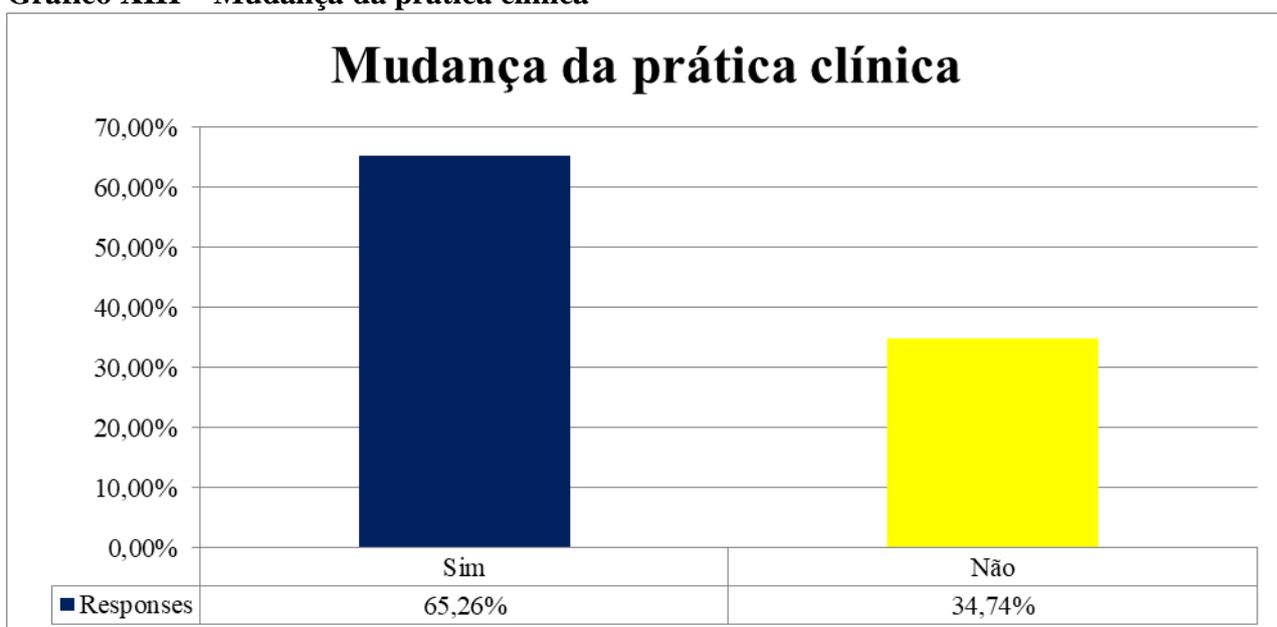
Gráfico XII – Mudança da percepção da teoria



Fonte: O autor (2019)

Observamos que 65 % dos analistas responderam que mudaram a percepção da teoria após a leitura do Livro Vermelho.

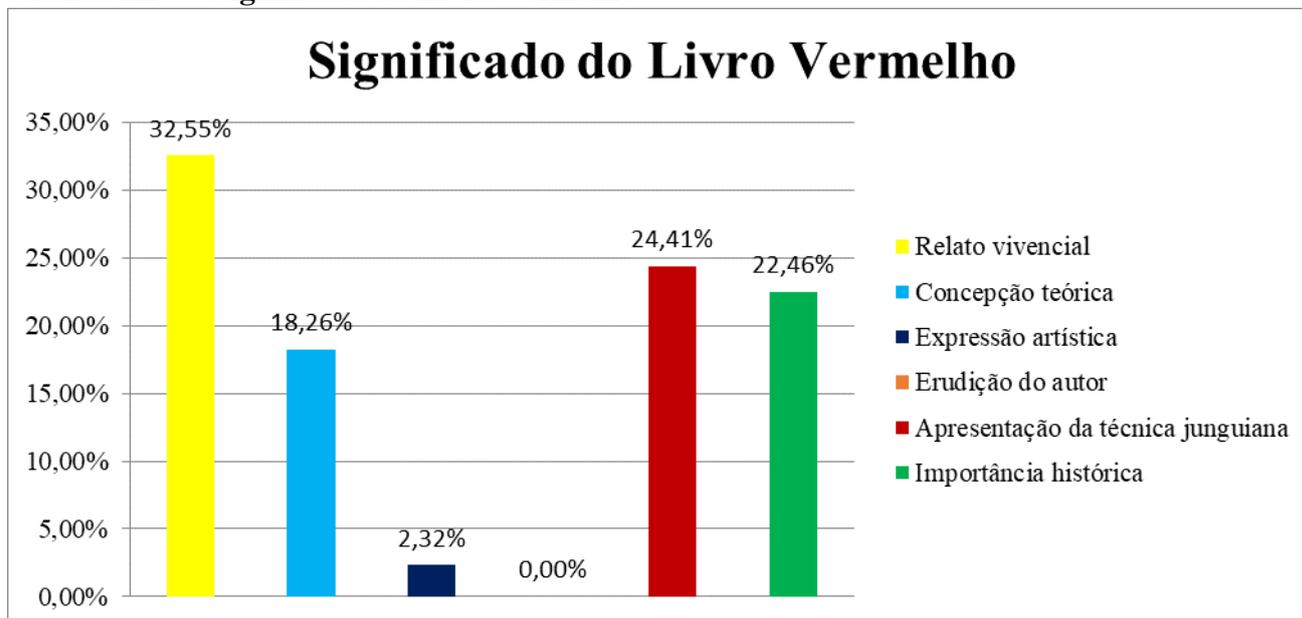
Gráfico XIII – Mudança da prática clínica



Fonte: O autor (2019)

Observamos que 65,26 % dos analistas responderam que mudaram a prática clínica após a leitura do Livro Vermelho.

Gráfico XIV – Significado do Livro Vermelho



Fonte: O autor (2019)

Observa-se no gráfico que, na opinião dos analistas, quatro aspectos são considerados os mais importantes: Relato vivencial, Apresentação da técnica, Importância histórica e Concepção teórica.

6.2. Resultados e análise qualitativa

Nesta etapa da pesquisa foram realizadas 9 entrevistas, com 6 questões semi-dirigidas (ver APÊNDICE D), com membros analistas latino-americanos, divididos entre 5 membros de língua espanhola e 4 de língua portuguesa.

Essas entrevistas foram realizadas presencialmente e por *Skype*, de acordo com a disponibilidade de dia e horário que cada analista entrevistado disponibilizou para conversar com o pesquisador. As entrevistas respeitaram a singularidade e o tempo disponível de cada analista, criando um ambiente favorável para que esses encontros pudessem extrair o que fosse essencial sobre o tema do L.V.

Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para a análise de conteúdo.

6.2.1 Caracterização dos entrevistados

Considerando os 9 membros analistas selecionados para as entrevistas, separamos os dados de identificação seguindo os seguintes critérios: nome⁴⁴, nacionalidade, sexo, idade, formação, tempo de prática clínica e, também, alguns comentários sobre a trajetória de cada analista, seu contato com o L.V. e o respectivo símbolo da obra que o representava. Observamos também, que a média de prática clínica dos membros analistas entrevistados é de 25 a 34 anos, denotando uma grande experiência de trabalho. Segue abaixo a relação de entrevistados:

Rosa, brasileira, sexo feminino, idade 59 anos, psicóloga e membro analista com prática clínica de 35 anos; sua experiência perpassa principalmente pelo trabalho expressivo e com grupos, desenvolvendo propostas terapêuticas inovadoras, na formação de analistas, como também no ensino da psicologia analítica dentro da academia.

Carol, brasileira, sexo feminino, idade de 49 anos, psicóloga e membro analista com prática clínica de 20 anos; seu interesse clínico está no trabalho com a técnica de *Sandyplay*, na investigação dos cenários clínicos e no trabalho com as imagens do inconsciente.

Mike, argentino, sexo masculino, idade 61 anos, psiquiatra e membro analista com prática clínica de 36 anos; atualmente atua em consultório e na formação de novos analistas, incentivando os mesmos a construírem um olhar mais profundo com relação a alma, apropriando-se do seu processo de desenvolvendo na perspectiva da equação pessoal; o autoconhecimento na análise.

Ana, argentina, sexo feminino, idade 56 anos, psicóloga, atriz e membro analista com prática clínica de 27 anos; seu trabalho é marcado pela perspectiva da expressividade, pela influência potencial e criativa da psicologia junguiana, ficou impressionada com o tamanho do L.V.

José, brasileiro, sexo masculino, idade de 62 anos, psicólogo e membro analista com prática clínica de 37 anos. Seu interesse desde o início da carreira era pelo trabalho clínico, seu referencial teórico está embasado no modelo clássico da psicologia analítica, na forma de ler os fenômenos psíquicos, porém com uma atitude terapêutica *hillmaniana*. Enfatiza que dentro do trabalho clínico, seu olhar é para alma: qual o convite que ela faz.

Agostinho, colombiano, sexo masculino, idade 56 anos, psicólogo, músico e membro analista com prática clínica de 27 anos; sua formação passa por processos criativos e

⁴⁴ Os nomes são fictícios na tentativa de preservar o anonimato dos analistas entrevistados.

intuitivos e no trabalho vivencial com jovens terapeutas em grupo. Fez grupos de estudos do L.V. com jovens estudantes de diversas áreas das humanas. Após leitura do L.V. sentiu-se inspirado para produzir seu próprio L.V. e vê nele um mergulho profundo.

Felix, venezuelano, sexo masculino, idade 58 anos, formação psiquiatria e membro analista com prática clínica de 34 anos; tem em suas influências o contato de 20 anos de estudos e orientações com Rafael Lopez-Pedraza, é um marco do qual nutriu um olhar ímpar para a mitologia, na tentativa de construir uma perspectiva vanguardista da psicologia analítica.

Ben, venezuelano, sexo masculino, idade 55 anos, psicólogo e membro analista, com prática clínica de 32 anos; tem na sua concepção de trabalho a formação de analistas com um olhar criterioso sobre a teoria e a prática, dando muita importância ao estudo das OC do C. G. Jung, de textos clássicos junguianos e preferencialmente no trabalho com os sonhos. Teve acesso ao L.V. num momento que deixava a Venezuela para começar uma nova etapa na em sua vida, onde iria residir e trabalhar em outro país.

Mari, brasileira, sexo feminino, 55 anos, psicóloga, arte terapeuta e membro analista com prática clínica de 33 anos; seu processo é marcado pela busca da espiritualidade, quando no início da carreira resolveu morar num *Ashran*, na Índia. Nesta busca de um sentido maior, viu na psicologia junguiana esse valor, onde a ênfase do trabalho psicológico é no aspecto teleológico; quer dizer na finalidade do inconsciente. Atualmente atua na clínica, na formação de analistas, como também na academia, onde o seu trabalho está focalizado na importância da utilização das técnicas expressivas, dando destaque ao fator criativo do inconsciente.

Após apresentarmos os analistas entrevistados, suas características e algumas peculiaridades sobre o trabalho e o olhar de cada um sobre psicologia junguiana, trataremos agora do conteúdo das entrevistas, dos temas que emergiram intuitivamente, que foram capturados e organizados em grupos temáticos.

6.2.2 Grupos temáticos e temas

A partir das entrevistas, apresentamos os resultados obtidos e suas análises, os dados organizados em grupos temáticos surgidos a partir dos temas que emergiram do encontro do pesquisador com os analistas.

O método de análise adotado foi o de Bardin (1975/2016), aperfeiçoado por Faria (2003). A análise de conteúdo busca a apreensão da totalidade do discurso por meio de uma

primeira aproximação intuitiva, aberta a todas as reflexões, ideias e hipóteses, e por meio de uma organização sistematizada em temas (BARDIN, 2016, p.75).

Os grupos temáticos não devem ser olhados de uma maneira rígida, já que podemos perceber que existe uma multiplicidade de temas que, muitas vezes, se interpenetram, entrelaçam, compondo uma rica rede de metáforas e significados. Podemos observar que alguns temas podem, por vezes, serem facilmente transpostos para outros grupos temáticos ou temas.

Portanto, após a leitura das transcrições das entrevistas, o discurso do conteúdo dos 9 analistas foi organizado em grupos temáticos e temas. A partir disso, constituímos quatro grupos temáticos com os seus respectivos temas:

I- Prática clínica: Neste grupo tratamos de como os analistas entendem, observam, apresentam o método junguiano no L.V. Temas: imaginação ativa e esclarecimento da teoria em termos práticos;

II- Jung: apresentam relação de Jung com o L.V., seu processo e aspectos que envolvem a figura de Jung no L.V. Os temas foram: a experiência com o inconsciente, testemunho vivo e a transformação vivida.

III- Teoria viva: fala do quanto a teoria é construída através da experiência no L.V. Dispusemos o tema: conexão e aproximação com a teoria.

IV- Profundidade: trata do que os analistas valorizaram, como o trabalho de profundidade no L.V., diálogo com as imagens e do contato com a alma. Os temas: profundidade do inconsciente, diálogo com o inconsciente e sincronicidade.

Dispusemos os grupos temáticos e os temas em colunas, para a melhor visualização e entendimento. Segue abaixo:

Grupos Temáticos	I Prática Clínica	II Jung	III Teoria Viva	IV Profundidade
Temas	Imaginação ativa	A experiência com inconsciente	Conexão e aproximação	Profundidade do inconsciente
	Esclarecimento da teoria em termos práticos	Testemunho vivo	com a teoria	Diálogo com o inconsciente
		A transformação vivida		
				Sincronicidade

Fonte: O autor (2019)

Grupo temático I – Prática Clínica

Neste grupo temático abordamos as narrativas dos analistas entrevistados com relação a sua prática clínica, compartilhando o seu olhar, atuação e suas reflexões. Nesse sentido, esse grupo temático foi dividido em dois temas específicos: I) imaginação ativa e II) esclarecimentos da teoria em termos práticos.

Dentro desse tema, focamos as narrativas que abordassem a imaginação ativa e que melhor expressassem a opinião dos analistas. Concomitantemente a essa temática, observamos também que algumas narrativas incluíam o tema da técnica expressiva conjuntamente com o da imaginação ativa, pois, muitas vezes, no discurso dos entrevistados os dois temas eram citados juntos, dessa maneira resolvemos agrupá-los dentro desse mesmo tema. Sendo assim, seguimos com as narrativas:

O L.V. esclareceu, me ajudou a esclarecer [...] me esclareceu muito sobre uma coisa que há vinte anos a gente não sabia direito, era uma coisa muito misteriosa, que é a questão da imaginação ativa. Eu nunca fiz, as pessoas (colegas) realmente não sabiam que existia, ninguém sabia fazer, meus analistas não fizeram, também nunca souberam fazer direito, nenhum analista soube fazer [...]então é um bálsamo, para mim, foi um grande esclarecimento. (José)

[...] essa questão da imaginação ativa, eu acho, que a possibilidade da gente falar com esses diversos personagens, essa linguagem bastante imagética, é, dessa ação das imagens dentro da gente, e a força poderosa que elas têm [...] essa força que as imagens tem de nos mover e de gerar realidade, de criar realidade a partir da imaginação. (Carol)

E quando veio o L.V., que é uma coisa expressiva [...] não via a hora de ler, pois L.V. é imaginação ativa, trabalha com a imaginação; ir a fundo nisso, é o Jung se abrindo para essa comunicação, essa tal coisa da autonomia do inconsciente, das imagens, da autonomia das imagens [...]. (Rosa)

Eu creio que o L.V. ajudou a aprofundar a concepção da teoria e da técnica da imaginação ativa, a importância do trabalho e a relação com as imagens; Eu tendo a trabalhar mais conectado com as imagens [...]. (Felix)

Eu acredito que o L.V. é o primeiro testemunho do que é um trabalho com imaginação ativa que se conhece, onde Jung está trabalhando com seus conteúdos inconscientes, vindo como se dialoga com cada um dos personagens diferentes e colocando-os a dialogar, o eu conversando com eles [...]. (Ben)

Uma outra coisa importante que é apresentada no L.V. é a questão das técnicas expressivas [...] quando veio o L.V., apresentou essa coisa expressiva [...] despertou o olhar para aquelas imagens. (Rosa)

Não, mas... bem, isso não mudou porque é o Jung que eu conhecia, digamos, não... mas sim, vejo sua produção gráfica o que ele mostrou com seus desenhos, não, isto é ele, fala

com os desenhos, eu tive que ver, ir até lá no L.V. [...] nós o conhecíamos (Jung) de outro ⁶⁴ lugar, o da palavra, texto, e nesse sentido enriqueceu o meu jeito de trabalhar [...]. **(Ana)**

[...] o quanto as imagens são importantes, o quanto ele é honesto com as imagens e com o diálogo interior, o quanto ele não tem medo do inconsciente, e principalmente o quanto ele usa a arte, as técnicas expressivas, [...] além de tudo é também um livro de arte [...] então as imagens, é incrível [...] parte desse mundo interior, dessas experiências, ele pôde decodificar e transformar em teoria. **(Mari)**

Está bem, o que eu achava que era para muito baixo, que está num nível primitivo, que é realmente, o da antropologia; este é o canibalismo, isso é uma coisa, a outra em seguida, irá elaborar, não simbolicamente, mas em princípio numa única imagem que é muito primitiva, então esta imagem ficou comigo, essa conversa, [...] a questão da culpa que vai estar em civilização em transição, é isso, é uma imagem muito forte o assassinato do herói [...] está no L.V.; claro, que quando ele está com esse homem negro e ele é, na verdade a sua sombra e assassina o herói, mas então a outra imagem correspondente é quando ele tem que fazer todo o processo para digamos como voltar para a vida [...] e vamos, vale lembrar, a imagem é maravilhosa, aqui está a técnica da imaginação ativa, viva no livro. **(Agostinho)**

Percebemos o quanto o olhar desses analistas retrata a imaginação de maneira singular, apresentando seus próprios recortes sobre o L.V. e, assim, revitalizando a teoria. Isso coincide com a leitura, os autores que trataram da imaginação ativa que descrevem a experiência da autonomia das imagens nesse processo (ABALOS, 2015; BAETA, 2007; BRIGHT, 2012; CULLIFORD, 2012; FORLOTTI, 2017).

Tema II - Esclarecimento da teoria em termos práticos

Esse tema apresenta o discurso de quanto a leitura do L.V. possibilitou dar luz à teoria em vista da prática. Seguem as narrativas:

*Parece que um monte de coisa que eu entendia intelectualmente, a partir do L.V. eu comecei a viver. É interessante, trouxe uma vivência e uma compreensão muito mais vivencial mesmo [...], não era intelectual [...]. É a vivência dos conceitos junguianos, é interessante isso. **(José)***

*É o melhor entendimento da teoria [...] vivenciando os conceitos e a apresentação deles [...] o L.V. é a apresentação da técnica, quer dizer, é a vivência da técnica. **(Ana)***

[...] veja, eu estudo Jung desde 1980. O primeiro livro que eu li foi nessa época e até o L.V. eu era “intelectual”, era função pensamento. Mas, a partir do L.V., eu comecei a de

fato entrar em contato com o sentimento, a intuição... Parece que as coisas foram para outra esfera, começaram a esclarecer [...] e se isso impactou? obviamente, a minha prática, né [...] É isso, o que é a minha percepção da teoria junguiana a partir do L.V.? Não é que eu mudei a percepção, parece que eu entendi finalmente. (Rosa)

Outro analista cita sobre a sua clínica: [...] no meu trabalho, meu olhar mudou sim, talvez sabendo que eu estivesse mais ligado às imagens do que pensava, e isso, o livro me ajudou a entender que eu estava sempre conectado às imagens, mesmo que você não as entendesse racionalmente. (Felix)

Sim, sim porque me deu mais força ao fato da expressão plástica, ou seja, para mim foi muito importante o assunto da seriedade da técnica, e que eu não via muito, mas é claro, é Jung que transmite aos outros, nos textos como o sobre a função transcendente, por exemplo; ele transmite a importância para ele que os conteúdos psíquicos se materializam de alguma forma, para poder, digamos, operar com eles, e não permanecer apenas no plano ou elemento mental [...] e ela continua: [...] é difícil falar, porque você vai incorporando a teoria [...] acho que vai reforçando aquilo que eu sempre acreditei, na importância das imagens e da importância de fazer uma transposição de linguagem das imagens internas. (Mari)

[...] o que ele fez foi aprofundar mais, fortalecer a concepção teórica sobre a importância do relacionamento com a imagem, eu tendia a trabalhar mais conectado com a imagem, também trabalho com o discurso verbal, que é mais racional do que imaginativo [...] então comecei a usá-lo dessa forma [...] o que ele (Jung) fez, foi dar mais força para que a relação do trabalho com a imagem, dando-lhe mais valor e permitindo dar mais segurança para isso. (Ben)

Análise geral do grupo temático I

É possível perceber que os temas abordados nesse grupo temático nos convidam a olhar para a experiência tocante de cada analista entrevistado sobre o L.V. Nota-se nessas narrativas, uma abertura reflexiva sobre a prática clínica e do entendimento da teoria em termos práticos.

A imaginação ativa, o grande jargão da psicologia junguiana, é descrita por Jung no L.V. de maneira reveladora, segundo a maioria desses analistas. Para eles, esse esclarecimento soa como um bálsamo, pois coloca luz em um dos procedimentos técnicos de tamanha importância, mas que na opinião de alguns, atualmente, é pouco usual no meio junguiano.

Mesmo sendo uma técnica junguiana, muitos desses analistas ou não utilizavam a imaginação ativa ou trabalhavam intuitivamente. Dizem que ficou mais claro a dimensão da técnica a partir do L.V. Para **Rosa**, o *L.V. é imaginação ativa, trabalha com a imaginação; ir a fundo nisso, é o Jung se abrindo para essa comunicação*. Essa narrativa evoca a dimensão do processo da imaginação ativa e, também, nos convida ao envolvimento dele com as imagens internas, sua dedicação e mergulho em seu inconsciente.

Quando pensamos uma prática clínica junguiana, pressupomos alguns aspectos técnicos: empatia, transferência, contratransferência, o trabalho com os sonhos, imaginação ativa, técnicas expressivas, uma leitura simbólica dos fenômenos psíquicos entre outros, para tanto, também consideramos o entendimento teórico e o seu uso dentro das diversas perspectivas que o tema envolve.

Evidenciamos que no discurso dos analistas, observa-se que muitos compreendiam teoricamente a técnica, mas com o L.V. perceberam como esse método foi sendo constituído na prática, através da própria experiência de Jung. É interessante, pois, quando pensamos na prática clínica junguiana, nos temos com um repertório de experiências e não de ideias ou pensamentos, atemo-nos com o quanto a descrição prática de uma técnica se faz presente e só assim podemos melhor compreendê-la (BYGOTT, 2012).

Outro aspecto observado nesse grupo temático é o campo da técnica expressiva e a experiência da teoria, há um processo de reconhecer no livro tais procedimentos. As narrativas expressam como o L.V. legitima a trajetória de cada analista e, também, faz a ponte entre prática e teoria. Podemos considerar certo enriquecimento nessas reflexões, o que nos faz pensar que no L.V. há uma síntese entre teoria e prática, pois ao lê-lo o analista conhecedor da obra de Jung reconhece ali a gênese dos conceitos junguianos.

Grupo temático II – Jung

Seria redundante falar que o tema Jung também seria um grupo temático, mas entendemos que nesse grupo as falas dos analistas se referem a importância de Jung, sua dedicação e mergulho no inconsciente. Nesse sentido os temas foram dispostos em: I) a experiência com inconsciente, II) testemunho vivo e III) a transformação vivida.

Tema I - A experiência com o inconsciente

Nesse tema, as narrativas dos analistas entrevistados retratam a experiência de Jung no L.V. com o inconsciente. Seguimos com alguns discursos que melhor retratam esse tema:

É, o que me chama atenção no Livro Vermelho é a absoluta idoneidade, a coragem, essa coragem, idoneidade e profundidade com que Jung consegue conversar com seu próprio inconsciente, com sua própria alma, né. (José)

O livro te dá um relacionamento com a imagem, que também foi como Jung se relacionou com as suas próprias imagens, isso é de grande valor, de grande valor como terapeuta, como também a experiência pessoal, difícil de descrever [...] lembro de Pedraza [...] o que dizer disso, bem, mas agora, será que eu faço isso melhor que antes? não sei [...]. (Felix)

[...]o quanto Jung mergulhou nas profundezas, o quanto ele tinha essa conexão forte com o mundo interno, o quanto as imagens são importantes, o quanto ele é honesto com as imagens [...]. (Mari)

Sim, porque para saber eu tinha que ver [...] quero dizer, eu conhecia muito a biografia de Jung, eu sabia sobre aqueles anos entre 1914 e 1918, mas, é diferente encontrar o material, é como ter uma perspectiva muito diferente, não [...] é mais que o puro Jung teórico, mas sim, o que é um Jung exposto seu inconsciente ? [...] o que parece mais importante para mim, é isto [...] todo o trabalho profundo que Jung dedica, é como ele mostra o simbólico, não só com as imagens, mas com todo o seu processo interno [...]. (Mike)

O que é mais importantes são as experiências de Jung, ou seja, seu contato com seu mundo profundo, com o inconsciente [...]. (Ana)

A experiência, sim, porque muitas pessoas podem ter essa experiência mas não tem essa estrutura e por isso, que outras coisas acontecem, se perdem na patologia, por exemplo, e isso é um problema [...], mas no caso de Jung não, isso não aconteceu devido a essa estrutura de personalidade e o treinamento que ele tinha. (Agostinho)

Tema II - Testemunho vivo

Pensar nessa temática é dar voz ao processo de exposição e presença de Jung no L.V., através das falas dos entrevistados seguem algumas narrativas que reiteram tal temática:

O grau de exposição do Jung me chamou atenção [...] Os analistas em geral são muito mais reservados [...] por isso que eu entendo que só foi pós-morte essa abertura; a publicação dessa obra, porque ela; ela é muito reveladora da intimidade dele, né [...]. Então, geralmente, os analistas não se expõem muito. (José)

Rosa, enfatiza à ideia de que o *L.V. seria seu diário passado a limpo*; nessa narrativa é importante perceber o processo dele, como ele fez o percurso e, diz **Carol**: *a gente pode ver através do L.V., ver como o Jung na verdade fez o percurso dele para depois fazer as Obras Completas [...] eu acho que ali é a vivência dele mesmo [...] essa coisa de ele ser o próprio, quer dizer, ele não contar as histórias dos pacientes [...] ele é o próprio paciente.*

É, o L.V. parece é... muito vivencial... e parece uma verdadeira [...] é uma espécie de trabalho... é... vamos dizer assim... vivo... é uma... como eu posso dizer?... parece um trabalho muito visceral e muito profundo o envolvimento pessoal do Jung com a própria alma dele... então, as conversas que ele tem com a alma são muito... comoventes, tocantes são muito reveladoras. Pra mim, é quase ... um bálsamo quando eu posso ler esse livro. (José)

[...] é uma beleza como é editada essa maravilha de imagens, as imagens que se modificam, transformam, eu realmente tenho o Livro Vermelho muito perto de mim e do que Eu leio; Eu o vejo mais (as imagens). (Felix)

Nesse momento obviamente inconsciente, [...] ver como aconteceu a mesma coisa com Jung por quase quatro anos, isso se reflete no dia a dia dos pacientes, na vida, porque todos nós temos momentos durante o dia em que as coisas aparecem e imagens é o que é, não, e a vemos todos os dias no consultório e se pararmos para observá-lo, acontece-nos também em nossa vida cotidiana, ou seja, o que mais me impressionou foi basicamente isso, a profundidade do inconsciente e experiência e a simbologia como tudo o que aparece. (Mike)

Um tema que não pode ser esquecido e não está diretamente nos grupos temáticos como subitem, mas tem sua relevância, pois foi citado por alguns analistas entrevistados, é que o *L.V.* guarda seu valor histórico para o meio junguiano. Torna-se, assim, um testemunho histórico.

Durante as entrevistas, cada analista, a sua maneira, reiterou a ideia de que o *L.V.* se tornou uma referência histórica, porém enfatizam que o livro deve ser tratado dentro desse contexto histórico da época na qual surgiu.

A fala de alguns entrevistados confirma essa importância do *L.V.* para a Psicologia Analítica:

[...] tem uma importância histórica, eu acredito que em algum momento, não sei em teu país, mas aqui na Colômbia todavia os livros de história da psicologia não mencionam Jung; as vezes lhe dedicam no máximo três linhas, pelo menos por aqui, globalmente, em algum momento, acredito que este livro será retratado como um dos grandes livros históricos da psicologia, em especial da psicologia junguiana, pois é a primeira vez que um

criador da psicologia através de sua experiência, sai do outro lado e da conta disso. (Agostinho)

A narrativa de Agostinho abre O caminho do quanto alguns analistas consideram o livro um marco histórico, pois apresenta seu criador em seu próprio processo de criação. Neste sentido, outro entrevistado considera que o livro não pode ser olhado apenas no aqui e agora e sim contextualizado.

É importante contextualizar o livro historicamente, para não mistificar; se não se torna algo sagrado, não podemos mitificar o L.V". (Rosa)

Já, para outro analista: *O L.V. deve ser tratado e colocado neste lugar histórico. (José)*

E, enfim, confirmando a ideia da historicidade do livro.: *O L.V. tem o seu valor histórico, devido à relevância para o universo da psicologia analítica. (Ben)*

Tema III - A transformação vivida

Nesse tema, consideramos o que os analistas disseram sobre o processo de Jung, sobre o dilema que o livro apresenta, a perspectiva expressiva e os aspectos transformadores, percebidos e relatados através das imagens e diálogos de Jung com os personagens. Segue abaixo algumas narrativas que melhor o retratam:

[...] eu acho que há um aspecto muito importante que tem a ver com o contato de um psiquiatra formado, com uma grande estrutura de personalidade [...] uma estrutura que sofreu um impacto emocional [...] mas por várias razões se manteve íntegro com uma atitude consciente em relação ao próprio processo de "ruptura", etc., [...] então, qualquer que seja esse tipo de personalidade, quem vive a experiência, que é narrada no L.V. e em suas memórias e, bem, é o processo de transformação: acho que esse aspecto é muito importante, quem é essa pessoa que tem a experiência e que vive tudo isso. (Agostinho)

"[...] me toca, tocar a emoção de Jung, isso me toca, a emoção vivida por ele no L.V. é impactante. (Ana)

[...] o livro te dá um relacionamento com a imagem que foi também como o relacionamento de Jung com suas próprias imagens, que é de grande valor, de grande valor como terapeuta, como experiência pessoal, difícil de escrever e dizer isso, bem, agora eu faço isso melhor ou depois do L.V; não sei, pensei nisso agora. (Felix)

Ver como Jung fez o percurso antes de elaborar as obras[...]as conversas com ele próprio, com as imagens e personagens interiores [...]. (Carol)

[...] acho que a questão realmente é de você buscar essa sabedoria, essa “coisa” dentro de você mesmo, eu acho que são pontos importantes, pois existem várias camadas, quer dizer, lá tem o deserto, a descida ao inferno, assim as várias camadas. Eu até brincava né, um pouco, com o Walter, eu falava assim, nossa, descer aos infernos sozinho é muito difícil, né!? Porque o Jung fez esse percurso sozinho, ele se transformou [...] é muito melhor acompanhado “[...] Ele dá o exemplo, te dá o caminho e mostra que isso é possível. (Carol)

É o processo de individuação acontecendo na experiência. (Mari)

Análise geral do grupo temático II

O homem moderno, enquanto fica prisioneiro de seu ego (cogito ergo sum), dificilmente chegará a compreender o verdadeiro alcance da experiência vivida de Jung [...]. (BONAVENTURE, 1975, p.7)

Adentramos agora numa proposta de análise desse grupo temático. Podemos perceber que as narrativas dos analistas lançam luz nos temas que abrangem a pessoa de Jung, com o seu testemunho vivo e a sua experiência com o inconsciente.

O livro te dá um relacionamento com a imagem. (Felix)

Nesse grupo temático há relatos sobre o processo de Jung, suas emoções, dores, sofrimentos e suas transformações vividas e que são descritas no L.V. Para além disso, ainda somos convidados a olhar que o L.V. também é visto como documento histórico.

Portanto, ao falarmos nesses temas, observamos que os participantes reconhecem veracidade nas experiências de Jung e a importância do seu processo no envolvimento com as imagens internas.

É o processo de transformação: acho que esse aspecto é muito importante, quem é essa pessoa que tem a experiência. (Agostinho)

Vimos que essas narrativas falam do quanto o L.V. se tornou a base de todo seu processo criativo posterior. O envolvimento com o seu conteúdo, o estudo e o contato com as imagens que surgiam da própria experiência dele no contato de Jung com o seu inconsciente, é um convite ao mergulho em nossas próprias histórias, possibilitando o aprofundamento, tanto em nossas experiências como nas vivências individuais e, também, coletivas (SHANDASANI, 2010).

Ao falar do L.V. e da sua própria experiência, **Mari** retrata o quanto, na percepção dela, o livro *É o processo de individuação acontecendo na experiência*.

Observamos nessas diversas confissões dos analistas a possibilidade de refletir sobre um dos pontos centrais da psicologia junguiana que é o conceito de individuação.

A psicologia culmina necessariamente no processo de desenvolvimento que é peculiar à psique e consiste na integração dos conteúdos capazes de se tornarem conscientes. Isso significa que o ser humano psíquico se torna um todo, e este fato traz consequências notáveis para a consciência do eu, que são extremamente difíceis de descrever. Duvido da possibilidade de expor adequadamente as mudanças que se verificam no sujeito sob o influxo do processo de individuação, pois se trata de uma ocorrência mais ou menos rara, só experimentada por aqueles que passaram pelo confronto – fastidioso, mas indispensável para a integração do inconsciente – com os componentes inconscientes da personalidade. Quando as partes inconscientes da personalidade se tornam conscientes, produz-se não só uma assimilação delas à personalidade do eu, anteriormente existente, como sobretudo uma transformação desta última. (JUNG [1946], 2011 §430)

Os entrevistados quando falam do contato e da leitura do L.V. citam a importância do processo de construção e embasamento desse trabalho de 16 anos no envolvimento dele com as imagens internas, sua dedicação e mergulho em seu inconsciente.

Chama a atenção nesse grupo temático que os entrevistados, ao falarem de Jung e do L.V., descrevem como acontece esse processo. Encontramos nesta etapa uma situação nova, onde a imaginação ativa é descrita, percebemos Jung como o paciente, o terapeuta e, também, o próprio tratamento. (BOECHAT, 2014).

Outra situação observada nas narrativas é que se pode falar de Jung de maneira mais humana, considerando-o o homem, a pessoa. Segundo esses analistas, agora conseguimos dar voz aquilo que intuíamos e, dessa maneira, podemos legitimar o valor dado para o trabalho com as imagens internas, suas diversidades e multifacetadas personificações desses conteúdos, visualizando o tamanho implícito da odisseia pessoal de Jung (CULLIFORD, 2012).

Poderíamos também, levantar aqui o problema da polaridade, quer dizer, o conflito da tensão dos opostos vivido por Jung no L.V. (SOUZA, 2015) em vista das narrativas expostas nos temas.

Grupo temático III - Teoria Viva

Esse grupo temático aborda os temas que incluem a teoria junguiana e seu aporte vivencial, ele está pautado nas narrativas que consideram que o L.V. traz uma perspectiva vivencial da teoria. Para tanto, criamos um único tema: conexão e aproximação com a teoria.

Tema I - Conexão e aproximação com a teoria

A teoria junguiana é um projeto de psicologia que nasce da experiência empírica com o inconsciente. Essa noção de aproximação traz alguns aspectos importantes para serem refletidos e, nesse sentido, ficamos com as narrativas que melhor expressam isso dos nossos entrevistados:

Mudou, pois começo a pensar com quem estou falando; se é uma fala mais dissociada ou mais integrada, trouxe a vivência da teoria junguiana. (Carol)

Eu entendi que ele realmente viveu a teoria, não era apenas uma teoria, era a experiência viva dele. (Mari)

Consolidou certas ideias, né. Eu tinha uma visão mais fechada, um tanto refém, mas da própria teoria, e depois do L.V. ela se tornou, vamos chamar assim, menos racionalista e chapada, bidimensional. E hoje ela se confirmou muito mais uma psicologia viva [...]. (José)

Não é só um entender, porque antes eu entendia racionalmente. Eu entendia o conceito, eu entendia a técnica, eu 'só' entendia. Mas uma coisa é você entender com a cabeça, outra coisa, é quando parece que aquilo internalizou, a coisa entrou no corpo, no chakra cardíaco, na minha respiração... Me levou pra outro lugar. Então, parece que, como falei, parece que comecei a de fato... vivenciar, não só pensar sobre os conceitos junguianos. (Rosa)

A irracionalidade como está escrito, me parece maravilhoso. [...] porque o L.V. não é para compreender, não é para entender, racionalizar [...] é sim, um texto para viver, para se conectar, não para racionalizar, é um texto para ser ...vivido, para deixar as imagens que ele mostra lá, falarem, como uma história por conta própria. (Felix)

Antes trabalhava no ego, agora é algo mais profundo numa outra dimensão [...]. Eu comecei de fato a dar mais espaço para o simbólico [...]. Por incrível que pareça, é até no nível inconsciente [...] antes eu trabalhava no nível: aqui! (aponta para cabeça) antes eu trabalhava muito perto do ego [...]. (Rosa)

Estava mais no nível da consciência do ego, com o L.V. senti-me mais livre, para o mergulho. Parece aqui, que o analista se sente autorizado a partir da experiência e testemunho do Jung, uma mudança de atitude do analista para com a sua postura no trabalho. (Rosa).

O L.V. ele é a vivência da teoria junguiana né, eu acho que ele fica neste lugar, ele deixa muito claro e assim, como é [...] depois Jung nas obras completas, ele vai dando nome né, conceituando; anima, animus, vivência com a sincronicidade [...]. (Mari)

Não substancialmente, não, essencialmente, completou, enriqueceu, nutriu [...] ver que estou mais em contato com suas experiências mais profundas, aproximou, mas não que mudou substancialmente, enriqueceu-o. (Ana)

[...] quando você lê o L.V. vc percebe o potencial expressivo, vigoroso que pode atuar no seu corpo [...] o poder imagético, emocional é muito poderoso [...] pois para mim, muitos sentimento manifestaram desgosto, raiva, em algum momento onde você querer vomitar quando vê todo aquele sangue, dor ou seja, então o contato real com o material, me senti mais real com o L.V. que isso “trouxe reflexões” um impacto na prática clínica, eu também comecei ir mais a fundo no tema, usando um pouco mais material de argila [...] anteriormente, meu trabalho era muito com a palavra, realmente, com o relacionamento e com a interação, mas a partir da leitura do L.V. eu comecei um pouco a utilizar, também, de tempos em tempos, esses elementos mais expressivos em termos materiais. (Agostinho)

Análise geral do grupo temático III

A análise desse grupo temático passa pelo tema da conexão da teoria com a vivência; o que chamamos de Teoria Viva. Aqui as narrativas dão conta de trazerem a percepção dos analistas, a partir do termo *experivivência* que seria algo visionário, pois aproximaria a experiência clínica com a vivência empírica, seria um ponto de interlocução em relação ao trabalho com as outras funções da consciência: intuição, sensação e sentimento. Quando compreendemos algo intelectualmente, isso aparece preso a região da linguagem, mas não penetra o homem como um todo. Quando compreendemos algo na psicologia, como também a vivemos ou quando isso avança até a região do fazer e da experiência, mas não antes disso, apenas assim saberemos o que é (BOECHAT, 2011).

Ao vivermos aquilo que se apresenta, a palavra que é dita, ela penetra as nossas profundezas e é lá, onde ela está, que se tornará nós mesmos, de modo que nela nos tornemos vivos e inteiros (SANFORD, 2019).

Temos, na mensagem dos analistas, as narrativas de que a mensagem vivida é o trabalho na psicoterapia ou análise junguiana e que se dá pela abertura de caminhos de uma cura para além da fala, pelo processo imaginativo, ou das técnicas expressivas, não importa, o que vale no L.V. é que somos convidados a experienciar, a aproximar pensamento e sentimento, sensação e intuição, juntos, nenhuma função acima ou abaixo. As dimensões do plano da psique trazem alguns aspectos importantes para serem refletidos dentro do contexto

em que os nossos entrevistados trouxeram a ideia central do viver no sentido maior do trabalho junguiano.

Grupo temático IV – Profundidade

A criação desse grupo temático tentou abarcar as diversas narrativas que tratassem do L.V. a partir do trabalho de profundidade e do contato com a alma humana, do diálogo com o inconsciente e do trabalho de Jung com as imagens internas. Dividimos esse grupo temático em dois temas: I) profundidade do inconsciente e II) diálogo com o inconsciente.

Tema I - Profundidade do inconsciente

O trabalho no L.V. fala de um processo que engloba os aspectos do inconsciente e aqueles mais profundos e isso se torna relevante para os nossos analistas ao longo das narrativas:

Eu vejo o L.V. como quase um livro sagrado pra mim. Além de um livro muito bem trabalhado, de uma profundidade, com alma, é um livro humano, portanto, também sagrado, porque a alma também é sagrada, né [...]. (José).

Corroborando com essa ideia, outro analista fala: *L.V. é agora mais que profundo, é a profundidade da alma, profundidade do trabalho analítico. (Felix)*

[...]o que soa mais importante para mim, é este ... todo o trabalho profundo em que Jung entra, e como ele mostra o simbólico, [...] com as imagens e com todo o seu processo interno, neste momento obviamente inconsciente, e ver como esta mesma coisa que aconteceu com Jung por quase quatro anos, isso se reflete no dia a dia dos pacientes, na vida de uma pessoa, porque todos nós temos momentos durante o dia em que vemos coisas e imagens e isto é, não, e nós vemos isso todos os dias no consultório se pararmos para observá-lo, isso acontece para nós também em nossa vida diária, isto é, o que mais me chamou a atenção foi basicamente que isto a profundidade do inconsciente e ... e a simbologia como tudo o que aparece. (Mike)

O que mais me tocou foi a profundidade [...] sim a profundidade da alma; em alguns momentos era um profeta falando, em alguns momentos o demônio, alguns momentos a sombra, então a tanta profundidade nisso [...] algo arquetípico. (Mari)

Agostinho finaliza: *Todo L.V. retrata a profundidade do trabalho de Jung, o contato dele com o mais profundo; a alma.*

Tema II - Diálogo com o inconsciente

Esse tema surgiu devido as diversas narrativas, onde os analistas exploraram o diálogo com o inconsciente que acontece no L.V.

Olha [...] eu acho que é um livro que realmente você entra mesmo né, naquele universo, você também se imagina lá, você se imagina dialogando também com essas partes, não sei, pelo menos eu sentia isso, né, eu acho que ele traz também uma coragem para gente, uma força de que é possível fazer isso, de que é possível buscar essas partes da gente e se relacionar com elas, [...] porque ele te dá o exemplo, te dá o caminho e mostra que isso é possível, né... Acho que tem partes que são muito preciosas, muito bonitas, né, assim, de uma profundidade incrível, às vezes uma frase ou um desenho dele você fica muito tempo porque tem conteúdos ali muito profundos [...]. **(Carol)**

[...] Acho que assim, esse contato com a sombra, esse diálogo com a sombra, os personagens, a vida que ele dá aos personagens internos, que também por sua vez muitas vezes falavam do inconsciente coletivo, né, figuras conhecidas, a cobra, Salomé, então, sabe assim, aquilo que todo mundo vive, mas como era essa vivência dentro dele, eu acho que isso. **(Mari)**

[...]comecei a prestar mais atenção aos processos inconscientes, mas não apenas o que tem a ver com sonhos ou processos de sincronicidade trazidos pelos pacientes, mas esse ... sim, nada mais, não, o numinoso, não, isto é, o surpreendente do encontro com o inconsciente, esse diálogo mais profundo. **(Mike)**

As imagens, a questão emocional e a sua profundidade, intensidade e também solidão, isto é, ele estava acompanhado de si mesmo, mas o L.V. era sua intimidade, então cabe a mim, em sentir o humano, o que sempre aconteceu comigo e isso tbém com Jung, sentindo o humano, um “varón” no mundo, mas com o seu L.V. é maior. **(Ana)**

[...] o contato com as imagens, imuiçando, entrar, se deter, conversar, [...]desse jeito foi alimentando inconsciente a experiência da sincronicidade, nesse diálogo imagens nutritoras, [...] elas aparecem [...] é algo de uma profundidade interior. **(Rosa)**

O L.V. é um livro [...]que tem um lado psicológico, e tem um lado, pra mim, quase sagrado. Porque ali, ocorre uma conversa com a alma que é similar ao que a gente [...] pode tentar se conectar com a sua própria alma, fica uma coisa arquetípica [...]. **(José)**

Para **Agostinho** esse diálogo o colocou num processo de identificação com o processo de Jung no L.V.: *Bem, eu acho foi um processo de identificação, para mim, com o processo de Jung [...] No sentido da individuação [...] Sim, no sentido de individuação porque na*

primeira parte do livro em que Jung está relatando como o espírito de profundidade tira sua razão, tira sua inteligência para educá-lo, como a cabeça é interpretada, a ideia de estar perdendo a cabeça, como você tem que perder a cabeça [...]há frases do livro que ficaram, por exemplo esta: sua alma precisa da sua loucura [...] me identifiquei muito porque acho que também naquele momento Eu estava um pouco perdendo a cabeça, não, no sentido de que eu cultivei muito o intelecto, na minha vida, mas na primeira parte da minha vida porque eu acho que isso era necessário. [...]Eu estava adaptado, e precisava passar por isso [...] vamos ver, é muito especial, porque eu sempre fui envolvido com a arte, eu sou um músico, eu faço músicas, então, na verdade em algum momento, [...] Como se isso fosse um pouco dissociado do aspecto intelectual, então o intelectual escreveu, foi o psicólogo, aquele que estava se formando como analista e do outro lado o mesmo intuitivo, poeta, músico, isso foi tão chocante para mim, é por isso que eu digo um pouco de identificação, porque como esse processo de ir em busca da minha alma [...] diz que você precisa da sua loucura ou perder a cabeça, para ver se ambos poderiam concordar e de fato o que eu comecei a escrever a partir de então, minha escrita é muito mais poética, não deixa de ter conteúdo acadêmico claro, mas, há mais poesia, muito mais poesia graças a isso, acredito que só há “cabeça” no mundo acadêmico, e isso perdeu a hegemonia [...] assim me transformou [...] também chegou o momento em que Eu seria pai pela primeira vez, minha filha nasceu em 2011, ou seja, estávamos lendo o livro, parece-me que era como tudo se isso fosse verdade; um pouco dissociado do aspecto intelectual, então sem o intelectual [...].

Tema - Sincronicidade

Ao longo das entrevistas e no contato com os membros analistas, tanto pessoalmente como por *Skype*, foi possível, a partir do conteúdo exposto, vislumbrar uma linda janela onde avistávamos o horizonte; nela era possível corroborar experiências individuais e a expectativa que o pesquisador tinha em relação aos conteúdos das entrevistas e as influências desses conteúdos no plano coletivo: o das imagens arquetípicas.

Para o pesquisador há três narrativas que revelam a importância do contato com o L.V. Cada fala individual revela a peculiaridade do olhar para o livro e o que existe de mais significativo para cada um nesse processo, mas também revela as sincronicidades vividas pelos analistas no contato com o L.V.:

Como na ficção, a sincronicidade tem um impacto significativo. Traz à tona uma forma diferente de olharmos para nós mesmos, uma perspectiva ampliada de nossas vidas ou um entendimento mais profundo do outro mundo. (HOPCKE, 2001, p.86)

Alguns analistas, com suas histórias, chamaram a atenção desse pesquisador em torno do conceito de sincronicidade, que se fez presente ao longo do processo das entrevistas. A experiência pessoal do pesquisador no contato com o L.V. e o momento dos entrevistados, a sincronicidade com relação a experiência com o livro e, também, com as reflexões possíveis, a partir de então, ampliaram a nossa visão.

Entre os entrevistados, algumas vicissitudes aconteceram, pois giravam em torno de uma reconexão com os aspectos mais profundos, principalmente na narrativa desses analistas. Citamos alguns exemplos: o analista **Ben**, já tinha uma carreira estável, com a sua clínica organizada, trabalho sedimentado, mas, devido à crise política e econômica do seu país de origem, vê-se obrigado a deixar aquele país, devido à pressão e as dificuldades em continuar trabalhando. Para esse recomeçar, decidiu iniciar a sua trajetória profissional em um novo país, também atuando como analista. É nesse momento, quando está prestes a sair de seu país de origem, ganha de presente o L.V. e começa a lê-lo. *Qual caminho a seguir?* Essa história marcou **Ben** e, também, tocou profundamente o pesquisador com uma imagem do próprio livro, com as perguntas que Jung fez quando se viu perdido em 1913/14 com as perguntas e os diálogos que o L.V. nos convida a realizar e a descer ao encontro da dimensão mais profunda da nossa alma. Por outro lado, a dimensão da sincronicidade é um aspecto que está subliminarmente no trabalho do L.V. e que apareceu na vida de **Ben**.

Um segundo exemplo, que também inclui a dimensão da sincronicidade, é o relato da analista **Ana**, quando estava próxima do final da sua formação como analista e teve a possibilidade de trabalhar com o organizador da versão em espanhol do L.V. na Argentina, Dr. Nante. A sincronicidade ganhou corpo: final da formação, início do estudo do livro e dois L.V. de presentes. Na mesma semana, **Ana** encerrou o ciclo da formação e foi credenciada como analista junguiana. Nesse mesmo período, chegou o livro, ficou impressionada com o tamanho e ainda mais fascinada com a produção estética. Coincidentemente ao início da carreira como analista junguiana, começou a manusear o livro e entrar em contato com as imagens. Cita que sentiu o peso dos dois livros por muito tempo, mas o associou com a responsabilidade de ser analista junguiana na atualidade, frente a demanda contemporânea que requer respostas rápidas e pragmáticas. Segundo **Ana**, com os dois livros se implicou

ainda mais no entendimento do trabalho com as imagens, como perceber a questão plástica e, também, do processo de individuação descritos na sequência de imagens do L.V.

Um terceiro exemplo foi o contato com o analista **Agostinho**; um profissional sério, sensível, com uma trajetória profissional sedimentada, professor, músico, conhecedor das OC de Jung. Relata que, ao iniciar contato e leitura do L.V., se sentiu identificado com o processo de Jung, no teor dos diálogos com as imagens, das narrativas e do sofrimento de Jung. Quando iniciou os grupos de estudos do L.V. teve acesso aos processos inconscientes de Jung que o levaram ao encontro do seu próprio L.V. **Agostinho** conta que decidiu seguir à risca a metáfora de que todos devem ter o seu L.V. na alma, ou seja, produzir seu próprio L.V.

Análise geral do grupo temático IV

Observa-se na narrativa dos analistas que os temas falam que no L.V. há um processo que engloba os conteúdos do inconsciente, tanto seus aspectos próximos da consciência quanto os mais profundos e isso o torna relevante, representando o trabalho da análise junguiana que é tocar a alma. Portanto para os nossos analistas, o L.V. nos lembra da importância, da existência e da sua finalidade: a função do inconsciente na perspectiva da psicologia junguiana.

Chamou-nos a atenção que o conteúdo das narrativas enfoca o convite para a profundidade do inconsciente, *ir em busca da alma (Agostinho)* ou *onde tocamos a profundidade (Mike)*, não importa a forma, mas parece que o que está em pauta é um convite para o mergulho no inconsciente, na sua profundidade, em seus dilemas mais obscuros. O processo demonstra a importância desse mais profundo.

O L.V., como toda a obra de Jung, assinala que o homem deve aceitar suas experiências, mas ao mesmo tempo, não deve se identificar com elas, assim o L.V. poder servir como espelho de um processo profundo, de autoconhecimento e de transformação, orientando o marinheiro a atravessar o mar, mesmo nos momentos de grandes tormentas (NANTE, 2018).

Observamos, portanto que os analistas frisam a veracidade de toda a profundidade desse contato com a alma. Essa percepção dos analistas toca o poder da experiência prática junguiana: a experivivência de Jung (ADAMO, MENDES, NIERI e SOUZA, 2015); o mergulho e o confronto com o inconsciente e o seu retorno, legitimando assim o processo de transformação.

O trabalho clínico junguiano está baseado nesta experiência de profundidade, serve como uma bússola que nos guia durante o mergulho nas profundezas da alma, pois nele evidenciamos, como muitos dos entrevistados disseram sobre o desconforto de ter que enfrentar a tensão dos opostos, a sombra, os medos com fantasmas e monstros. **Agostinho** revela que, para superar as vivências pessoais, dramas e dificuldades, o L.V. nos ensina, pois ao superarmos tais idiosincrasias, somos transportados para uma nova situação, que nos leva em direção do caminho da individuação.

É pertinente destacar que quando falamos de profundidade, também adentramos no campo do inconsciente coletivo, das imagens universais ou arquetípicas que, ao mesmo tempo, são fascinantes e ameaçadoras, como são violentas e, ao mesmo tempo, potenciais a serem desenvolvidos.

O mar é como a música; traz em si e faz aflorar todos os sonhos da alma. A beleza e a magnificência do mar provêm do fato de impelir-nos a descer nas profundezas fecundas de nossa alma, onde nos defrontamos conosco, recriando-nos, animando “o triste deserto do mar”⁴⁵. (JUNG [1909] 1975, p.316)

Essas diversas confissões dos nossos analistas nos colocam na direção das inquietações que se apresentam no L.V. e no mergulho das profundezas da alma humana. Essas inquietações e olhares curiosos potencializam a ideia sobre o que perceberam através da leitura e qual experiência de profundidade poderá reverberar para essa vivência como analista junguiano.

Para além da questão do estudo do L.V., a pesquisa teve como escopo buscar nas narrativas dos analistas, respostas e questões que pudessem ampliar a visão do papel do L.V. e do próprio Jung.

6.3 Símbolos

O símbolo é sempre um produto de natureza complexa, pois se compõe de dados de todas as funções psíquicas. Portanto, não é de natureza racional e nem irracional. Possui um lado que fala à razão e outro inacessível à razão, pois não se constitui apenas de dados racionais, mas também de dados irracionais fornecidos pela simples percepção interna e externa. (JUNG [1928] 2011 § 912)

⁴⁵ Carta escrita por Jung à sua esposa Emma, em 1909, durante a viagem de navio para Universidade de Clark, USA.

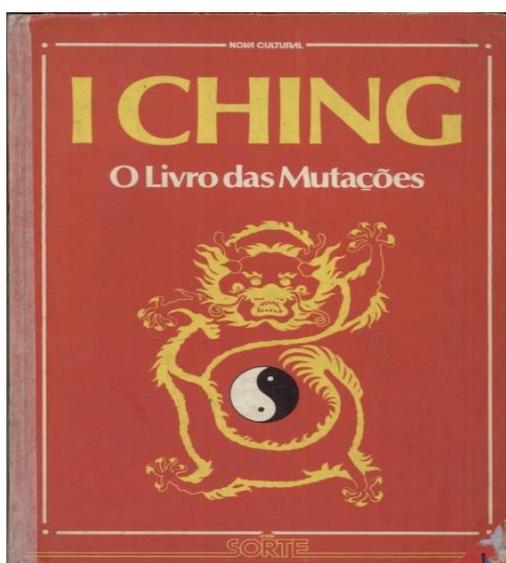
Ao final de cada entrevista foi proposto para cada membro analista que refletisse sobre o seu contato ou a convivência nos vários anos de estudo e/ou trabalho com o L.V. e que pudesse, a partir disso, escolher um símbolo que expressasse mais verdadeiramente tal experiência. Cada analista poderia verbalizar livremente sobre o símbolo que surgiu ou fazer ampliações.

Por meio de associações que cada analista se propôs a fazer, os símbolos que emergiram foram: **I Ching**; a **Serpente**; a **Mandala** (por dois analistas), o **Barqueiro** (imagem 55. do próprio L.V.), uma **Flor** (a **Orquídea - Flor** típica da Colômbia), **Livro Sagrado** (como a **Torá**); **7ª Arte**; **O cinema de Fellini, Buñuel e Bergman** e uma **canção de Silvio Rodriguez** (¿A Dónde Van?).

Observa-se que cada analista enfocou em temas pessoais, mas que sugerem também temas universais.

Para **Rosa**, o símbolo escolhido e que para ela ficou muito forte ao longo da entrevista foi o livro **I Ching**. A analista frisou muito a importância do livro, do processo do L.V. desse diálogo, pois na sua concepção o L.V. deve estar em equilíbrio entre os aspectos intuitivos e racionais (função pensamento). Em seu consultório o L.V. fica numa estante colocado ao lado do **I Ching**: *Esse cuidado mostra que tal símbolo estaria ao lado do L.V., trazendo um equilíbrio, nem acima da cabeça nem abaixo, seria uma forma para não mitificar do L.V., deixá-lo no plano real.*

Rosa – I Ching



Para **Carol**, o símbolo é a **Mandala**; representa a busca de um centro organizador: *do fora para o centro, um unificador e que esta imagem da Mandala estaria representando o L.V.* pois existem diversas etapas vivenciadas por Jung nesse período através das produções pictóricas maravilhosas.

Carol – Mandala



O símbolo escolhido por **Mike** é a **música**. O analista verbaliza que tem na lembrança uma canção do músico cubano Silvio Rodriguez: “**¿A Dónde Van?**”. Para ele, *sente que esta canção o inspira no trabalho profundo e que o L.V. é um convite a esse mergulho; esta música fala do tempo e que há tempo para irmos em direção a profundidade da alma.*

¿A Dónde Van? Silvio Rodriguez

A dónde van las palabras que no se quedaron
 A dónde van las miradas que un día partieron
 Acaso flotan eternas
 Como prisioneras de un ventarrón
 O se acurrucan entre las rendijas
 Buscando calor

Acaso ruedan sobre los cristales
 Cual gotas de lluvia que quieren pasar
 Acaso nunca vuelven a ser algo
 Acaso se van
 Y a dónde van?
 A dónde van?

En que estarán convertidos mis viejos zapatos
 A dónde fueron a dar tantas hojas de un árbol
 Por dónde están las angustias
 Que desde tus ojos soltaron por mí

A dónde fueron mis palabras sucias
De sangre de abril

A dónde van ahora mismo estos cuerpos
Que no puedo nunca dejar de alumbrar
Acaso nunca vuelven a ser algo
Acaso se van
Y a dónde van?
A dónde van?

A dónde va lo común, lo de todos los días
El descalzarse en la puerta
La mano amiga
A dónde va la sorpresa
Casi cotidiana del atardecer
A dónde va el mantel de la mesa
El café de ayer

A dónde van los pequeños
Terribles encantos que tiene el hogar
Acaso nunca vuelven a ser algo
Acaso se van
Y adónde van?
A dónde van?
Y adónde van?
A dónde van?

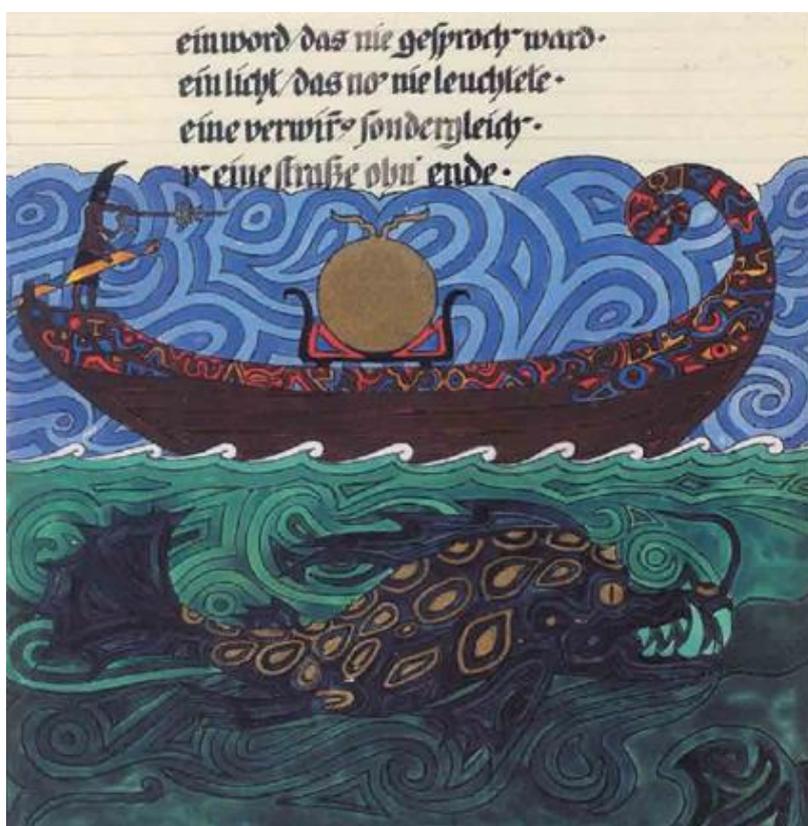
Para **Mari**, o símbolo que melhor retrata o L.V. é a “*Serpente*, pois ela serviria como um psicopompo – a conexão profunda com o material inconsciente, ela é a chama ativadora das forças potenciais”. Mari cita que o livro possui várias imagens de *Serpentes*; elas, as *Serpentes* são a força transformadora do inconsciente; é um símbolo da transformação”. No L.V. a *Serpente* é evocada muitas vezes, percebe-se a sua importância e força revitalizadora presente nesta imagem.

Mari – A Serpente



Para **Ben**, um símbolo que poderia representar o seu contato com o livro, seria uma imagem do próprio L.V. Para ele, este símbolo seria a imagem 55 do L.V., **o Barqueiro**⁴⁶: *Como disse anteriormente quando estava saindo de Venezuela tive acesso ao L.V. e esta imagem me chamou a atenção devido aquela situação que estava passando. Iria me mudar, muitas incertezas. Esta imagem representaria a passagem para um outro lugar, sim, mesmo com meus fantasmas rondando, medos submersos, porém sem ficar atônito, paralisado, num movimento de ir seguindo adiante, apenas ir.*

Ben – O Barqueiro

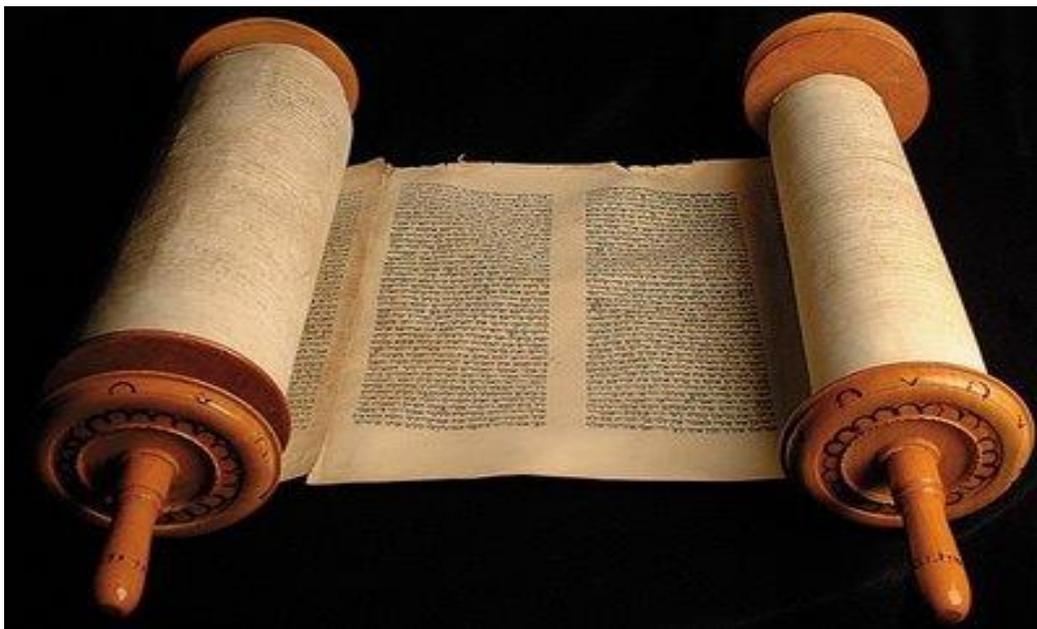


Para o analista **José**, o símbolo escolhido foi o **Livro Sagrado**; esse analista considera o L.V. como um **Livro Sagrado**: *é de uma tradição, temos que ter respeito e possui muita sabedoria”. Este Livro Sagrado, só podemos compará-lo à Torá⁴⁷ [...] por um lado pela sua beleza, por outro pelo seu lado artístico e como psicológico é o livro da vida, que revela o profundo em nós.*

⁴⁶ Imagem 55 do Livro Vermelho, 2010.

⁴⁷ Livro sagrado da tradição Judaica, à Torá é a bíblia do judaísmo, normalmente é mantida dentro da Sinagoga sob os cuidados do Rabino.

José – O Livro Sagrado



*Ana, diz: que ao pensar num símbolo que representasse o seu processo com o L.V., a primeira imagem que veio a sua mente foi a da **Mandala** [...] uma **Mandala**; porque ela vai do centro para a periferia e da periferia para o centro, e no L.V. o tempo todo estamos conversando com as partes, discutindo, [...] desde já a essência dos trabalhos de Jung, vão em direção ao centro, a unificar. Essa é a vivência de Jung.*

Ana – Mandala



Agostinho diz que ficou muito mobilizado pelo L.V. Como já disse anteriormente: *o fato de me identificar com o processo de Jung no L.V. fez com que aflorasse nele outros aspectos mais profundos. Pensando em todo esse processo, e, também, sobre a entrevista: verbaliza que a sensibilidade para o analista é o nosso instrumento de trabalho. Pensando nisso, cita que o símbolo seria uma Flor – uma flor da Colômbia, a Orquídea; esta flor, suscita um olhar peculiar sobre os aspectos da vida, ela nos remete à sensibilidade e à intuição e nos inspira a irmos em direção da profundidade da alma, como a trajetória que Jung fez.*

Agostinho – Orquídea



Felix sugere que, para ele, o símbolo que urge através do L.V. está na **7ª Arte (O Cinema)**; marcado pelo **cinema de Fellini, Buñuel e Bergman** – o colorido que se impõe, imagens que tocam os aspectos mais profundos do ser, impondo-se para além do campo racional; pois, para ele: *o L.V. não é algo para racionalizar, entender e sim, algo para sentir, viver; vibrar dentro de você.*

Para **Felix**: *é na 7ª Arte que o campo da imagem e das emoções se realizam ao mesmo tempo, isso toca a nossa psique.*

O método construtivo se baseia em apreciar o símbolo, isto é, a imagem, onírica ou a fantasia, não mais semioticamente, como sinal, por assim dizer, de processos instintivos elementares, mas simbolicamente, no verdadeiro sentido, entendendo-se “símbolo” como o termo que melhor traduz um fato complexo e ainda não claramente apreendido pela consciência [...]. (JUNG, [1928] 2011, §148)

Fellini



Buñuel



Bergman



6.3.1 Breves considerações sobre os símbolos

O nosso intuito é deixar a cargo do leitor o passeio por esses símbolos, pois eles descrevem conjuntamente o momento de cada analista com relação ao L.V. Poderíamos nos aprofundar em uma leitura simbólica, mas não cabe no escopo desse trabalho, portanto faremos algumas considerações relacionadas ao contato do pesquisador com cada analista durante o processo do surgimento dos símbolos.

Consideramos importante como os analistas se referem ao símbolo, pois conjuntamente com a amplificação, fizeram algumas considerações. Chamam a nossa atenção os analistas **Rosa** e **José** por metaforizarem as polaridades das imagens. **Rosa** cita a importância de não sacralizar o L.V. e, por conta disso, o símbolo que se apresenta é o **I Ching**: *o livro não estar nem acima nem abaixo da cabeça, ter um certo equilíbrio*. No caso de **José** é o contrário, para ele o L.V. deve ser cuidado como algo sagrado, como um **Livro Sagrado** que emana o símbolo da **Torá**. Temos aqui uma situação interessante, pois ambos retratam o livro a partir do seu ponto de vista, porém valorizando-o de acordo com o olhar da psicologia junguiana que acreditam.

Outras imagens que chamam a atenção são as que remetem às imagens do próprio Jung no livro. **Ana**, **Carol**, **Mari** e **Ben**, todos trazem as imagens como se fossem do próprio L.V. **Ana** e **Carol** citam a **Mandala**⁴⁸, **Mari** a **Serpente** e **Ben** a do **Barqueiro**, aliás ele é o único que lembra especificamente a do **Barqueiro**. Essas imagens expressam o processo de individuação de Jung no L.V., falam dessas etapas de elaboração, da transição das forças do inconsciente e seu encadeamento psíquico que nos leva as seguintes fases: organização, profundidade, força, energia, passagem e transformação; temas que surgem na psique individual, mas quando ampliados, tornam-se universais ao plano da psique coletiva e, dessa forma são imagens arquetípicas que remetem a todo esse processo revelador, pois essas imagens que carregam a força revitalizadora (SANFORD, 2019).

Mas o inconsciente [...] é também a fonte dos instintos, visto que os arquétipos mais não são do que formas através das quais os instintos se expressam. Mas é também fonte viva dos instintos que brota tudo o que é criativo; por isto, o inconsciente não é só determinado historicamente, mas gera também o impulso criador [...]. (JUNG [1928] 2011, §339)

Outra situação muito interessante é a dos analistas **Mike**, **Felix** e **Agostinho**, que trouxeram símbolos muito peculiares da trajetória individual.

⁴⁸ Emergiram duas imagens de mandalas.

Para **Mike** foi na **música**, especificadamente na melodia do músico cubano Silvio Rodriguez que: *pois la melodia, é sensível e toca la profundidade del alma.*

Já para **Felix**, foi a **7ª Arte, na singularidade da câmera de Fellini, Buñuel e Bergman**, que para ele se revela: *o cinema é o campo da imagem e das emoções se realizam ao mesmo tempo, isso toca a nossa psique.*

Enfim, para **Agostinho**, é na sensibilidade da **Flor**, em especial da **Orquídea** colombiana: *que os sentimentos mais profundos são tocados, assim é possível realizar a descida aos inferos, mesmo na dor, pois o sentido maior é a possibilidade de estar vivo, inteiro e disponível pra a grande obra.*

Esses três analistas nos convidam a olhar, individualmente, as suas imagens: a **música**, **o cinema** e **a flor**. Esses três campos distintos nos oferecem uma dimensão da interlocução e da transposição: o som, a visão, olfato e o tato; sensações, sentimentos, emoções são componentes sutis desses símbolos intercambiáveis.

A beleza das imagens, a sensibilidade da música e a tranquilidade da contemplação da natureza, representam temas que nos convidam à introspecção, à profundidade da alma, como discutimos no grupo temático IV. Aprofundar, ir ao encontro de nós mesmos, do nosso ser mais profundo é despertar aquilo que pode estar adormecido, mas pode se revelar quando tocamos a alma.

Isto também é fácil de compreender, tão logo se perceba que o inconsciente, enquanto totalidade de todos os arquétipos, é o repositório de todas as experiencias humanas desde os seus mais remotos inícios [...]. (JUNG, [1928] 2011 §339)

Essas três derradeiras imagens transcendem o campo individual, amplificam e falam dessa dimensão dos aspectos inconscientes, nos falam da intuição, dos sentimentos e do campo invisível das emoções, pois não é possível alcançá-las só com palavras, em alguns momentos só é possível sentir. O caminho que nos leva a profundidade da alma é singular e para cada pessoa pode ser realizado numa diversidade de situações e percebemos que estes analistas, cada qual do seu jeito, na sua condição singular, descreveram o seu encontro com a alma e seu respectivo caminho para a profundidade.

Após essas considerações, partiremos para um desafio maior: dimensionar uma discussão sobre o material revelado no campo dessa pesquisa.

7.DISSCUSSÃO

A interpretação de sonhos e símbolos requer certa inteligência. Não é possível mecanizá-la ou incuti-la em cabeças imbecis e sem fantasia. Ela exige um conhecimento sempre maior da individualidade do sonhador bem como um autoconhecimento sempre maior por parte do intérprete [...] Não é dado a todos dominar a “técnica”. Pode-se seguir corretamente as regras, andar pelo caminho seguro da ciência e, assim mesmo, incorrer no maior absurdo pelo fato de não ter levado em consideração um detalhe aparentemente sem importância que não teria escapado a uma inteligência mais aguçada. Mesmo uma pessoa com inteligência altamente desenvolvida pode errar muito porque não aprendeu a usar sua intuição ou sentimento que podem, inclusive, estar num grau de desenvolvimento lastimavelmente baixo. (JUNG [1959], 2011 §573)

Considerando o contato com o L.V. e todas as leituras realizadas, desde a revisão até a construção do método pesquisa, das etapas quantitativa e qualitativa, podemos levantar algumas questões pertinentes para essa discussão.

Conforme apresentamos, podemos iniciar a presente discussão trazendo algumas inquietações.

Trazendo dados da parte quantitativa e, paralelamente, as entrevistas qualitativas e sua respectiva análise de conteúdo (BARDIN, 1975/2016), um dado que nos chama a atenção é que o questionário com dados quantitativos aponta que 65,06 % dos analistas (ver gráfico XII, página 57) relatam que a percepção em relação a teoria mudou, assim como outros 65,26% dos analistas (ver gráfico XIII, página 57) afirmam que, em relação a sua prática clínica, a partir da leitura do L.V., a percepção também mudou, enquanto que para os entrevistados na parte qualitativa as respostas sugerem que nada aconteceu, então vemos que existe uma contradição.

Essa comparação entre os dados quantitativos e qualitativos mostram que, no questionário, a percepção sobre a teoria e a prática clínica mudaram, mas nas entrevistas os analistas disseram que não houve qualquer mudança.

Para seguirmos nessa questão da “mudança da percepção da teoria a partir da leitura do L.V.”, devemos considerar alguns pressupostos: o que é o L.V.?

Em nossa revisão da literatura percebemos que é possível realizar vários tipos de leitura do livro: autobiográfico e histórico, paralelos com temas da filosofia, religião e mitologia, com relação à prática clínica e vivencial, paralelos com arte e autores contemporâneos, questões da cultura e da atualidade e do mundo contemporâneo (ARTZ & STEIN, 2018). Assim, o livro “transita” por diversos campos do conhecimento, deixando um legado para além do campo histórico (HILLMAN & SHAMDASANI, 2015).

As contribuições da literatura junguiana sobre o L.V. não refletem uma mudança da percepção da teoria, mas sim ampliam o olhar sobre como a teoria foi sendo constituída, os seus pilares de sustentação e o embasamento do *corpus* junguiano (BOECHAT, 2011/2014; GUERRA, 2011; HILLMAN & SHAMDASANI, 2015; SANFORD, 2012/2019; SHAMDASANI, 2011/2012; SCHAWARTAZ-SALANT, 2010; STEIN, 2010/2012/2018; MOURA, 2016; NANTE, 2017/2018; PROTER, 2013; TRILLING, 2012).

O papel do L.V., na nossa visão, foi introduzir, usando uma expressão popular “tempero de pimenta” no corpo teórico e prático junguiano, através do texto do próprio Jung, retirado das profundezas do esquecimento (SHAMDASANI, 2010).

Podemos dizer, como mencionado no capítulo 2, que o *Liber Novus*, tem uma estrutura dividida em dois níveis: primeiro mais emocional e direta com as imagens e um segundo de uma elaboração mais racional, com amplificações. Aqui a experiência se torna teoria e a teoria se torna método; isto é, a partir das experiências mais profundas é que Jung organiza uma teoria psicológica nova baseada em imagens relativas ao processo de individuação (BOECHAT, 2014).

Então é possível entender, e aqui retomando a questão anterior sobre a contradição entre o que mudou na percepção da teoria e o que percebemos nos relatos dos analistas, é que o discurso se sobrepõe a prática, o que quer dizer; que nas narrativas dos analistas (ver grupo temático I-Prática clínica e Grupo temático III-Teoria viva), percebe-se que não é que a teoria mudou, mas, como cita **Ana**: *não é que mudou; mas nutriu, enriqueceu, [...]*, nossa hipótese é que a teoria se tornou aquecida, enriquecida por um novo olhar, tendo como efeito a revitalização da mesma. ⁹²

Na opinião do analista **José**, *o L.V. é o melhor livro pós-junguiano da atualidade*, a publicação póstuma do L.V. em 2009 foi um significativo presente para o nosso mundo contemporâneo, pois essa nossa busca incessante do contato profundo da nossa alma, clama por urgência, frente as diversas perturbações do mundo atual (ARZT & STEIN, 2018).

As narrativas incluem temas que nutrem e enriquecem o processo da experiência viva da teoria. Traduzir emoções em imagens e compreender as fantasias que estavam agindo subterraneamente, foi assim que, empiricamente, Jung criou seu método de imaginação ativa, segundo qual ele é o paciente, é o terapeuta e, também, o tratamento” (BOECHAT, 2014).

Essa noção de aproximação e conexão com o mundo interior se dá num campo de abertura que o L.V. se propõe, traz alguns aspectos importantes para serem refletidos no contexto maior do trabalho junguiano. Nesse sentido é possível considerar as diversas conexões da teoria com a vivência empírica desse processo. O L.V. é constituído por

inúmeros caminhos que levam a diversos personagens, diversos confrontos e aprendizados (BOECHAT, 2011).

Nessa metáfora da junção daquilo que é teórico com aquilo que é empírico, nesse campo urge o simbólico: é nessa conexão daquilo que nos leva para além do sentido teórico, mas sim para algo vivido, prático, algo inteiro e, no sentido junguiano, que se faz presente e nos leva a tocar a alma, dessa forma adentramos no grupo temático: profundidade; é aqui o lugar da alma.

Outro ponto que ficou permeando o discurso dos analistas é a questão da imagem. Elas foram usadas de diversas maneiras, mas no nosso modo de entender, sempre situando a condição psíquica, tanto manifesta como simbólica; “O simbolo é verdadeiro quando nele se faz presente o ausente, aquilo que não teria podido manifestar-se de outro modo” (NANTE, 2018, p.86).

Quando Jung apresenta seu percurso no L.V., ele legitima as perplexidades sobre esse tema, demonstra também que o L.V. é um campo mutável de percepções profundas. Somos levados em direção da imaginação, do imagético: *As imagens, a questão emocional e a sua profundidade*, assim se refere Ana.

As imagens como são mencionadas pelos nossos analistas, revelam o lugar do profundo, da alma, das idiossincrasias, da elaboração de um processo com suor e sofrimento, do material visível e invisível. “A alma lhe recorda que está no deserto e que é necessário cultivar a paciência. O caminho rumo à verdade requer tamanho despojamento que é mister entrar sem intenções, sem querer esclarecer uma obscuridade” (NANTE, 2018, p.285). Para estes analistas a teoria mudou no sentido da experiência, ela se tornou integrada e viva.

O L.V. em si toca a alma, é lindíssimo, tem uma peculiaridade de sofrimento e, ao mesmo tempo, um aspecto transformador, sendo percebido na fala de alguns analistas entrevistados: *as imagens são nutridoras, com uma vivência pelo chacra cardíaco, pulsam e fazem vibrar aquilo que não pode parar: a alma.* (Ana)

Minha alma, o que devo fazer? Mas a minha alma falou-me e disse: “Espera”. Eu escuto a terrível palavra. Ao deserto pertence a dor. Pelo fato de eu dar a minha alma tudo o que podia dar, cheguei ao lugar da alma e descobri que este lugar era um deserto quente, seco e estéril. Nenhuma cultura do espírito é suficiente para fazer de tua alma um jardim. Eu cuidei de meu espírito, do espírito dessa época em mim, mas não daquele espírito da profundidade, que se volta para as coisas da alma, do mundo da alma. A alma tem seu mundo que lhe é próprio. (JUNG, [1913] 2013, p.128)

Outro aspecto que fala dessa ampliação é o que percebemos no grupo temático I-Prática clínica e seus respectivos temas; imaginação ativa e esclarecimento da teoria que as impressões suscitadas em relação a esse entendimento e aproximação se confirmam. Foi possível, ainda, notar que, quando os analistas verbalizavam, era como se eles realmente tivessem assimilado o propósito da técnica na relação com à prática, pois no método junguiano primeiro se analisa depois se sintetiza (PENNA, 2013).

Aqui quando falamos das questões que se apresentaram no campo relacional, é o desfrutar da autonomia da imagem que surge na técnica de imaginação ativa. No L.V. as descrições das experiências soam a espontaneidade. O que ficou mobilizado confirmou a hipótese do potencial que a imagem arquetípica tem, pois, ao avistar o material que jorra do inconsciente descrito por Jung e que corroborava com aqueles que ali estavam, suscitou o que pensavam e o que entendem que o L.V. apresentava a esses analistas.

O relato dos colegas trouxe, para este pesquisador, um aspecto novo: é possível ir além das diversas inquietações que nos devora a cada dia. O L.V. é a possibilidade ímpar de resgatar o contato com a alma. Que ele pode ser o exemplo, uma referência, sim já sabemos, mas se o livro pode ser reconhecido como um possível modelo de um processo de individuação...

Que pergunta o L.V. nos faz? Qual a vivência da maioria dos analistas entrevistados: a profundidade da alma. Por outro, é indiscutível não lembrar da voz do Dr. Murray Stein (2018) sugerindo que, na formação dos analistas junguianos, ao estudar as Obras Completas de C. G. Jung, pudéssemos buscar referências no L.V. como possibilidade de contextualizar aquele conceito, aquela técnica, dando o valor empírico ao cenário (imagem) que surgiu.

Seria o L.V. o processo de individuação experienciado em imagens e diálogos personificados? Individuação que percebemos, é a forma como a teoria foi incorporada, integrada, pois para alguns analistas a teoria estava separada e com o L.V. podemos observar essa junção, entender como a experiência viva de Jung possibilitou a construção de um arcabouço teórico com firmes alicerces, firmes a partir de uma prática intuitiva e de um processo de conversar com as imagens internas (STEIN, 2018).

Enfim, o L.V. é de certa maneira uma produção peculiar; apresenta-nos um material empírico e todo o embasamento e as pilastras da construção das técnicas e de uma série de conceitos, o *opus* de uma obra psicológica (SHAMDASANI, 2012).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhei neste livro por 16 anos. O conhecimento da alquimia, em 1930, afastou-me dele. O começo do fim veio em 1928, quando Wilhelm me enviou o texto da “Flor de Ouro”, um tratado alquimista. Então o conteúdo deste livro encontrou o caminho da realidade e eu não consegui mais continuar o trabalho. Ao observador superficial isto parecerá uma loucura. E teria se tornado isso mesmo, se eu não tivesse conseguido deter a força dominadora das experiências originais. Com a ajuda da alquimia pude finalmente ordená-la dentro de um todo. Soube sempre que essas experiências continham algo precioso e por isso não sabia fazer coisa melhor do que lançá-las num livro “precioso”, isto é, valioso, e desenhar as imagens que me apareciam na revivescência – tão bem quanto possível [...]. (JUNG, [1959] 2013 p.489)

Essa pesquisa finaliza contemplando os 10 (dez) anos do lançamento do L.V. em âmbito mundial. Como diz o conhecido adágio latino: *Habent sua fata libelli* - os livros têm seu destino.

O L.V. ou *Liber Novus* é uma obra épica para o século XXI, pois oferece orientação a todos aqueles que necessitam ir em busca da sua alma, no cenário atual da condição pós-moderna (ARTZ & STEIN, 2018). É também uma referência histórica para a psicologia, pois tem seu valor simbólico, destoando da elaboração dos 19 (dezenove) volumes das OC⁴⁹ (SHAMDASANI, 2011).

Quando o L.V. de C. G. Jung foi publicado em 2009⁵⁰, o Dr. Sonu Sahmdasani afirmou que a publicação iria transformar completamente o entendimento de Jung, de tal forma que ninguém se importaria com a literatura biográfica do período anterior e, a partir daquele momento, haveria toda uma nova tradução da *corpus* de estudos de Jung (ARTZ & STEIN, 2018).

O resgate do L.V. neste momento atual aponta para um novo olhar, leituras novas da abordagem junguiana, é “dar nascimento ao antigo em um novo tempo é a criação” (JUNG, (1914) 2013, p.326). Esta forma de produção peculiar nos apresenta um material empírico e, todo o embasamento, incluindo as pilastras da construção das técnicas e de uma série de conceitos, do *opus* de uma obra psicológica.

O analista que se deixa guiar pelas imagens profundas que são suscitadas no L.V., terá um arcabouço de infinitas experiências e imagens. O L.V. surgiu do confronto de Jung com o seu inconsciente. Ali Jung teve a percepção de que a alma existe realmente, e que ela é um

⁴⁹ Versão revisada brasileira das Obras Completas possui 19 volumes em brochura.

⁵⁰ Dr. Sonu Shamdasani passou mais de 12 anos editando o volume do L.V.

modo de ser específico “esse *in anima*”, quer dizer não temos alma, estamos dentro da alma. Além do mais, alma é imagem e, mais ainda, quando Jung teve esta intuição de gênio, reabriu as portas de uma perspectiva maior, não mais do ser enquanto ser, mas do ser enquanto alma, do “esse *in anima*” especificamente, o arquétipo dos arquétipos; novas portas se abriram para o mundo interior, mas muitas mais, a porta da vida interior, uma nova era se abriu (BONAVENTURE, 2019).

Essa pesquisa vem apontar para um outro lugar que o L.V. pode ocupar dentro do cenário das produções junguianas. Citamos um dos seus seminários onde Stein (2018) aponta a importância de se ensinar o L.V. para além do papel histórico, sugere que nos cursos de formação para analistas, no estudo das OC, se pudesse utilizar o L.V. fazer apontamentos no seu conteúdo nas OC; como nasceu aquele conceito, acreditando que tamanha é a riqueza ao jovem analista, que ao estudar as OC, poder remeter ao L.V. para o entendimento do processo vivo da concepção da teoria junguiana (STEIN, 2018).

Esses estudos feitos concomitantemente ao L.V. podem lançar luz ao caminho construtivo da leitura e entendimento da elaboração do L.V. Podemos assim, discutir e trabalhar as técnicas e conceitos que foram sendo constituídos, a diferença entre imaginação dirigida, imaginação ativa e fantasia e, como Jung as descreveu e as usava, podendo refletir como nós junguianos as utilizamos atualmente no contexto terapêutico e que, através do livro, tornou-se possível verificar nesse testemunho vivo.

Outro dado é a explicitação do desenvolvimento do processo de individuação através das imagens pictóricas apresentadas no livro em algumas sequências, também os ciclos das atividades através da técnica expressiva de pintura e escrita gótica. (JUNG, 2010, p.231).

A pesquisa mostra que em posse desse novo significado, o contato com o L.V. trouxe outros questionamentos sobre o trabalho clínico junguiano, tanto em relação ao processo de diálogo e assimilação das imagens internas como a dimensão do tema do sofrimento, como caminho para a transformação psicológica. Do ponto de vista da comunidade junguiana em geral, percebemos a profundidade que o L.V. trouxe aos analistas, uma nova perspectiva sobre o próprio universo junguiano. Acreditamos que isso não exclui a leitura e análise das obras completas e de todas as outras publicações conhecidas, mas com o L.V. é possível adquirir um novo significado para o campo.

Assim, podemos revisitar as técnicas junguianas, discutir os conceitos como imaginação ativa, fantasia, imaginação dirigida, personificação das imagens, sonhos, técnicas expressivas, tipologia etc. A partir do L.V., todos os conceitos que partem do material inconsciente são revisitados, reestudados e reelaborados.

O estudo do L.V. nos possibilita, ainda, refletir sobre os passos da elaboração teórica a partir de textos escritos neste período de 1913 a 1930, citados nas OC, como: o volume 8 “Natureza da Psique” em: “Função transcendente” de 1916; “Psicologia do inconsciente” de 1916/1926; “Instinto e inconsciente” e “Os fundamentos psicológicos da crença nos espíritos” de 1919; “Psicologia analítica e cosmovisão” de 1927; “O eu e o inconsciente” e “Energia psíquica” de 1928; o volume 10 “Sobre o inconsciente” de 1918; o volume 6 “Tipos psicológicos” de 1921 e o volume 16 “O valor terapêutico da ab-reação” de 1921. Só para citar os artigos e textos escritos neste período (PENNA, 2013), sem entrar na influência do L.V. em textos posteriores, como exemplo o volume 9/1 “Os arquétipos e inconsciente coletivo” que começou a ser escrito em 1934, para citar algumas das obras diretamente relacionadas aos frutos da concepção e evolução de Jung no processo de elaboração do L.V.

O L.V. de Jung ilustra claramente como essa transformação progride com a profundidade e amplitude de ideias compartilhadas. Como o Dr. Shamdasani previu, toda uma nova tradução do trabalho de Jung está evoluindo – e, nessa pesquisa, está a evidência desse fato, a contatação de um caminho que está por vir - o vindouro encontro “pós-moderno” com Jung e seu Livro Vermelho.

O L.V. é apenas um suplemento, uma variação dos relatos da experiência de Jung. O L.V. representa as páginas abertas das imagens a cada noite, de nossos analisandos e de mim mesmo, do espírito inconsciente que quer se revelar dentro de nós e que se faz presente, muitas vezes, como sintomas na nossa vida consciente.

Eu me lembro como se fosse ontem, Marie Louise, como também Fierz e Meier, quando eu contava certos sonhos, eles colocavam o dedo na boca e diziam: estas grandes imagens não têm que ser interpretadas, mas sim a meditar, a viver. São pontos de referência para a vida inteira, o L.V., é o livro de cada um de nós que se manifesta a cada noite e, muitas vezes, escrito com o nosso sangue, no sofrimento e com as alegrias da vida (BONAVENTURE, 2019).

A teoria junguiana está alicerçada numa história de mais de 50 (cinquenta) anos. Sendo assim, quando abrimos espaço nessa pesquisa para as narrativas dos analistas, desejamos ouvir os mais diferentes discursos, descobrindo as singularidades e peculiaridades mais diversas.

Com a exposição dos temas que foram dispostos em seus respectivos grupos temáticos, ao longo da pesquisa, foi possível constatar o importante papel do L.V. no trabalho junguiano.

Observamos que a pesquisa revelou o quanto os analistas latino americanos se referem ao L.V. de maneira peculiar, dando importância para o convite que o livro faz para contato profundo com a alma.

Reconhecemos nessa pesquisa o papel que o L.V. revelou sobre a prática clínica e a maneira como trabalham esses analistas e a partir disso sugerimos que novas pesquisas sejam realizadas no campo da psicologia analítica, especificamente sobre o estudo da técnica da imaginação ativa a partir do que é apresentado no L.V. em vista das possíveis reverberações e perspectivas.⁹⁸

Enfim, um espectro assombra nosso mundo hoje; seu nome é o Espírito do Tempo. Ele, então, diagnostica o mal-estar de nossa época e aborda o que todos nós precisamos fazer para nos recuperar e, assim, nos fazer crer que o Livro Vermelho pode ser o convite para a profundidade da alma.

REFERÊNCIAS

- ARZT, T.; STEIN, M. (Org.) *Jung's Red Book for our time searching for soul under postmodern conditions*. v. 1. USA: Chiron publications, 2017.
- ABALOS, M. P. Entre Miss Miller y el Libro Rojo: Símbolos de Transformação. Regresión defensiva v/s propuesta creativa (p.31). In: *Anais do VII Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana: conflicto y creatividad, puentes y fronteras arquetípicas*. Valdez, N. et. al. González, C. C. Buenos Aires: BMPress, 2015.
- ADAMO, A. C.; MENDES, D. C.; SOARES, M. N. de T.; SOUSA, M. V. *ExperiVivência: processo de transformação através do Livro Vermelho* (p. 31-34). In: [Anais do VII Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana: conflicto y creatividad, puentes y fronteras arquetípicas. Valdez, N. et. al. González, C. C. Buenos Aires: BMPress, 2015].
- ADDISON, A. Lament of the Dead: Psychology after Jung's Red Book by Hillman, James & Shamdasani, Sonu. *Journal of Analytical Psychology*. v. 60, Issue 2 UK, 2015.
- BAETA, P. J. Sobre Imaginação Ativa (p. 36-43). In: [Cadernos Junguianos nº 3. São Paulo: AJB, 2007].
- BAIR, D. *Jung uma biografia*. v. 1 e 2. São Paulo: Globo, 2006.
- BARCELLOS, G. O Livro Vermelho (Editorial). In: [Cadernos Junguianos nº7. São Paulo: AJB, 2011].
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições70, 2016.
- BAUER, E. A. *An artistic journey with Carl Jung's The Red Book*. Pacifica Graduate Institute: Califórnia-USA, 2016. Disponível em: <http://www.pacifica.edu/graduate-library/counseling-masters-theses-wiki>. Acesso em: mar. 2019.
- BEEBE, J. The Red Book as a work of conscience: notes from a seminar given for the 35th annual jungian conference C. G. Jung club of Orange county. *Quadrant* nº40 Issue 2: New York, 2010.
- BISHOP, P. Jung's Red Book and its relation to aspects of German Idealism. (p.335-363) In: [The Journal of Analytical Psychology. v. 57, Oxford, UK, 2012].
- BOECHAT, W. *O Livro Vermelho de C. G. Jung: jornada para profundidades desconhecidas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

_____, O Livro Vermelho: o livro de múltiplos caminhos. (p.7-25). In: [*Cadernos Junguianos* n° 7. São Paulo: AJB, 2011].

_____, *Os processos criativos do Liber Novus e os futuros caminhos para a Psicologia Analítica*. Rio de Janeiro: IJRJ, 2011. Disponível em: www.jung-rj.com.br/artigos/processos-criativos-walter-2011.html. Acesso em: [mar. 2019](#).

_____, Os processos criativos do Liber Novus e os futuros caminhos para a Psicologia Analítica. (p.1-16). In: [*Anais do Congresso Associação Junguiana do Brasil, São Paulo, 2013*].

BYINGTON, C. A.; GUERRA, M. H.; SAIZ, M. Conflito e criatividade: o processo de individuação de Jung a partir de seu Livro Vermelho. (p.317). In: [*Anais do VII Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana: conflicto y creatividad, puentes y fronteras arquetípicas*. Valdez, N. et. al. González, C. C. Buenos Aires: BMPress, 2015].

BYGOTT, C. The Red Book and clinical practice. (p.455-461). In: [*The Journal of Analytical Psychology*. v. 57, Oxford, UK, 2012].

BRIGHT, G. Clinical implications of The Red Book: Liber Novus. (p.469-467). In: [*The Journal of Analytical Psychology*. v. 57, Oxford, UK, 2012].

_____, The Red Book: Reflections on Jung's 'LiberNovus' by Kirsch, Thomas & Hogenson, George (p.284-302). In: [*The Journal of Analytical Psychology*. v. 59, Oxford, UK, 2014].

HOPCKE, R. H. *Sincronicidade ou porque nada é por acaso*. Rio de Janeiro, Nova Era, 2001.

CABRAL, M. de O. *A imagem como berço do símbolo: decifrando as imagens simbólicas no Livro Vermelho de C. G. Jung*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

_____, "O Livro Vermelho" a escolha de Jung em produzir sua obra alquímica como livro. São Paulo: IJUSP, 2017. Disponível em: www.self.ijusp.org.br/self/article/view/15pdf. Acesso em: [mar. 2019](#).

CAETANO, A. A. M. *Quem são, como trabalham e o que pensam a respeito de sua prática os terapeutas brasileiros de abordagem junguiana*. (p.252-281). In: [*Boletim da Academia Paulista de Psicologia Revista Venezuelana de Psicologia de Los Arquetipos* n°4. Venezuela, 2017].

CAPRILES, M. A. Liber Novus: El Libro Rojo. (p.62-63). In: [*Revista Venezolana de Psicología de Los Arquetipos* n°4. Venezuela, 2011].

CIRLOT, V. “Paesaggidell” anima nel “Libro Rosso” di Carl Gustav Jung. In: *La Visione*. (p.179-198) Milán-ITA, Medusa: Ed. Francesco Zambon, 2012.

_____, Visiones de Carl Gustav Jung. A propósito de El libro rojo. La voz de Filemón. (p.141-168) *Estudios sobre El libro rojo de Jung*. Buenos Aires: El Hilo de Ariadna, 2012.

CONTI, S. R. *Imaginação Ativa e Imaginação Dirigida na Clínica Junguiana*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUCSP, 2017.

CORBERTT, L. *The Red Book: is Analytical Psychology a New Religion?* Zurich: CGJUNGPAGE, 2011. Disponível em: www.cgjungpage.org. Acesso em: mar. 2019.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____, CLARK, V. L. P. *Pesquisa de métodos mistos*. Porto Alegre: Penso-Artmed, 2013.

CULLIFORD, P. Clinical implications of The Red Book. (p.462-468). In: [*The Journal of Analytical Psychology*. v. 57, Oxford, UK, 2012].

DOMINICI, G. *Esmague a cabeça da serpente e ela o morderá no calcanhar: uma reconstrução da interpretação de Jung sobre as serpentes venenosas em Zaratustra através do Livro Vermelho*. (tradução Marcela Carolline dos S. Oliveira). v. 1 (p.1-27) Phanês, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.32724/phanes.2018.Domenici>. Acesso em: mar. 2019.

FORLOTTI, N. *The Red Book of C. G. Jung creation of a new cosmology*. Foundation Philemon, 2017.

FRASCARELI, A. “A exposição itinerante do Livro Vermelho de Jung” ReBAP e IPUSP (Org.), São Paulo, 2012. Disponível site BVS-PSI ULAPSI Brasil.

FREITAS, L. V de. e RICHARDS, M. H. de O. Possibilidades de alteridade: o Livro Vermelho e elementos da arte contemporânea. (p.20-30). In: [*Junguiana* n° 32 (1). São Paulo: SBPA, 2014].

GAILLARD, C. The egg, the vessels and the words. Fron Izdubar to Answer to Job: For na imaging thinking. (p.299-334). In: [*Journal of Analytical Psychology*, v.57 Oxford, UK, 2012].

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Cia Letras, 1989.

GIEGERICH, W. *Liber Novus, isto é, A Nova Bíblia. Uma primeira análise do Livro Vermelho de C. G. Jung*. Tradução: Marcela Carolline dos S. Oliveira do texto original: *Liber Novus, that is, the new bible. A first analysis of C. G. Jung's Red Book*. In: [A Journal of Archetype and Culture n° 83. New Orleans: Spring Journal, 2010].

_____, *Initial thoughts about the Red Book of C.G. Jung*. [S.1] New Orleans: *Spring Journals*, 2008.

GIONI, M. *Palazzo Enciclopédico. Bienal de Veneza, 2013. Folder oficial da Mostra II Palazzo Enciclopédico*. (1.6-24.11) Veneza-ITA: Biennale Arte, 2013.

GUERRA, M. H. M. *O Livro Vermelho: o drama de amor de C. G. Jung*. São Paulo: Linear B, 2011.

_____, *The love drama of C.G. Jung – As revealed in his Life and in his Red Book*. *Journal of Analytical Psychology*. v. 60, n. 1. UK, 2015.

GUNTHER, H. *Como elaborar um questionário*. Serie: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais. n.1 (p.1-15) Instituto de Psicologia: UnB, 2003.

HILLMAM, J. e SHAMDASANI, S. *O Lamento dos mortos: a psicologia depois de o Livro Vermelho de Jung*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

HOPCKE, R. H. *Sincronicidade ou porque nada é por acaso*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001.

JUNG, C. G. e JAFFÉ, A. (org). *Memórias, sonhos e reflexões*. [1957] Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JUNG, C. G. *A Função Transcendente* (p.1-23). In: [A Natureza da Psique. [1913/1930] OC, v. 8/2. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011].

_____, *A Estrutura da Alma* (p.75-96). In: [A Natureza da Psique. [1913/1930] OC, v. 8/2. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011].

_____, *Considerações Teóricas sobre a Natureza do Psíquico* (p.97-172). In: [A Natureza da Psique. [1913/1930] OC, v. 8/2. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011].

_____, *Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo*. [1948] OC, v. 9/1. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

_____, *O Livro Vermelho: Liber Novus*. [1913-1930] Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

_____, *O Livro Vermelho (edição sem ilustrações)*. [1913-1930] Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

_____, *The Red Book*. [1913-1930] New York & London: W.W. Norton & Company, 2009.

_____, *Tipos Psicológicos*. [1928] OC, v. 6. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

_____, *A Vida Simbólica*. [1935/1959] OC, v. 18/1. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

KIRSH, T. *Os junguianos: uma perspectiva comparativa e histórica* (p.195-201) tradução: Marcela Carolline dos S. Oliveira. Texto original: *The Junguians: A comparative and historical perspective*. London and Philadelphia: Routledge by Taylor & Francis Group, 2000.

LAUGHLIN, K. *Treasure hunting: a hermeneutical inquiry into the final painting of Liber Novus*. Pacífica Graduate Institute: Califórnia-USA, 2016. Disponível em: <http://pqdopen.proquest.com/results.html?school=Pacifica%20Graduate%20Institute>. Acesso em: mar. 2019.

LUPO, L. "Also spricht meine Seele". O Zaratustra de Nietzsche no Livro Vermelho de Jung: a verdade como vida entre experiência e experimento. *Cadernos Nietzsche* (v..37, n°2): São Paulo, 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/2316-82422015_v3702II. Acesso em: mar. 2019.

MACKENNA, C. What implications does The Red Book have for my clinical practice? *Journal of Analytical Psychology*. v. 57, Issue 4, UK, 2012.

MATHEW, S. *Modern(ist) man in search of a soul: Jung's Red Book a modernist visionary literature*. Zurich: CGJUNGPAGE, 2012. Disponível em: www.cgjungpage.org. Acesso em: mar. 2019.

MOURA, L. O Livro Vermelho de Jung na visão de Walter Boechat. *Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* (Online), v.14, p.1153: Belo Horizonte MG: PUCMINAS, 2016.

MILLER, N. *Jung's Red Book: confronting the unconscious through word and image*. Zurich: CGJUNGPAGE, 2013. Disponível em: www.cgjungpage.org. Acesso em: mar. 2019.

MORGAN, C., OLIVEIRA, I., MARTIN, D., VERA, B. e BANDEIRA, M. Liber Primus: uma aproximação ao Livro Vermelho. (p.337). In: [Anais do VII Congresso Latino-

Americano de Psicologia Junguiana: conflicto y creatividad, puentes y fronteras arquetípicas. Valdez, N. et. al. González, C. C. Buenos Aires: BMPress, 2015].

MOTTA, A. *Raízes da psicologia analítica no Brasil: pessoas e contextos.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

NANTE, B. O Livro Vermelho de Jung e o renascimento da imagem de Deus. In: [*Anais do XXIV Congresso Associação Junguiana do Brasil, Foz do Iguaçu-PR, 2017*].

_____, *O Livro Vermelho de Jung: chaves para a compreensão de uma obra inexplicável.* Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.

_____, *El Libro Rojo de Jung: claves para la comprensión de una obra inexplicable.* Argentina: El Hilo de Ariadna, 2018.

_____, El libro rojo de Jung. Claves para la comprensión de una obra inexplicable. (Introducción). In: [*El caminho simbólico.* Buenos Aires, Argentina, 2015]. Disponível em: www.vocacionhumana.org/31/textos/el-caminho-simbolico.pdf. Acesso em: mar. 2019.

_____, Caída y renascimento de la figura del maestro em el mundo actual. Uma lectura a partir de el Libro Rojo de Carl Gustav Jung. (p.1-22). In: [*Eclipse de los maestros.* Buenos Aires, Argentina, 2015]. Disponível em: [www.vocacionhumana.org / 31 /textos/eclipse-de-los-maestros.pdf](http://www.vocacionhumana.org/31/textos/eclipse-de-los-maestros.pdf). Acesso em: mar. 2019.

_____, Conflicto y creatividad en el Libro Rojo de C. G. Jung: su aporte al dialogo intercultural e interreligioso (p.230). In: [*Anais do VII Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana: conflicto y creatividad, puentes y fronteras arquetípicas.* Valdez, N. et. al. González, C. C. Buenos Aires: BMPress, 2015].

_____, *La voz de Filemon – Estudios sobre El Libro Rojo de Jung.* Buenos Aires: 2016.

PENNA, E. M. D. In: *Epistemologia e método na obra de C. G. Jung.* São Paulo: Educ/Fapesp, 2013.

PICON, D. B. El libro como soporte de la experiencia visionaria en los profecias iluminadas de William Blake y El Libro rojo de Carl Gustav Jung. (p.63.85). In: [*Literatura: teoria, história.* n°19/1 Chile, Santiago: Crítica, 2016].

PROCTER, M. The Red Book of the Exchequer: a curious affair revisited *Historical Research.* v. 87, Issue 237, 2013.

SANFORD, L.D. *Reading the Red Book – Na interpretative guide to C.G Jung´s Liber Novus*. Nova Orleans, Spring Journals, 2012.

_____, *The Red Book: an encounter with Jung´s words and images*. A daylong seminar led. New York. USA, 2019. (Seminário via internet/mar. 2019)

SCHAWARTZ-SALANT, N. The mark of one who have seen chaos – review of C.G. Jung´s Red Book. (p.11-38). In: [*Quadrant* n°40/2 – Journal of the C.G. Jung Foundation for Analytical Psychology. New York, 2010].

SHAMDASANI, S. *Jung e a Construção da Psicologia Moderna – O sonho de uma ciencia*. São Caetano, Ideias&Letras, 2011.

_____, After Liber Novus. (p.363-377). In: [*The Journal of Analytical Psychology*. v. 57, Oxford, UK, 2012].

_____, *Red Book seminar*. Zurich: CGJUNGPAGE, 2010. Disponível em: www.cgjungpage.org. Acesso em: mar. 2019.

_____, *Call for pappers: painel on Jung´s Red Book*. Zurich: CGJUNGPAGE, 2010. Disponível em: www.cgjungpage.org. Acesso em: mar. 2019.

SPAMO, M. *The Red Book: some notes for the beginner*. Zurich: CGJUNGPAGE, 2011. Disponível em: www.cgjungpage.org. Acesso em: mar. 2019.

SOUZA, L. *O Livro Vermelho de Jung: as polaridades da psique e as concepções de Deus*. (Tese de Doutorado). Juiz de Fora-MG: UFJF, 2015.

STEIN, M. Critical Notice (p.423-434). In: [*Journal of Analytical Psychology*, v. 55, Oxford, UK, 2010].

_____, Carl Jung´s Red Book. In: [*Live From Zurich Series (2 DVDs)*]. Ashville Jung Center. Carolina do Norte, USA, 2010].

_____, What is the Red Book for analytical psychology? (p.590-606). In: [*The Journal of Analytical Psychology*, v. 56, Oxford, UK, 2011].

_____, *How to read The Red Book and why*.(p.280-298). In: [*Journal of Analytical Psychology*. v. 57, Oxford, UK, 2012].

_____, *Seminar in the Red Book Part 1, 2, 3 e 4*. USA, 2014. Disponível em: <https://youtube/CQoenP93Kb8>. Acesso em: mar. 2019.

_____, *Mystery: Murray Stein in conversation with Peter Kingsley about Jung's "Red Book"*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/uWaeqeIi82g?list=PLeZf3hD-gNPYR0-t0Z8m9JVDymLJ7BQGz>. Acesso em: mar. 2019.

_____, "*C. G. Jung, Individuation and the Red Book*": *Murray Stein in conversation with Stefano Carpani*. 2018. Disponível em: <http://youtube/crooa .iuj>. Acesso em: mar. 2019.

WAHBA, L. Imaginação para o Mal. (p.195-209) tradução: Marcela Caroline dos Santos Oliveira. In: [ARZT, Thomas e STEIN, Murray (Org.). *Jung's Red Book for our time searching for soul under postmodern conditions*. v. 1. USA: Chiron publications, 2017].

TRILLING, J. The Red Book. (p.84-97) In: [*The Yale Review*, v. 100, UK, 2012]

APÊNDICE A: CARTA AOS ANALISTAS

A.1. VERSÃO EM ESPANHOL

Carta a los analistas

Estimado (a) colega,

Analista junguiano,

I, Denis Canal Mendes, Psicólogo, Analista miembro de la Asociación Junguiana do Brasil-AJB, vinculado a IAAP (Zurich), actualmente investigador del Núcleo de Estudios Junguianos-NEJ, del programa de estudios post-graduado en Psicología Clínica de la PUCSP, bajo la dirección del Prof. Dr. y Analista didata – AJB, Durval Luiz de Faria, le pido amablemente su participación en esta investigación de interés para el campo de la psicología junguiano.

La investigación de este Máster tiene como objetivo estudiar el Libro Rojo (L.V.) en la relación con el analista junguiano. Ahora estamos pidiendo su cooperación para responder a este cuestionario.

Esta investigación se compone en dos etapas: una cuantitativa y la otra cualitativa. El cuestionario que estamos enviando es relativo al primer paso, y es de suma importancia participar, ya que me gustaría hacer una encuesta lo más amplia posible. En la segunda fase, habrá un aspecto cualitativo, cuando voy a seleccionar algunos analistas para responder a las preguntas sobre su relación con este libro de Jung.

Desde que les agradezco su atención y disponibilidad,

Sinceramente,

Denis Canal Mendes

A.2. VERSÃO EM PORTUGUÊS

Carta aos analistas

Caro (a) Colega,
Analista Junguiano,

Eu, Denis Canal Mendes, Psicólogo, Analista membro da Associação Junguiana do Brasil–AJB, vinculado à IAAP (Zurich), atualmente pesquisador do Núcleo de Estudos Junguianos–NEJ, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP, sob orientação do Prof. Dr. e Analista Didata – AJB, Durval Luiz de Faria, venho gentilmente pedir sua participação nesta pesquisa de interesse para o campo da Psicologia Junguiana.

Esta pesquisa de mestrado tem como objetivo estudar o Livro Vermelho (L.V.) na relação com o Analista Junguiano. Neste momento estamos pedindo a sua colaboração para que responda este questionário.

Esta pesquisa se compõe de duas etapas: uma quantitativa e a outra qualitativa. O questionário que enviamos é relativo à primeira etapa, sendo de total importância a sua participação, na medida em que gostaria de fazer um levantamento o mais amplo possível. Na segunda fase, haverá um aspecto qualitativo quando selecionarei alguns analistas que irão responder as questões sobre a sua relação com este livro do Jung.

Desde já agradeço sua atenção e disponibilidade,

Atenciosamente,

Denis Canal Mendes

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO (FASE QUANTITATIVA) INTRODUIDO PELA ASSINATURA VIRTUAL DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

B.1. VERSÃO EM ESPANHOL

Término de Consentimiento Libre e Informado (TCLI)

Estimado (a) Analista,

El cuestionario que enviamos a continuación está relacionado con la primera etapa de la investigación sobre el Libro Rojo (LV), según la carta explicativa de presentación en el cuerpo del correo electrónico. Es de suma importancia participar, ya que quisiéramos hacer una encuesta lo más amplia posible.

Debido a que es una investigación en el campo de la psicología clínica, fue necesario aprobarlo por el Comité de ética en investigación de la PUC-SP. Así que antes de empezar, debo informarle que su identidad será mantenida confidencial y sus respuestas sólo serán utilizadas para los propósitos científica.

Ahora estamos pidiendo su cooperación para responder a este cuestionario. ¿está de acuerdo en participar en esta investigación?

() sí, estoy de acuerdo.

() no, no estoy de acuerdo.

Los resultados de esta investigación estarán disponibles en la biblioteca Kfourri Nadir de la PUC-SP, después de la defensa de la disertación del Máster. Si estás interesado en consultarlo, sólo tienes que acceder al enlace de esta librería en la página www.pucsp.br y rellenar el campo de búsqueda con el nombre del investigador: Denis Canal Mendes.

B.1.1. Este cuestionario es parte de la investigación sobre el Libro Rojo realizado con todos los analistas de junguianos latinoamericanos acreditados a IAAP (Zurich).

Su participación es de suma importancia para el éxito de esta investigación.

¡ Gracias por su participación!

1ª. Término de consentimiento libre e informado (TCLI)

() Sí, estoy de acuerdo

() No, no estoy de acuerdo.

2ª. Edad

3ª. Género

() Masculino

() Femenino

() Otros

4ª. ¿Tiempo de práctica clínica después del entrenamiento en Psicología y/o medicina?

() 7 años

() Entre 8 y 14 años

() Entre 15 y 24 años

() Entre 25 y 34 años

() Sobre 35 años

5ª. ¿Has tenido contacto con el Libro Rojo?

() Sí

() No

6ª. ¿Has leído el Libro Rojo?

() No leyó

() Leído parcialmente

() Leer todo el libro

7ª. ¿Cómo leíste el Libro Rojo? (puede ser más de una manera)

() Individualmente

- () En grupo
- () Individualmente y en el grupo
- () Otros

8ª. ¿A quién se lo leíste?

- () Con el analista de didata
- () Con los colegas
- () Con los estudiantes
- () Con la otra supervisión

9ª. ¿Crees que es importante que el analista junguiano estudie el Libro Rojo?

- () Sí,
- () No

10ª. ¿Ha habido un cambio en su percepción con respecto a la teoría junguiano a partir de la lectura del Libro Rojo?

- () Sí,
- () No

11ª. ¿Ha habido un cambio en su práctica clínica al leer el Libro Rojo?

- () Sí,
- () No

12ª. En su opinión, ¿qué representa el Libro Rojo para psicología junguiano? (puede ser más de una forma)

- () Cuenta experiencial
- () Concepción teórica
- () Expresión artística
- () Erudición del autor
- () Presentación de la técnica junguiano
- () Importancia histórica

B.2. VERSÃO EM PORTUGUÊS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Caro (a) Analista,

O questionário que enviamos abaixo é relativo à primeira etapa da pesquisa sobre o Livro Vermelho (LV), conforme carta de apresentação explicativa no corpo do e-mail. É de suma importância sua participação na medida em que gostaríamos de fazer um levantamento o mais amplo possível.

Por se tratar de uma pesquisa no campo da Psicologia Clínica, foi preciso aprová-la pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP. Por isso, antes de iniciar, devo informar que a sua identidade será mantida em sigilo e suas respostas somente serão usadas para fins científicos.

Neste momento estamos pedindo a sua colaboração para que responda este questionário. Você concorda em participar dessa pesquisa?

- () Sim, eu concordo.
- () Não, eu não concordo.

Os resultados dessa pesquisa estarão disponíveis na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfour, da PUC-SP, após a defesa da dissertação de mestrado. Caso você esteja interessado(a) em consultá-la basta acessar o link dessa biblioteca na página www.pucsp.br e preencher o campo de busca com o nome do pesquisador: Denis Canal Mendes.

B.2.1. Questionário da Pesquisa

Este questionário faz parte da pesquisa sobre o Livro Vermelho realizada com todos os analistas junguianos latino-americanos credenciados à IAAP (Zurich). Sua participação é de extrema importância para o sucesso dessa pesquisa.

Agradeço desde já a sua participação!

1ª. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

() Sim, concordo

() Não, não concordo

2ª. Idade

3ª. Gênero:

() Masculino

() Feminino

() Outros

4ª. Tempo de prática clínica após a formação em psicologia e/ou medicina?

() 7 anos

() Entre 8 a 14 anos

() Entre 15 a 24 anos

() Entre 25 a 34 anos

() Acima de 35 anos

5ª. Você teve contato com o Livro Vermelho?

() Sim

() Não

6ª. Leu o Livro Vermelho?

() Não leu

() Leu parcialmente

() Leu o livro todo

7ª. Como você leu o Livro Vermelho? (Pode ser mais de uma forma)

- Individualmente
- Em grupo
- Individualmente e em grupo
- Outros

8ª. Com quem você leu?

- Com analista didata
- Com colegas
- Com alunos
- Com supervisionandos
- Outros

9ª. Você acha importante o analista junguiano estudar o Livro Vermelho?

- Sim
- Não

10ª. Houve mudança da sua percepção com relação à teoria junguiana a partir da leitura do Livro Vermelho?

- Sim
- Não

11ª. Houve mudança da sua prática clínica a partir da leitura do Livro Vermelho?

- Sim
- Não

12ª. Na sua opinião, o que o Livro Vermelho representa para a Psicologia Junguiana? (Pode ser mais de uma forma)

- Relato vivencial
- Conceção teórica
- Expressão artística
- Erudição do autor
- Apresentação da técnica junguiana
- Importância histórica

**APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(FASE QUALITATIVA)**

C.1. VERSÃO EM ESPANHOL

Estimado Analista,

I, Denis canal Mendes, psicólogo, Analista junguiano, investigador y estudiante del curso de posgrado en Psicología Clínica de la Pontificia Universidad Católica de Sao Paulo PUCSP, les invito a participar en la segunda fase de la investigación de mi máster, en el Libro Rojo (LV). El objetivo de la investigación es identificar el impacto y las implicaciones del Libro Rojo (LV) en el trabajo de los analistas de junguianos en latinoamérica.

Esta segunda fase será a través de una entrevista estructurada, que pretende ofrecer la libertad de expresión a los participantes. Dado el carácter privado de esta información, este término asegura el secreto en cuanto a la identidad de los participantes. Las entrevistas serán grabadas y transcritas para permitir la apreciación fiel de su contenido, siendo guardados en un lugar seguro y protegidos por un período de cinco (cinco) años.

Se aclara, de acuerdo con las resoluciones CNS/MS N° 510/2016 y no 466/2012, que como participante voluntario, usted no recibirá ninguna compensación financiera o beneficio directo por participar en la investigación, y puede abandonarlo si lo desea, sin Esto sufre cualquier lesión. Los costos de la recolección de datos serán sufragados por el investigador y no hay ninguna carga financiera para los participantes. Todo el procedimiento de investigación ofrece un bajo riesgo, pero este término garantiza nuestro compromiso de mantenernos atentos a posibles incomodidades, así como de intervenir minimizando cualquier pérdida, si es necesario.

Me quedo en el estado de ánimo para cualquier aclaración sobre la investigación y me comprometo a informar a sus resultados después de la defensa pública de la disertación. El informe de investigación estaba disponible después de la defensa pública en la biblioteca Nadir Kfoury, PUC-SP, Campus Monte alegre. Los resultados del estudio pueden ser divulgados con fines científicos o académicos. Si estás interesado en consultarlo, sólo tienes que acceder al enlace de esta librería en la página www.pucsp.br y rellenar el campo de búsqueda con el nombre del investigador: Denis canal Mendes.

Las dudas y denuncias relativas a las cuestiones éticas de esta investigación pueden ser clarificadas por el Comité de ética en la investigación de la Pontificia Universidad Católica de Sao Paulo PUCSP a través de los siguientes contactos:

Sede: PUCSP Campus Monte Alegre –

Ministro de la calle de Gandhi , 969 – Perdices – Sao Paulo – SP

CEP 05015-001. Edificio de La Bandera de Mello/sala 63C/planta baja.

Teléfono/fax (11) 3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br

C.1.1. CONSENTIMIENTO POST-INFORMADO

I, _____, que
 _____ RG/RNE/pasaporte

_____ Han entendido el propósito y el procedimiento de investigación sobre el libro rojo, así como, soy consciente de que la información es de una naturaleza privilegiada.

Estoy de acuerdo con la grabación de audio de los procedimientos de la entrevista, ya que también autorizo la publicación del contenido de la obra con fines docentes y de investigación.

Presento el Formulario de Consentimiento Libre e Informado (FCLI) que me fue presentado en dos (dos) maneras, y uno de ellos permanecerá en mi poder.

 Nombre del participante

 Firma del participante

 Nombre del responsabl

 Firma del responsabl

Denis Canal Mendes

Investigador responsabl

Psicólogo y Analista junguiano

Máster en Psicología Clínica

e-mail: dcmpsijunguian@gmail.com

+55xx11 9.9991.3057

Prof. Dr. Durval Luiz de Faria

Psicólogo y Analista de didatos

Programa de Estudios post-graduados

Psicología Clínica

Núcleo de Estudios Junguianos

Calle Ministro Godoy, 969, sala 4E-05

CEP 05015-901- Perdices

São Paulo/SP

psiclini@pucsp.br +55xx11 3670-8521

C.2. VERSÃO EM PORTUGUÊS

Caro (a) Analista,

Eu, Denis Canal Mendes, psicólogo, analista junguiano, pesquisador e aluno do curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUCSP, venho convidá-lo (a) a participar da segunda fase da minha pesquisa de mestrado, sobre o Livro Vermelho (LV). A pesquisa tem por objetivo identificar o impacto e as implicações do Livro Vermelho (LV) no trabalho dos analistas junguianos na América Latina.

Esta segunda fase se dará por meio de uma entrevista semiestruturada, que visa oferecer liberdade de expressão aos participantes. Dado o caráter privado dessas informações, esse termo assegura o sigilo quanto à identidade dos participantes. As entrevistas serão gravadas e transcritas a fim de possibilitar a apreciação fiel de seu conteúdo, sendo mantidas em local seguro e protegido por um período de 5 (cinco) anos.

Fica esclarecido, nos termos das Resoluções CNS/MS nº 510/2016 e nº 466/2012, que como participante voluntário, você não receberá qualquer compensação financeira ou benefício direto pela participação na pesquisa, podendo abandoná-la se assim o desejar, sem por isso sofrer qualquer prejuízo. As despesas da coleta de dados serão custeadas pelo pesquisador, não havendo qualquer forma de ônus financeiro aos participantes. Todo o procedimento de pesquisa oferece baixo risco, mas este termo garante nosso comprometimento em manter-nos atentos a possíveis desconfortos, bem como em intervir pela minimização de eventuais prejuízos, caso necessário.

Mantenho-me a disposição para quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa e me comprometo a informar seus resultados após a defesa pública da dissertação. O relatório da pesquisa ficará disponível após a defesa pública, na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfoury, da PUC-SP, Campus Monte Alegre. Os resultados do estudo poderão ser divulgados para fins científicos ou acadêmicos. Caso você esteja interessado(a) em consultá-la, basta acessar o link dessa biblioteca na página www.pucsp.br e preencher o campo de busca com o nome do pesquisador: Denis Canal Mendes.

Dúvidas e denúncias relativas às questões éticas desta pesquisa poderão ser esclarecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUCSP por meio dos seguintes contatos:

Sede: PUCSP Campus Monte Alegre -Rua Ministro de Godoi, 969 – Perdizes – São Paulo –
SP CEP 05015-001. Edifício Bandeira de Mello / Sala 63C / Térreo.

Telefone/Fax (11) 3670-8466 e-mail: cometica@pucsp.br

C.2.1. CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, portador do RG/
RNE / Passaporte _____, País _____,
declaro haver compreendido o objetivo e o procedimento da pesquisa sobre Livro Vermelho,
bem como, tenho ciência que as informações são de caráter sigiloso.

Concordo com a gravação em áudio dos procedimentos da entrevista, como autorizo também
a publicação do conteúdo do trabalho para fins de ensino e pesquisa.

Firmo o presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** (TCLE) que foi a mim
apresentado em 2 (duas) vias, sendo que uma delas ficará em meu poder.

Nome do(a) participante

Assinatura do(a) participante

Denis Canal Mendes

Pesquisador responsável

Psicólogo e Analista junguiano

Mestrando em Psicologia Clínica

e-mail: dcmpsijunguian@gmail.com

+55xx11 9.9991.3057

Prof. Dr. Durval Luiz de Faria

Orientador Psicólogo e Analista didata

Programa de Estudos Pós-Graduados em
Psicologia Clínica do Núcleo de Estudos
Junguianos

Rua Ministro Godoy, 969, Sala 4E-05

CEP 05015-901 - Perdizes, São Paulo/SP

psiclini@pucsp.br +55xx11 3670-8521

APENDICE D: ROTEIRO DA ENTREVISTA

D.1. VERSÃO EM ESPANHOL

Itinerario de la entrevista

1ª. ¿Qué aspectos crees que son importantes en el Libro Rojo?

2ª. ¿Ha cambiado los aspectos de su práctica clínica de la lectura del Libro Rojo?

3ª. ¿Cambiaste la percepción de la teoría jungiano de leer el Libro Rojo?

4º. Nombre tres (3) características que le impresionó en la lectura o la discusión del Libro Rojo?

5º. ¿Qué es lo que más te afectó afectuosamente en la experiencia con el Libro Rojo?
(explique: para experimentar, leer, discutir, otros, etc.)

6ª. Elige un símbolo (palabra, imagen, canción, película, etc...) que expresa tu contacto (en esos varios años) de convivencia con el Libro Rojo?

D.2. VERSÃO EM PORTUGUÊS

Roteiro da entrevista

- 1^a. Quais os aspectos que você julga importante no Livro Vermelho?
- 2^a. Você mudou aspectos da sua prática clínica a partir da leitura do Livro Vermelho?
- 3^a. Você mudou a percepção da teoria junguiana a partir da leitura do Livro Vermelho?
- 4^a. Cite três (3) características que o impressionaram na leitura ou na discussão do Livro Vermelho?
- 5^a. O que mais profundamente te tocou afetivamente na experiência com o Livro Vermelho?
(Explique: à experiência, leitura, discussão, outros etc.)
- 6^a. Escolha um símbolo (palavra, imagem, canção, filme etc.) que expressa seu contato (nesses vários anos) de convivência com o Livro Vermelho?



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O LIVRO VERMELHO NO TRABALHO CLÍNICO DO ANALISTA JUNGUIANO

Pesquisador: DENIS CANAL MENDES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 96779118.0.0000.5482

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.916.533

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica (PEPG em PCL), vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FCHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Denis Canal Mendes, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

A proposta apresenta resumidamente que "(...) Esta é uma pesquisa de mestrado realizada no campo da Psicologia Clínica, que tem como objetivo identificar o impacto e as implicações do Livro Vermelho (2009) no trabalho dos analistas junguianos na América Latina. Esta pesquisa é caracterizada por uma metodologia mista, tanto quantitativa como qualitativa. A primeira etapa quantitativa, será realizada um questionário eletrônico via e-mail. Já na segunda etapa, será realizada entrevistas com os analistas junguianos (IAAP). O material coletado estará organizado por categorias, sendo que os temas e textos mais relevantes (conteúdo), que servirá para a análise de seu conteúdo Bardiu/Faria (2003), e posteriormente analisado à luz da perspectiva da teoria junguiana Penna (2013)."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 2.916.533

Compreender o papel do Livro Vermelho (LV) para os analistas junguianos na América Latina

Objetivo Secundário:

Identificar os aspectos que o Livro Vermelho (LV) suscitou na reflexão técnica sobre a psicologia junguiana nestes analistas.

Identificar os efeitos da leitura do Livro Vermelho (LV) na prática clínica nos analistas junguianos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado na Resolução CNS/MS n. 466/12 que trata das pesquisas que envolvem seres humanos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo-se concluir que a pesquisa possui uma linha metodológica definida, base da qual será possível auferir conclusões consistentes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK;
2. TCLE - OK;
3. Ofício de Apresentação - OK;
4. Projeto de Pesquisa - OK;
5. Autorização para realização da Pesquisa - OK;
6. Parecer de mérito acadêmico - OK;

Esta lista está disponível no site: www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sitio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 2.916.533

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem Pendências e Lista de Inadequações, portanto, somos de parecer favorável à aprovação e realização do projeto de pesquisa em tela.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1169105.pdf	25/08/2018 16:09:54		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_atualizada_24082018_asinada.pdf	25/08/2018 16:07:00	DENIS CANAL MENDES	Aceito
Outros	Parecer_Nucleo_24082018.pdf	25/08/2018 16:06:26	DENIS CANAL MENDES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projeto_do_Mestrado_Comite_de_Etica_Pos_revisado29_08_PUC2018.pdf	25/08/2018 16:03:37	DENIS CANAL MENDES	Aceito

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 2.916.533

Investigador	Projeto_do_Mestrado_Comite_de_Etica_Pos_revisado29_08_PUC2018.pdf	25/08/2018 16:03:37	DENIS CANAL MENDES	Aceito
Outros	Carta_aos_Analistas_folha_de_rosto_da_pesquisa.pdf	28/06/2018 11:44:03	DENIS CANAL MENDES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	2_TCLE_entrevista_em_portugues.pdf	28/06/2018 11:42:44	DENIS CANAL MENDES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	1_TCL_questionario_em_portugues.pdf	28/06/2018 11:42:30	DENIS CANAL MENDES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 25 de Setembro de 2018

Assinado por:
Antonio José Romera Valverde
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br